

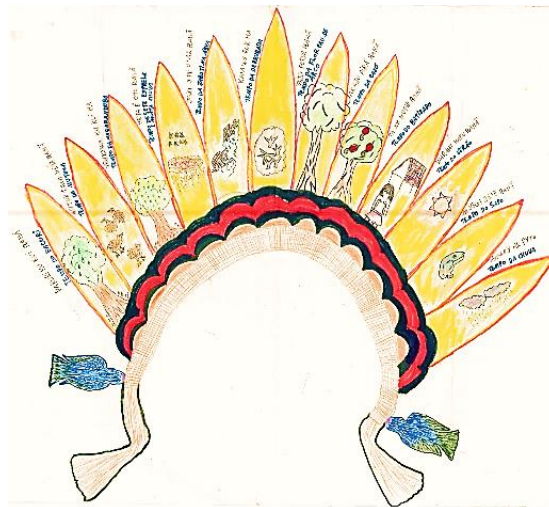


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS DE BRAGANÇA**



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA
AMAZÔNIA**

LORRAM TYSON DOS SANTOS ARAÚJO



**LÍNGUA E CULTURA NO PROCESSO DE TRADUÇÃO KA'APOR
Ajustes Linguísticos em Empréstimos do Português**

**BRAGANÇA- PARÁ
2018**

LORRAM TYSON DOS SANTOS ARAÚJO

**LÍNGUA E CULTURA NO PROCESSO DE TRADUÇÃO *KA'APOR*
Ajustes Linguísticos em Empréstimos do Português**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia- UFPA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia.

Trabalho orientado pelo Prof. Dr. Luís Junior Costa Saraiva e co-orientado pela Prof.^a Dr.^a. Tabita Fernandes da Silva.

**BRAGANÇA- PARÁ
2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Prof. Armando Bordallo da Silva. Bragança, PA / UFPA

Araújo, Lorrain Tyson dos Santos

Língua e Cultura no Processo de Tradução Ka'apor: ajustes linguísticos em empréstimos do português / Lorrain Tyson dos Santos Araújo; Orientador, Luís Junior Costa Saraiva, co-orientadora, Tabita dos Santos Fernandes. — Bragança (PA): [s. n.], 2018.

134 f.: il.; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança, Programa de Mestrado Interdisciplinar em Linguagens e Saberes na Amazônia, Bragança (PA), 2018.

1. Contato linguístico. 2. Empréstimos linguísticos. 3. Língua Ka'apor. 4 Tradução linguística e cultural. I. Luís Junior Costa Saraiva, orient. II. Título.

CDD: 23. ed.: 410

Elaboração: Diego Santos da Silva
Bibliotecário-Documentalista CRB2/593

LORRAM TYSON DOS SANTOS ARAÚJO

LÍNGUA E CULTURA NO PROCESSO DE TRADUÇÃO KA'APOR
Ajustes Linguísticos em Empréstimos do Português

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia- UFPA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia.

Trabalho orientado pelo Prof. Dr. Luís Junior Costa Saraiva e co-orientado pela Prof.^a Dr.^a. Tabita Fernandes da Silva

Professor Dr. Luís Júnior Costa Saraiva
(orientador - UFPA- Bragança)

Professora Dra. Carmem Lúcia R. Rodrigues
(Membro interno - UFPA- Castanhal)

Professora Dra. Eliete de Jesus Bararuá Solano
(Membro externo –UEPA- Belém)

BRAGANÇA- PARÁ
2018

DEDICO ESTA PESQUISA,

primeiramente, **ao povo ka'apor**, desejoso de que signifique como um bom registro da língua, da cultura, e que sirva, de algum modo, às reflexões sobre o ensino da língua nas aldeias, bem como à compreensão da língua e da cultura ka'apor em contato com o português;

e, em segundo lugar, dedico este trabalho
às mães que a vida me presenteou:

Natalina Araújo, engraçadíssima, protetora e dona do melhor abraço. Sonhou tanto comigo por esta realização... se estiver me vendo, certamente deve estar chorando, vermelha, e sorrindo de tanto amor que sentia por mim e por minhas conquistas, as quais sempre serão totalmente dela, também. Minha querida mãe-linda, teu amor me faz seguir, e “é por você que canto” (**quanta saudade, mãe!**);

vó Francisca Félix, amorosa, ciumenta e cuidadora – esteve comigo desde meus primeiros dias na terra às primeiras aulas do mestrado, hoje, também deve estar a me abençoar lá de cima (“de todo amor que eu tenho, metade foi tu que me deu”);

tia Inês dos Santos, calma, auxiliadora e compreensiva... quantas vezes não dividiu comigo o pouco que tinha para que eu tivesse o máximo que poderia me dar (?!)
(adotou-me a mim e a tudo que me envolve);

tia Nádima Araújo, tia-mãe que os últimos anos e um pedido de minha mãe Nata consolidou o laço;

Dedico, também, este estudo à minha queridíssima **orientadora de fonemas, vida(s) e línguas, Cristina Caldas**, que me acolheu desde os primeiros anos da graduação, que me auxiliou nesta pesquisa na medida de suas possibilidades, que disse para que eu fizesse a prova do mestrado deste programa... que sei: torce muito por mim, e que se dedicou por décadas a estudos da natureza deste trabalho. Certamente, sem ela não teria sido possível muita coisa em minha vida! Minha mãe, professora, era apaixonada pela senhora, por esse cuidado e confiança que demonstra ter sobre mim.

Dedico, ainda, **a toda a minha família**, em especial aos meus irmãos, que tanto amo:

Lays (linda) e Leandro (sensível); e
aos meus pequenos-lindos sobrinhos:

Sofia Araújo,

Samuel Araújo,

Waldir Araújo,

Saulo Araújo,

Maria Rita Araújo,

E aos demais que virão;

também dedico às tias Tita, Sandra, Clara, Dalva, Cláudia e Isabel, e
às primas queridas, **Wéllida, Wévilla, Núbia, Lili e Sabrina.**

O apoio e o amor de todos vocês foram fundamentais.

Vocês são meu ponto de chegada e de partida!

Agradeço

Ao Eterno D'us.

Ao Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia, pela oportunidade e por ser um centro de aprendizagens sobre este lugar tão particular que é a nossa casa em descoberta, a Amazônia; sobre culturas, contatos, gentes, nações indígenas, quilombolas e saberes tão importantes para nossa auto compreensão e identidade;

Agradeço imensamente a Cristina Caldas, pela atenção, sempre que pôde, pela exigência e disponibilidade; pelos saberes compartilhados, amizade e paciência. O seu auxílio foi porta essencial para esta etapa de vida acadêmica e humana;

Ao mestre delicado e sábio, meu orientador Luís Saraiva, que me acolheu tão gentilmente para conversarmos (ou batermos papo, como ele prefere dizer) sobre culturas e vidas. Muito obrigado pela paciência, liberdade e atenção. Há muito em ti que me espelho, AMIGO;

Aos ka'apor, que sempre acolheram a mim com muita amizade e respeito pelo meu trabalho, colaborando sempre que solicitava auxílio. Muito obrigado a todos!

Ao José Andrade, antropólogo e pedagogo que permitiu, junto com os indígenas, meu ingresso nas aldeias;

Aos professores Daniel e José Guilherme Fernandes, pelas discussões sobre línguas e culturas, e pelas colaborações para que a pesquisa de campo acontecesse em momentos impropícios. Muito obrigado pela parceria!;

Aos membros da banca, professora Eliete Solano e Carmem Rodrigues, por terem aceita a participação nesta pesquisa, pelos conhecimentos partilhados nas disciplinas e sugestões de melhoramento do trabalho;

Aos professores do programa, pelos saberes todos partilhados, pela humildade e sugestões valiosas sobre a compreensão da pesquisa, dos interlocutores e do ser pesquisador;

À CAPES pela bolsa de 2015 a 2017, sem a qual teria sido consideravelmente mais difícil este percurso;

Aos meus amigos do PPLSA. Os que conheci em minha turma, os das turmas passadas e posteriores, que as salas 4 e 5 do campus de Bragança organizaram intercâmbios maravilhosos;

Às bolsistas do projeto de Mitopoética ka'apor, pelo auxílio nas entrevistas;

Agradeço à minha prima-irmã, Elizete Nogueira, que sempre torceu por mim e que me ensinou a ler e escrever;

À família Nogueira, que me devota muito amor, amizade e respeito;

A Debora Dias, pelo amor absurdo, pela força e companheirismo;

Às amigas Francisca Galeano, Larissa Fontinelle, Patrícia Costa, Aline Costa e Ana Lúcia, Érica Patrícia e Ana Cláudia, pela amizade durante o curso e após as disciplinas, pelo companheirismo, preocupação e incentivo constante;

E por fim, à minha família paterna e materna, todos os meus tios e minhas tias-lindas, pelo cuidado amor e respeito que, à medida que os anos se dão, só aumentam.

A todos estes, meus queridos, muito obrigado!

(Língua e Tradução)

Assim é a tradução: experiência. Experiência (...) do ser-língua.

(BERMAN, 2013, p. 23)

*As línguas diferem essencialmente naquilo que
devem expressar, e não naquilo que podem expressar.*

(JAKOBSON. 2010. p. 87)

(Língua e cultura/Antropologia)

*Cada língua é um vasto sistema diferente dos outros, no qual são
ordenadas culturalmente as formas e as categorias pelas quais as
pessoas não só comunicam como também analisam a natureza e os*

*tipos de relações e de fenômenos, ordenam o seu raciocínio e
constroem a sua consciência. (WHORF, 1956 apud Mateus, 2001,*

p.4)

(Língua e Linguística)

*(...) cada nova língua que se investiga traz novas contribuições à
linguística; cada nova língua é uma outra manifestação de como se
realiza a linguagem humana. (...) cada nova estrutura linguística que
se descobre pode levar-nos a alterar conceitos antes firmados e pode
abrir-nos horizontes novos para a visualização geral do fenômeno da
linguagem humana. (RODRIGUES, 2002, p. 5)*

RESUMO: Esta pesquisa versa sobre aspectos da tradução de empréstimos linguísticos do português no léxico da língua ka'apor, via contato linguístico-cultural com o português brasileiro. Os ka'apor compõem uma etnia de 2.000 mil indígenas situados no noroeste do estado do Maranhão e nordeste do Pará. A língua ka'apor integra um conjunto de oito línguas do ramo VIII da família tupi-guarani (RODRIGUES. 2002). O *corpus* desta pesquisa discute os ajustes de caráter cultural e linguístico que a língua promove no ato da tradução/incorporação de novas palavras e conceitos do português para o ka'apor. Desse modo, esta pesquisa objetivou compreender o estatuto dos empréstimos linguísticos e culturais que vem se incorporando na língua, em campos específicos, como a escola, utensílios domésticos, objetos de uso pessoal, dentre outros. Os dados analisados resultam de levantamento de material bibliográfico, pautados, sobretudo, nos trabalhos de Caldas (2009; 2013) e Kakumasu & Kakumasu (2007), e contou, também, com pesquisa de campo nas aldeias Ximbo Renda e Gurupiuna – 2015 e 2017. Para tratar de aspectos linguísticos e culturais ka'apor este trabalho ancorou-se em Lopes (2009), Andrade (2010), Ribeiro (1996) etc.; no que tange a reflexões sobre Cultura, pauta-se em Geertz (2008), Boas (2005), Laraia (2011), Kroeber (1993) etc.; e, respeitante a Língua, Empréstimos linguísticos, Contato, Tradução seguem-se discussões de Sapir (1962), Carvalho (2009), Nunes (2003), Santos & Albuquerque (2013), Burke (2009), Berman (2013), Jakobson (2010), entre outros. A investigação renuiu dados que confirmaram a hipótese acerca da relevância dos aspectos culturais e tipológicos do Ka'apor como filtros condicionantes da tradução e acomodação de empréstimos nominais do português brasileiro. Nesse sentido, percebeu-se o peso dos ajustes resultados de visão de mundo ka'apor permeando a tradução cultural dos empréstimos de artefatos e gerando lexias próprias para os artefatos; bem como as adequações fonético-fonológicas por que passam os empréstimos quando do uso mais próximo da forma portuguesa, promovendo ajustes do tipo: [l] > [r]; [l] > [n]; [b] > [m]; [d] > [n]; [z] > [s], além de síncopes, apócopes, próteses e inserção de morfemas ka'apor, como o afixo atenuante *ra'yr* ou o nominalizador *ha/har*. A pesquisa constatou, ainda, certo grau de tensão nas relações de contato entre as línguas, favorecendo resistências culturais que fomentam ajustes culturais no uso dos empréstimos.

Palavras-chave: contato linguístico; empréstimos linguísticos; língua *ka'apor*; tradução linguística e cultural.

ABSTRACT: This research deals with aspects of translation of linguistic loans of Portuguese in the lexicon of the Ka'apor language, via linguistic-cultural contact with Brazilian Portuguese. The Ka'apor make up an ethnic group of 2,000 thousand indigenous people located in the northwest of the state of Maranhão and northeast of Pará. The Ka'apor language integrates a set of eight languages of branch XIII of the tupi-guarani family (RODRIGUES, 2002). The *corpus* of this research discusses the cultural and linguistic adjustments that language promotes in the act of the translation / incorporation of new words and concepts from Portuguese into ka'apor. Thus, this research aimed to understand the status of linguistic loans and cultural contexts that have been incorporated in the language, in specific fields, such as the school, household utensils, objects of personal use, among others. The analyzed data result of a survey of bibliographical material, based, in particular, on the works by Caldas (2009; 2013) and Kakumasu & Kakumasu (2007), and also, with field research in the villages Ximbo Renda and Gurupiuna - 2015 and 2017. Treating linguistic and cultural aspects of this work was based in Lopes (2009), Andrade (2010), Ribeiro (1996) etc .; with regarding to reflections on Culture, it is based on Geertz (2008), Boas (2005), Laraia (2011), Kroeber (1993) etc .; and, with regarding to Language, Language Loans, Contact, Translation follows discussions of Sapir (1962), Carvalho (2009), Nunes (2003), Santos & Albuquerque (2013), Burke (2009), Berman(2013), Jakobson (2010), among others. The investigation yielded data confirming the hypothesis about the relevance of the cultural and typological aspects of Ka'apor as filters conditions of translation and accommodation of nominal loans Brazilian Portuguese. In this sense, the weight of the adjustments of world-view results was perceived ka'apor permeating the cultural translation of artifact loans and generating lexias for artifacts; as well as the phonetic-phonological adequations that they undergo loans when used more closely in the Portuguese way, promoting adjustments of the type: [l] > [r]; [l] > [n]; [b] > [m]; [d] > [n]; [z] > [s], in addition to syncopes, apocopes, prostheses and insertion of ka'apor morphemes, such as the attenuating affine *ra'yr* or nominalizer *ha / har*. The research also found a certain degree of tension in the contact relations between languages, favoring cultural resistance that fosters cultural adjustments in the use of loans.

KEYWORDS: linguistic contact; language loans; ka'apor language; linguistic and cultural translation.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1.0	Capítulo I - SOBRE OS KA'APOR: ASPECTOS CULTURAIS E LINGUÍSTICOS	17
1.1	O etnônimo ka'apor	17
1.2	Etno-história ka'apor	18
1.3	Localização ka'apor	19
1.4	Cultura ka'apor	22
1.4.1	A cultura, o contato e as tensões	25
1.5	A língua ka'apor: tipologia	27
1.5.1	Da evolução da língua às constituições lexicais	28
1.5.2	Aspectos fonológicos da língua	30
1.5.2.1	O acento em ka'apor	31
1.5.2.2	A constituição da sílaba ka'apor	31
1.6	Aspectos sociolinguísticos	32
1.7	A educação formal ka'apor	33
2.0	Capítulo II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: ACERCA DAS BASES DA PESQUISA	39
2.1	Cultura: perspectivas antropológicas	39
2.2	Discussões acerca de língua e cultura	45
2.3	Sobre tradução interlíngua e tradução cultural	50
2.4	O estatuto dos empréstimos linguísticos	52
2.5	Discussões acerca de contato entre línguas: o habitat natural dos empréstimos	55

2.6	Línguas indígenas e o português: acerca do contato e dos empréstimos	58
3.0	Capítulo III - METODOLOGIA DA PESQUISA	62
3.1	A coleta dos dados.....	62
3.1.1	O lócus da pesquisa.....	62
3.1.2	Organização dos materiais para pesquisa em campo	64
3.2	Os interlocutores da pesquisa	66
3.3	A implementação da pesquisa de campo	66
3.4	Do trato com os dados	66
3.5	Dos cuidados com a tradução interlíngue e intercultural	68
4.0	Capítulo IV - LÍNGUA E MODOS DE SER (EM) KA'APOR	71
4.1	O ser-língua	71
4.2	Nomes próprios e identificação com a natureza	72
4.3	Descrição e detalhamento ka'apor	73
4.4	Relações linguístico-culturais entre semântica e pragmática	75
4.5	Linguagem matemática e o corpo como instrumento	77
4.6	Quando a língua reduplica	78
5.0	Capítulo V - TRADUÇÃO KA'APOR DE EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS DO PORTUGUÊS	80
5.1	Tradução de empréstimos do português para o ka'apor: empréstimos traduzidos por circunlóquio	80
5.1.1	Fichas de traduções de empréstimos por circunlóquio	84

5.2	Acomodações linguísticas em empréstimos do português para o ka'apor	101
5.3	Empréstimos de artefatos, nomeações já existentes	106
5.4	Empréstimos linguísticos diretos	107
	DISCUSSÕES FINAIS	108
	REFERÊNCIAS	114
	APÊNDICES	119

INTRODUÇÃO

“As línguas indígenas constituem (...) um dos pontos para os quais os linguistas brasileiros deverão voltar a sua atenção. Tem-se aí, sem dúvida, a maior tarefa da linguística no Brasil. (RODRIGUES, 2002, p. 5)

As sociedades indígenas brasileiras, com suas cerca de 180 línguas sobreviventes, divididas nos troncos Tupi e Macro-jê e distribuídas em 35 famílias (TEIXEIRA, 1995, p. 301) e uma dezena de línguas isoladas, por apresentarem-se como línguas minoritárias num Brasil falante ‘oficialmente’ apenas do português, encontram-se há mais de 500 anos sob a forte influência – por vezes, imposição – da língua portuguesa. Estima-se, com isso, que cerca de 1000 línguas indígenas brasileiras foram perdidas em 500 anos de colonização, por motivos de inúmeras ordens, como o desaparecimento físico de seus falantes, advindo de escravização, extermínio direto; por meio de epidemias, redução de territórios, que, reduzidos, subtraíram as condições de sobrevivência (RODRIGUES, 1993 *apud* SEKI, 2000, p. 238), bem como outras causas.

Acerca do estudo das relações de convívio entre línguas distintas, convencionou-se denominar, em Linguística, a vertente de estudos dessa natureza, de Contato Linguístico. Esta área interessa-se por compreender os fenômenos linguísticos indicadores dessa convivência quase nunca harmoniosa entre línguas e culturas, veiculadas por pessoas. Dentre esses indicadores das relações de convívio entre línguas, um que se apresenta, pode-se dizer, muitas vezes nos primeiros estágios do contato – e que é de uma ordem não tão profunda da relação entre línguas – é o empréstimo linguístico de substantivos, sobretudo dos que nomeiam o repertório de artefatos dos mundos particulares de que dispõem as línguas em situação de contato.

Consoante a isto, a língua portuguesa, de vertente brasileira, recebeu, quando em relação ao Tupi Antigo era uma língua minoritária, milhares de vocábulos (substratos) ‘da língua mais falada na costa do Brasil’, os quais recobrem grande parte da flora e fauna, bem como considerável lista de antropônimos e topônimos, muitos dos quais, sincronicamente incorporados ‘à língua nacional’, ajustados em níveis linguísticos e anexados ao léxico do português, deixaram de soar como fonte da influência indígena brasileira.

Nesse sentido, a despeito desta temática, esta pesquisa é motivada por resultado de situação relativamente similar: as marcações que a língua promove em decorrência dos contatos linguísticos e culturais que estabelece, percebidas por meio de empréstimos linguísticos e seus ajustes e traduções (culturais) pelos quais passam no uso e no (possível) processo de vernacularização¹ na língua acolhedora. Desse modo, este estudo incide sobre palavras empréstimos da língua portuguesa (brasileira) presentes no léxico da língua ka'apor, oriundas do contato entre falantes das duas línguas. Para tanto, este trabalho situa-se no âmbito de três áreas dos estudos linguísticos: Etnolinguística, Línguas em Contato, e Tradução cultural e Interlíngua. Este estudo analisa, então, os ajustes linguísticos e culturais que os ka'apor imprimem em face da acomodação e tradução de palavras do português, normalmente motivados pela incorporação de artefatos da cultura do não índio às aldeias e modos de vida ka'apor, no processo de recepção e uso de empréstimos nominais dessa língua. Estes ajustes caracterizam-se, em geral, a) por adequações fonético-fonológicas motivadas pelas interferências entre os sistemas de línguas tipologicamente particulares; b) por modificação no léxico novo – empréstimos –, marcada pela inserção de morfemas próprios da língua e cultura Ka'apór; e ainda c) por neologias, por vias da tradução cultural, tendo em vista o modo próprio da etnia de enxergar (as coisas) (n)o mundo, situação propiciada por referências lexicais disponíveis na língua para renomeações, muitas das quais têm por base o conceito dos empréstimos, de acordo com a percepção ka'apor, de modo a construir signos linguísticos semimotivados, isto é, em que a construção lexical apresenta relação com seu conceito.

Assim, objetiva-se, com esta investigação:

(1) Compreender o estatuto dos empréstimos linguísticos, no que se refere às acomodações e traduções culturais, com o propósito de que se perceba as interferências mais comuns entre os sistemas linguísticos e culturais (PB- Kp) intermediando os ajustes, as possibilidades de incorporação e inovação vocabular na língua ka'apor, motivadas pelo modo como a relação de contato com o

¹ Sobre processos de vernacularização, consultar Carvalho (2009).

português se estabelece (pacificamente/com pequenas tensões), e em que campos, mais especificamente;

- (2) Refletir sobre o contato linguístico e cultural por que vem passando a etnia, com relação ao português brasileiro, a fim de que se perceba sob que formas se dão este contato e como os modos como estes contatos acontecem mostram-se como indicadores do que a língua reflete como registro lexical;
- (3) e este trabalho objetiva, ainda, em sentido lato, servir de material de discussão e reflexão para o grupo de professores e alunos (indígenas e não indígenas) envolvidos na organização de currículo escolar ka'apor, sobretudo para o ensino bilíngue, posto que são levantadas, aqui, noções de visão de mundo ka'apor, interferências fonético-fonológicas entre as línguas; como a etnia concebe artefatos estrangeiros e os ressignifica por motivos como: condição para compreendê-los/concebê-los, para apropriar-se deles, para naturalizá-los/familiarizá-los, e como resistência para manter a identidade indígena.

Quanto à escrita desta pesquisa, esta segue a natureza comum dos trabalhos desenvolvidos em Linguística, isto é, inicialmente são apresentados os aspectos de ordem histórica, quando há necessidade; a fundamentação teórica, e, na sequência, a análise dos dados; contudo, durante as discussões teóricas levantadas para esta investigação, sempre que possível, trouxe-se, já, a *lume*, questões diretamente relacionadas a este estudo, como: situações por que passam as etnias indígenas neste país, acerca da cultura e língua dominante, bem como possíveis exemplos linguísticos de empréstimos e situações de contatos linguísticos entre as línguas indígenas e o português. Esta perspectiva de alinhar todas as partes da escrita deste trabalho com o cerne das investigações propostas por ele – ou seja: uma discussão sobre línguas, culturas e contatos –, foi tomada com a finalidade de se retratar tais situações não apenas no capítulo de análise, mas que estejam presentes, quando cabível, diluídas durante a tessitura maior desta pesquisa.

Nesses termos, este estudo encontra-se estruturado em cinco capítulos. O primeiro capítulo discorre acerca de informações da etnia ka'apor, no que respeita a dados de natureza geográfica, sociocultural, histórica e da estruturação da língua ka'apor. O segundo capítulo comporta os fundamentos teóricos que embasam este

estudo nos campos da Língua, Cultura, Tradução linguística e cultural, e do Contato linguístico. Deste último ponto, o capítulo faz menção à situação da língua portuguesa brasileira em termos da influência das línguas indígenas autóctones para a constituição do léxico que especializa o português brasileiro. A metodologia desta pesquisa está disposta no terceiro capítulo. O quarto capítulo versa acerca de 'modos de ser ka'apor', em que se faz breve levantamento de situações em se que dão a conhecer possíveis considerações respeitantes à formação do ser ka'apor por meio de sua língua e cultura. E, por fim, o quinto capítulo apresenta análise de aspectos linguísticos e culturais envolvidos nas traduções e acomodações de empréstimos linguísticos e culturais do português na língua ka'apor, cerne desta investigação.

CAPÍTULO I

1.0 SOBRE OS KA'APOR: ASPECTOS CULTURAIS E LINGUÍSTICOS

Este capítulo discute informações geográficas e de caráter social, cultural e histórico do povo ka'apor, fazendo menção aos primeiros momentos em que foram contatados pela sociedade não indígena (brasileira); assim como discorre acerca de como vivem na atualidade. Esta seção faz referência, também, a aspectos que estruturam a língua ka'apor e que tocam diretamente na perspectiva desta investigação.

1.1 O etnônimo ka'apor

Segundo Lopes (2009), uma das autoneomeações² feitas pelos índios ka'apor³ para a etnia, é a de que se reconheciam, em certo momento, como sendo os “urubu-ka'apor”. Em que se nomeavam conforme identificação com o significado das três partes pertencentes à sua autoneomeação, respectivamente: a ave urubu-rei, a mata (ka'a) e a marca de habitantes/moradores (por).

Acerca da partícula “urubu”, Lopes (2009) elucida:

“Também os *Ka'apor* são denominados de *Urubu-Ka'apor*. A essa expressão são atribuídos dois sentidos. Um sentido faz referência à ave urubu-rei que aponta para um símbolo de prestígio e força, pois o urubu-rei voa mais alto do que os outros urubus. O outro sentido está associado ao costume dos *Ka'apor* de comerem reunidos uma caça até que dela restem apenas os ossos, o que seria semelhante a um grupo de urubus. Esse último sentido foi atribuído aos índios pelos portugueses e brasileiros no século XIX, e por indigenistas na década de 50” (LOPES 2009, p.23)

Esta nomeação resistiu, possivelmente, até os períodos de contato mais direto e intenso com não índios, quando os ka'apor, percebendo o sentido pejorativo/depreciativo que a ave “urubu” apresenta em outras culturas, e, em caso específico, a cultura brasileira, reduziram a autoneomeação a simplesmente ka'apor.

² Lopes (2009, p. 22) apresenta em sua obra, ainda, algumas possíveis origens para o nome Ka'apor e outra autodenominação; respectivamente: *Ka'aporte*, os verdadeiros moradores da mata; *ka'a pypor*: pegadas de mata; *kambô Ka'apor xirikitã*, caboclo, morador da mata, cristão.

³ Os ka'apor são um grupo indígena oriundos do tronco tupi-guarani. Situam-se ao noroeste do Maranhão e nordeste do Pará, onde se distribuem em cerca de 12 aldeias (LOPES, 2009).

Ribeiro (1996, p. 204), durante sua primeira expedição a aldeias ka'apor, em conversa com o índio ka'aró recebeu a informação de que se reconheciam como “Kâmbô Kaá-por Xiriquitã”. Esta autonegação, o antropólogo conjectura, resultaria do contato que tiveram com possíveis “velhos jesuítas”. A (auto)nomeação registra a presença de duas palavras não próprias da língua ka'apor: caboclo e cristão. Assim, o autor, elucida que:

O sentido geral do que ele me disse é: somos caboclos, moradores da mata e cristãos. Com efeito, a frase registra, como reminiscência, um convívio deles com missionários quaisquer. E permite, também, a dedução de que têm, denominação e autodefinição genérica, o nome que a gente do seu contexto lhes dá: *caboclos*. Mas surge límpida, pela primeira vez, a autodenominação, o nome tribal de seu povo: Ka'apor. Que quer dizer o povo da mata, silvícola em latim. (RIBEIRO, 1996, p. 204)

Com isso, Ribeiro (1996) considera que não há mais motivos para chamar-lhes sob o modo que ele percebe ser um “apelido depreciativo [o] de “urubus” mas que, diz, doravante, tratá-los-á como ka'apor.

Outra informação acerca da nomeação ‘urubu’ elucida que não trataria de uma autodenominação, mas sim de que essa nomeação teria partido dos Tembê, conforme aponta Andrade (2010):

(...) existe a informação de que esta denominação pode ter sido utilizada pelos Tembê ao se referirem aos *Ka'apor* como urubu tapii, que significa “abutre bárbaro”. Tal expressão teria sido com o passar do tempo, assimilada pelos regionais, chegando a ser adotada até hoje por muitos ao se referirem aos *Ka'apor*. (ANDRADE, 2010, 49)

Corrêa da Silva (1997 *apud* CALDAS, 2009, p. 22) aponta que ainda que tenham entrado, em princípio, para a história do Brasil como tendo o nome “urubu ka'apor” foram tratados pela literatura mais especializada sob os nomes, em ordem cronológica, de ‘Urubu’, ‘Urubu-Ka'apor e mais atualmente apenas como ‘Ka'apor.

1.2 Etno-história ka'apor

Os Ka'apor foram arredios até o final do século XIX, quando, após quase duas décadas de resistência, aceitaram contato mais efetivo com membros do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), em 1928 (RIBEIRO, 1996, p.82). A principal metodologia usada para a ‘pacificação’ e contato com a etnia era a doação de objetos (presentes) deixados na mata para os ka'apor.

Por durante muito tempo os Ka'apor foram temidos por sua destreza guerreira e hostilidade. De acordo com Ballé (s.a, s.d) os primeiros contatos com os Ka'apor datam de 300 anos atrás, possivelmente entre os rios Tocantins e Xingu. O autor acredita que advindo de conflitos com colonizadores luso-brasileiros e povos nativos, a etnia iniciou grande e lenta migração que os fez sair do Pará no ano de 1870, via Rio Gurupi, até o Maranhão, onde estão grande parte das aldeias, hoje.

1.3 Localização ka'apor

Atualmente os Ka'apor são uma etnia composta por cerca de 2.000 mil índios, distribuídos em 12 aldeias em uma área de proteção florestal de 5.301 km² na divisa entre os estados do Pará e Maranhão – noroeste do estado Maranhão e parte nordeste do Pará.

Parte das terras indígenas ka'apor vivem sob a invasão de fazendeiros e madeireiros, o que fez os Ka'apor iniciarem um processo de 'proteção territorial' (*Ka'a usak ha ta*) de sua reserva indígena. Esta situação tem posto a vida física ka'apor em situação de risco e tem feito alguns grupos se realocarem para antigos pontos de extração ilegal de madeira da reserva, com a intenção de afastar madeireiros e vigiar, em maior número de pontos, as terras. Abaixo, encontra-se o mapa, no qual destaca-se a área indígena em que estão dispostas as aldeias ka'apor.



Figura 1: localização das terras indígenas *ka'apor*.
Fonte: Lopes (2009)

Parte das aldeias, em comparação às antigas aldeias (desativadas), encontra-se mais próximas de centros urbanos. “Assim, o povo *ka'apor* mantém contatos constantes com as cidades de Paragominas (PA) e de São Luiz (MA)” (CALDAS. 2010). Seguem os nomes das doze aldeias *ka'apor*⁴:

- 1- Xie pihun r-ena⁵
curió⁶ preto CT⁷-lugar
“Lugar do Curió Preto”

⁴ A sistematização dos nomes das aldeias *ka'apor* e suas traduções encontram-se em Lopes (2009, p. 25-26) e Caldas (2009, p. 25-26).

⁵ Há, entre os *Ka'apor*, aldeias que têm preferência pela pronúncia 'renda' [rẽ'da]

⁶ Ave. *Oryzoburus angolensis* (CALDAS. 2009. p.310)

⁷ CT – Contiguidade. Esta proposta segue orientação de Rodrigues, (1996, p.58 *apud* LOPES, 2009, p. 25) segundo a qual este prefixo relacional é tomado como marcador de contiguidade.

2- Parakuri r-ena
 parakuri⁸ CT-lugar
 “Lugar do Paracuri”

3- Pakuri’y r-ena
 bacuri-árvore CT-lugar
 “Lugar do bacurizeiro”

4- Urutaw r-ena
 coruja⁹ CT-lugar
 “Lugar da Coruja”

5- Ximbo r-ena
 ximbó¹⁰ CT-lugar
 “Lugar do Ximbó (Timbó)”

*Ximbó é um tipo de cipó utilizado na pescaria.
 Quando o ximbó é colocado dentro da água do
 igarapé, libera-se um veneno que provoca a morte dos peixes.*

6- Waxingi r-ena
 waxingi¹¹ CT-lugar
 “Lugar do Waxingi (samaúma)”
Uaxingui é uma árvore da qual se extrai a casca para fazer vitamina.

7- Arasa - ty r-ena
 araçá¹² - plantação CT-lugar
 “Lugar da plantação de araçá”
Arasa refere-se a um matinho que nasce nas águas.

8- Pyky’a-‘y r-ena
 piquiá-árvore CT-lugar
 “Lugar da árvore do Piquí”

9- Kumaru-‘y r-ena
 cumaru¹³-árvore CT-lugar
 “Lugar da árvore Cumaru”
Cumaru é uma árvore de onde se extrai remédio para dores de ouvido e garganta.

10- Jatahu-ty¹⁴ r-ena

⁸ Fruto. *Platonia esculenta* (CALDAS. 2009. p.267)

⁹ Ave. *Speotyto cunicularia*. (CALDAS. 2009. p.271)

¹⁰ Erva. *Piscidia erythrina*. (CALDAS. 2009. p.311)

¹¹ Árvore. *Ceiba pentandra*. (CALDAS. 2009. p.306)

¹² Fruto. *Psidium cattleianum*. (CALDAS. 2009. p.201)

¹³ Fruto. *Dipteryx odorata*. (CALDAS. 2009. p.239)

¹⁴ O trabalho de Lopes (2009, p. 26) não aponta a partícula ‘-ty’, nesta palavra, como sendo morfema marcador da noção “plantação”, contudo, baseando-se nos exemplos acima, nos quais há demarcação nesta perspectiva, e tendo em vista o registro de Caldas (2009, p. 222)

Babaçu¹⁵ - plantação CT-lugar
 “Lugar do Babaçu”
Babaçu faz referência ao coco do tipo babaçu.

11- Turi - ra'yr

Turi - DIMIN

“Turi pequeno [= cabeceira do rio Turi]”

Há os que chamam ‘Turizinho’.

Neste caso tem-se exemplo de uma palavra do ka'apor com um sufixo do português. Uma palavra de morfologia mista, portanto.

12- Xixinu

sítio novo

“Sítio Novo”

Tem-se na nomeação desta aldeia exemplo de empréstimo linguístico do português¹⁶.

1.4 Cultura ka'apor

Cada povo é diferente por causa da pintura, por causa do jeito, por causa da cultura [...] é isso que o povo brasileiro tem que entender. (Itahu Ka'apor - em discurso para professores e alunos ka'apor)¹⁷

A economia *ka'apor* baseia-se no cultivo da mandioca (*mandi'ok*), para a produção da farinha (*u'i*). Segundo Lopes (2009, p.35), a alimentação *ka'apor* tem base em dois tipos de mandioca: a mandioca brava (fonte principal de calorias) e a mandioca comum. Da primeira, faz-se o chibé (*u'i tykwar*) – muito apreciado nas aldeias–, e a farinha de mandioca, que acompanha grande parte dos pratos ka'apor; da segunda, faz-se a tapioca (*mbeju*) e o mingau (*jyk*). A alimentação ka'apor também incorpora as carnes de caça, além de frutas, das quais se destacam o bacuri (*pakuri*) a manga (*mang*), o caju (*akaju*), o açai (*wasai*) e a banana (*pako*).

para “Jatahu” como sendo ‘babaçu’, marcou-se neste trabalho ‘-ty’ como morfema designador de plantação.

¹⁵ Palmeira. *Orrbignya speciosa*. (CALDAS. 2009. p.222)

¹⁶ A motivação para estes ajustes podem ter se dado pelas seguintes situações: no caso da palavra ‘sítio’ a fricativa surda alveolar [s] ajustou-se na fricativa surda palatal [ʃ] por influência da vogal anterior alta [i], de pronúncia próxima ao palato duro. Quanto ao caso da africada [tʃ] ajustar-se em [ʃ], este fato pode ter-se dado por conta desta apresentar-se em início de sílaba e diante de [i], situação em que [tʃ], na língua ka'apor, sofre variação para [ʃ], como nos casos de pronúncia para ‘timbó’ = [tʃbɔ]~[ʃbɔ]; ‘timbira’= [tʃbir]~[ʃbir] (CALDAS, 2009, p.38). Quanto à palavra ‘novo’, tendo em vista que o Ka'apor é língua de preferência oxítona, apocopou a sílaba átona ‘-vo’ e, no caso da sílaba tônica ‘no-’ alteou a vogal de [o] para [u].

¹⁷ Citação retirada de texto que compõe o diário de campo usado nesta pesquisa.

(...) E alguns itens comestíveis só são comidos algumas vezes por algumas pessoas. O complexo de tabus alimentares centraliza-se em ritos associados à fertilidade feminina, especialmente o resguardo e o ritual de puberdade. Para quem se encontra nestes estados, a única carne de animal terrestre permitida é a do jabuti de pé amarelo. (BALÉE. s.d. s.a.).

Há, contudo, algumas restrições para certos tipos de animais para caça e ingestão de frutas por alguns grupos em determinados momentos, como período da noite resguardado, mulheres se abstendo de alguns alimentos em períodos de menstruação etc. A pesca não é muito de suas práticas, são bem mais coletores e caçadores, contudo, quanto à alimentação por peixes, os mais consumidos nas aldeias são o paku (*paku*), a piranha (*pirãj*), a traíra (*tere'yr*), o jeju (jeju) e o surubim (*suruwí*). Não são carnes de caça as carnes de cobra (*mboi*), de onça (*jangwate*), bicho preguiça (*a'yhu*) e o tamanduá (*myjaraí*). Lopes (2009) elenca as justificativas, segundo o cacique Petrônio Ka'apor:

(a) carne de onça: “se comermos a onça, nossos filhos irão nascer moles como os filhotes da onça. dessa forma, se comermos a carne da onça, teremos que colocar nossos filhos num buraco e alimentá-los até se fortalecerem.”

(b) carne de tamanduá: “se comermos a carne de tamanduá, não encontraremos mais caça na floresta. com isso, o ka'apor terá brigas dentro de casa, pois, se o homem não traz a caça, não há alimentação. então, se não há alimentação, não há lar.”

(c) carne de bicho preguiça: “se comermos a carne de bicho preguiça, então, andaremos como o bicho preguiça até a nossa morte. (LOPES, 2009, p.37)

Quanto a não se comer cobra, Ribeiro (1996 *apud* LOPES 2009, p. 37-38) registra que os Ka'apor mais antigos comiam carne de cobra, todavia, após uma delas ter engolido um índio da aldeia, pararam de comer esta carne. As caças mais apreciadas pelos ka'apor são as de carnes de “veado galheiro, caititu, queixada, paca, cutia, macaco guariba, duas espécies de jabuti, jacaré e várias espécies de cracídeos, mutuns e tinamídeos” (BALÉE. sd. s.a).

Há, também, a produção de artesanatos¹⁸ como braceletes, pentes de madeira, esteiras de fibra, redes cestos, adornos para os lábios, cocares, brincos

¹⁸ Parte desta produção tem se direcionado à venda para não indígenas, o que tem modificado, em torno das produções, aspectos como: resignificação de alguns desses objetos, por parte de quem produz e do não indígena que o consome; a feitura de modelos que não são comuns à estética, formas geométricas e cores de predileção ka'apor; bem como a produção diferenciada,

e adornos para cabelo, feitos com miçangas, penas, sementes, ossos de animais, assim como o uso de caroços e sementes. Os *ka'apor* são muito conhecidos por sua cuidadosa confecção plumária, o encantamento por esta prática fez Berta Ribeiro e Darcy Ribeiro escreverem um livro acerca da “Arte plumária ka'apor”. Balée (1998) acerca dessas produções, diz que

Colonizadores brasileiros que atacaram e aniquilaram aldeias Ka'apor, por volta de 1900, ficaram surpresos ao descobrirem esplêndidos cocares de penas coloridas dentro de pequenos baús de cedro, que os sobreviventes, em fuga, teriam deixado para trás. (BALÉE sd. s.a)¹⁹

Seguem-se ilustrações²⁰ da produção da cultura material ka'apor:

Figura 2



Kywa
Pente feito do talo de injá



Hembepor
Labrete



Xu'a rupi har
Cinto



Homem kaapor com cocar (japuruwái), brincos, labrete e pulseira



Ipo apyr rupi har (ara ra)
Pulseira



Japuruwái
Cocar (diadema)

que atende a um pequeno mercado consumidor, aumentando, assim, o número de produções, modificando o tempo de feitura das mesmas, além de seus usos etc.

¹⁹ Este material encontra-se disposto no seguinte endereço eletrônico: Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil - Instituto Socioambiental: <http://pib.socioambiental.org>

²⁰ As ilustrações que exemplificam a cultura material ka'apor encontram-se em Kakumasu & kakumasu (2007, p. 54)

Há nas aldeias o cultivo de temperos, vegetais usados para a alimentação, algumas ferramentas, fibras e medicamentos. Ribeiro (1996), em uma de suas duas expedições às aldeias da etnia descreve a produção de objetos de cerâmica pelos *ka'apor*. Atualmente este tipo de trabalho já não se faz presente nas aldeias.

Não há, culturalmente, uma divisão rigorosa de fazeres característicos de homens e outros de mulheres. Embora os homens, normalmente, cacem e colem, e as mulheres cuidem dos trabalhos relativos à plantação e a cozinha (CALDAS. s.d. s.a.), não é incomum que estas também participem dos trabalhos 'mais pesados' na roça, com seus maridos.

No que se refere à cosmogonia *ka'apor*, o grupo acredita que 'Maíra' ou 'Mair²¹' foi a entidade que os criou, que criou tudo. Ribeiro (1996, 375), por meio do relato de um *ka'apor*, descreve que esta entidade pode aparecer sob várias formas, desde como um *ka'apor*, um *karaí*²² ou mesmo um cachorro (*jawa*) ou outro animal, como um cavalo (*kahwa*). Maíra teria criado os povos a partir da madeira. Os tipos diferentes de madeiras condiziam com as diferenças de grupos: os *ka'apor* haviam sido feitos de pau d'arco (*taji'y*); os *karaí* são oriundos da samaúma (*waxingi*) e os guajá, de pau podre (*myra-juk*).

1.4.1 A Cultura, o contato e as tensões

Os *ka'apor* foram por muito tempo considerados um dos povos indígenas mais temidos por serem hostis e aguerridos, características que fez tornar prioridade a 'pacificação' destes pelo SPI. Desde o período de relações de maior contato com os não indígenas, os *ka'apor* têm enfrentado grandes questões acerca da manutenção de seus territórios, de sua língua, modos de vida, etc. Advindo desta motivação externa, o cenário cultural *ka'apor* vem passando por consideráveis modificações: a bebida alcoólica (industrializada), por exemplo, foi, por certo tempo, um grande problema entre muitos indígenas²³; a inclusão do sal de cozinha, de alimentos enlatados, têm trazido para as aldeias o peso de

²¹ Kakumasu & Kakumasu (2007, p. 171) registra *Mair* como um herói cultural dos índios kaapor.

²² *Karaí* é a forma como os não indígenas são denominados na aldeia. Há, ainda, outras formas, como *Kamará* e *branco*, ambas, possivelmente emprestadas da língua portuguesa.

²³ Encontra-se, aí, um dos motivos pelos quais a etnia, com o auxílio do antropólogo José Maria Mendes Andrade, que vive com eles, organizaram um Termo de Convivência em que é proibida a entrada de bebida alcoólica nas aldeias *ka'apor*.

doenças antes desconhecidas por eles. A retomada e proteção das terras indígenas ka'apor têm posto em questão a integridade física da etnia, e questões relacionadas ao “poder” (monetário e simbólico) também tem separado aldeias.

Não obstante, frente essa situação, Andrade (2010, p. 75) em sua etnografia sobre os ka'apor considera que

(...) ao longo dessas últimas décadas (1989 – 2009) vêm se configurando na região do Mearim - Pindaré - Gurupi um processo intenso de ameaças à vida das sociedades indígenas, sobretudo, ocasionadas pela presença de forças que representam os grandes projetos agropecuários, mineradores e madeireiros na região. Como os territórios indígenas representam uma das últimas áreas com uma vasta biodiversidade da Amazônia Legal, logo, tem se tornado alvo de disputa dessas principais forças. Nota-se que as formas adotadas para chegar aos territórios e às pessoas que vivem nessas áreas são as mais perversas. Desde o incentivo à invasão das terras por trabalhadores rurais, invasão por grupos pecuaristas e madeireiros, ao aliciamento de lideranças indígenas em troca de recursos financeiros e bens materiais que representam uma interferência considerável na dinâmica da sociedade Ka'apor; trazendo grandes desequilíbrios a ponto de comprometer e ameaçar a reprodução física e cultural do grupo.

Por motivação do contato, a etnia em tela iniciou o processo de aquisição do português por perceber a necessidade dessa aprendizagem para maior autonomia em relação à sociedade circundante e para melhor gerenciar as demandas que incorporam os ka'apor enquanto cidadãos brasileiros com deveres a cumprir e direitos a exigir.

Por outro lado, quiçá, ainda que desproporcionalmente, o contato trouxe benefícios respeitantes à saúde ka'apor, sobretudo no sentido de tratamento de epidemias que em outros momentos foram responsáveis por décadas de dizimação deste povo, “como epidemias de sarampo, infecções respiratórias e outras síndromes virais” (ANDRADE, 2010, p. 65).

Caldas (sd.sa.), a respeito de aspectos como os supracitados e acerca da organização familiar ka'apor e de suas resistências em favor da cultura, elucida que

Mesmo a despeito desse histórico prejuízo, os ka'apor continuam na sua luta por manter a cultura originária. Por isso, mantêm suas práticas e saberes, como o agrupamento em famílias uxoriocais, em que, após o matrimônio, os cônjuges vão morar na casa da mulher. O parentesco é determinado mediante a regra de casamento de primos cruzados. O capitão ou capitoa são os chefes das aldeias e tem uma relação de poder com os demais relativamente igualitária, sem grandes ambições de poder e de bens materiais. (CALDAS sd.sa.)

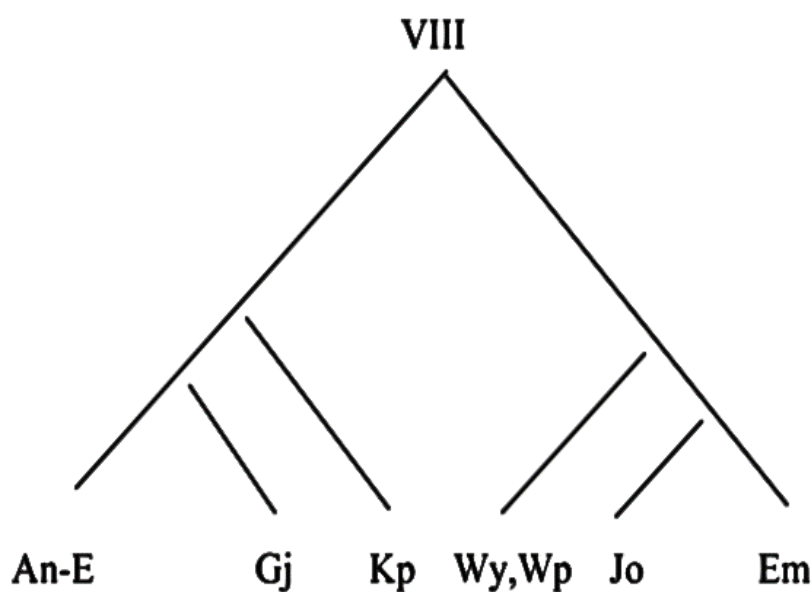
Atualmente, a etnia tem visto na educação formal uma possibilidade de luta em prol do próprio povo, de sua manutenção étnica, percebendo-a, ainda, como uma ferramenta indispensável para se lutar em um cenário em que o valorizado são as letras (grafias), os conhecimentos científicos em detrimento dos saberes populares, os textos escritos ante as vivências; o poder, o dinheiro frente à vida.

1.5 A língua *ka'apor*: tipologia

O *ka'apor* é uma língua associada ao tronco Tupi, da família tupi-guarani, pertencente ao subconjunto VIII (RODRIGUES 1985 *apud* SILVA, 2000, p. 597), visto apresentar interseções de traços fonológicos, gramaticais e lexicais com as línguas Wayampí (Oyampí) (Wy), Wayampípukú (Wp), Emérillon (Em), Urubuka'apor (Kp), Guajá (Gj), e Anambé de Ehrenreich (An-E) (CABRAL; MAGALHÃES, 2004, p. 66). Foi associada, também, a este ramo a língua Jo'e (Jo), quando da revisão acerca do desmembramento das línguas da família tupi-guarani deste ramo, feita pelos mesmos pesquisadores supracitados. As afinidades que compartilham as línguas supracitadas dizem da possibilidade de advirem de origem comum. Segue árvore genealógica proposta por Rodrigues e Cabral (*ibidem*).

Quadro 1

Ramo VIII da família Tupi-Guarani



Embora geograficamente falada em região próxima a aldeias que usam o Tembé (Tenetehara) e Guajá, no MA, o ka'apor não demonstra aproximação com essas línguas. Apresenta apenas uma ligeira afinidade lexical e fonética com o Guajá.

De acordo com Cabral e Magalhães (2004) todas as línguas pertencentes a este ramo, por vias do contato, assimilaram empréstimos linguísticos oriundos de variedades da Língua Geral Amazônica (LGA). Corrêa da Silva (1997 *apud* CALDAS, 2009, p. 28) argumenta em favor da LGA ter influenciado o ka'apor especialmente em aspectos fonéticos e morfológicos.

1.5.1 Da evolução da língua às constituições lexicais

O Ka'apor, tendo em vista as migrações por que passou ao longo de seu trajeto histórico, carrega aspectos gramaticais, fonológicos e vocábulos oriundos de outros sistemas. Como ressaltado alhures, a LGA foi uma das grandes influenciadoras de parte da constituição da língua na atualidade. Acerca disso Balée (s.d. s.a.) levanta possibilidade de justificativa para a origem de empréstimos linguísticos em Ka'apor, oriundos da LGA:

Antes de 1820, os Ka'apor podem ter gozado, de forma intermitente, de relações pacíficas com a sociedade luso-brasileira, até mesmo nos assentamentos das missões, o que se infere do folclore Ka'apor. Se isto é verdade, ajudaria a explicar por que há tantos empréstimos e outras influências na língua Ka'apor que parecem advir da língua geral amazônica, falada por missionários e por grande parte da comunidade paraense nos séculos XVIII e XIX (BALÉE. sd. sa.).

Dentro de mesma perspectiva Fabre (2005) faz considerações acerca de aspectos históricos da língua ka'apor, apontando que ela, por conta dos contatos, demonstra ser resultado das várias influências de línguas com que conviveu historicamente, algumas, inclusive, de tipologia distante. Assim, elucida que

A língua Urubu-Ka'apor pertencia, segundo Rodrigues (1958), ao grupo Tenetehara (junto ao Guajajara, Tembé etc.) contudo em sua nova classificação (1984-1985) situou-a no grupo VIII (junto com o wayãpi e emerillon). Dietrich (1990), por sua vez, considera que o Urubu forma um subgrupo a parte dentro da família tupi-guarani, e Arnoud (1983) ressalta o parentesco entre Urubu-Ka'apor e o Araweté.

Mais recentemente, Corrêa da Silva (fins da década de 90) sugeriu que o problema da classificação da língua Ka'apor dentro da família tupi-guarani deve-se a uma forte influência da Língua Geral Amazônica sobre a língua dos povos ka'apor de outras épocas, falantes de uma variedade pertencente ao ramo H. O Ka'apor seria, assim, uma língua surgida do contato histórico entre línguas tupi-guarani pertencentes a diferentes ramos da família. Por conta disso tem-se dificuldade em alocá-la em um quadro genético tradicional apoiado em constantes e nítidas dissidências de protolínguas em ramos sempre divergentes. (FABRE, 2005, p 03) (tradução nossa)²⁴

Na atualidade, o Ka'apor, pelo mesmo motivo, o contato, demonstra renovar em alguns níveis a língua. Há léxicos que, inclusive, não são mais sentidos como estrangeirismos e que chegam – após serem usados 'concomitantemente' com seus correspondentes ka'apor – a suplantá-los. Por conta disso, as formas para 'mãe' e 'pai', em Ka'apor, por exemplo, já não são produtivas. Kakumasu & kakumasu (2007, p.80) registram este fato em seu dicionário ka'apor, quando elucidam que

(...) Por exemplo, 'mãe' em kaapor é *-hy* (Tupi antigo = *sy*), mas este termo é substituído pela palavra portuguesa 'mãe'. Assim, *Pije-mãi* é 'mãe de Pije'. *Pakopirã-mãi* é 'mãe de pakopirã' (banana roxa). Embora *-ru*, 'pai' seja ainda o termo preferido, *-ru* está sendo pouco a pouco substituído pela palavra portuguesa 'pai'. As mulheres sempre dizem 'pai' em vez de *-ru*, por exemplo, *ihê pái*, 'meu pai'. Um homem cujo filho se chama Nosê é chamado *Nosê-ru*, 'pai de Nosê', ou, às vezes, Nosê-pái.

Além destes vocábulos há ainda outras palavras que demonstram estar muito bem incorporadas ao léxico da língua ka'apor e que são resultados de contatos já há bastante tempo. Delas registram-se, aqui, as seguintes: 'kamará' (forma apocopada de 'camarada' – português) 'batizado', 'parente',

²⁴ "El Urubú-Ka'apor pertenecía según Rodrigues (1958) al grupo Tenetehara (junto con el Guajajára, Tembé, etc), pero su nueva clasificación (1984-85) lo ubica en el grupo VIII (junto con el Wayãpi y emerillon). Dietrich (1990), por su parte, considera que el Urubú forma un subgrupo aparte dentro de la familia tupí-guaraní, y Arnaud (1983) resalta el parentesco entre Urubú-Ka'apor y Araweté. Últimamente, Corrêa da Silva (s.f. [fines de la década del 90]) sugiere que el problema de la clasificación de la lengua Ka'apor dentro de la familia tupí-guaraní se debe a una fuerte influencia de la lengua general amazónica (...) sobre la lengua de los ancestros de los Ka'apor, hablantes de una variedad perteneciente al ramal H. El Ka'apor sería, pues, una lengua surgida del contacto histórico entre dos lenguas tupí-guaraní pertenecientes a diferentes ramales de la familia. De ahí su estatus difícil de ubicar en un cuadro genético tradicional basado en sucesivas y nítidas escisiones de protolenguas en ramales siempre divergentes." (FABRE, 2005, p 03).

'capitão/capitão'; algumas das quais, possivelmente, enriqueceram e substituíram vocábulos próprios da língua ka'apor.

1.5.2 Aspectos fonológicos da língua

A língua ka'apor, de acordo com os trabalhos de Caldas (2009), kakumasu (1986 *apud* CALDAS 2009) e Lopes (2009) organiza-se por meio de um sistema de 15 fonemas consonantais e 12 fonemas vocálicos. Quando levados em consideração os fones em variação livre o número de fones consonantais chega a 22, dos quais, dois são glotais e os demais supraglotais. Levando-se em consideração as realizações de sons vocálicos alofônicos, a língua dispõe, então, de 13 realizações. Segue, nos quadros 1 e 2, a organização dos fonemas da língua.

FONEMAS CONSONANTAIS

Quadro 2

	LABIAL	ALVEOLAR	PALATAL	VELAR	GLOTAL
OCCLUSIVA	/p/	/t/		/k/ /k ^w /	/ʔ/
FRICATIVA		/s/	/ʃ/		/h/
NASAL	/m/	/n/		/ŋ/ /ŋ ^w /	
FLEPE		/ɾ/			
APROXIMANTE	/w/		/j/		

FONEMAS VOCÁLICOS ORAIS E NASAIS

Quadro 3

	Anterior		Central		Posterior	
+ Alta	/i/	/ĩ/	/i/ /ĩ/		/ũ/	/u/
- Alta	/e/	/ẽ/			/õ/	/o/
Baixa			/a/	/ã/	Arredondada	
	Não arredondada					

1.5.2.1 O acento em Ka'apor

As palavras em Ka'apor apresentam marcação de sílaba tônica previsivelmente recaída sobre a última sílaba, isto é, são oxítonas em sua maioria, em situações de palavras com mais de uma sílaba. Há um número reduzido de palavras cuja sílaba tônica tem incidência sobre a penúltima sílaba.

1.5.2.2 Constituição da sílaba ka'apor

O sistema de sílabas na língua ka'apor permite que estas sejam formadas com um núcleo e margens opcionais. A margem esquerda (posição de ataque) pode ser ocupada por apenas um segmento consonantal, e qualquer consoante da língua pode figurar esta posição. Já a margem direita (coda), pode acontecer, também, em ka'apor, contudo apresenta número reduzido de consoantes a realizarem-se nessa posição, dentre elas encontram-se:

- 1- a consoante oclusiva velar [k] - bastante produtiva
ex.: *kutuk* (lavar, furar);
- 2- as nasais [m, n, ŋ] - relativamente produtivas
ex.: *ihym* ((é) liso), *pihun* (preto), *akang* (cabeça);
- 3- a consoante alveolar [r] - bastante produtivo
putyr (flor);
- 4- as aproximantes [w, j] - relativamente produtivas
Urutaw (coruja), *ruwaj* (rabo);

Deste modo o sistema silábico do ka'apor assegura as possibilidades de sílabas constituídas apenas por V, CV, VC, CVC.

1.6 Aspectos sociolinguísticos

Apenas na aldeia Sítio Novo a língua *ka'apor* não assume mais caráter de primeira língua. Esta situação, possivelmente, resulta do fato de os ka'apor desta aldeia estabelecerem intensas relações de convívio com falantes do português em com as cidades mais próximas. Nas demais aldeias, o Ka'apor é usado em todas as situações de comunicação. Grande parte da população mais idosa fala apenas a língua nativa, enquanto os mais jovens, tendo em vista a convivência com o não índio (*Karaí* ou *kamara*, na língua) nos contatos quando vão à cidade, bem como a necessidade de estabelecer comunicação em português a fim de buscarem melhorias na saúde, de reconquistar e demarcar seus territórios, precisaram aprender o português.

Embora a convivência entre os moradores das diversas aldeias se dê constantemente, tendo em vista o fato de o número de falantes da língua ser de cerca de apenas 2000 pessoas, há variações no nível fonético que marcam falantes específicos de determinadas aldeias. Este fato tem, de certo modo, interferido na organização de materiais didáticos na língua por conta de dificultar um acordo ortográfico de palavras do ka'apor. Há, assim, por exemplo, os que possuem a variedade '*renda*' (lugar) e há os que usam a variedade '*rena*', bem como certas palavras cuja preferência por determinadas aldeias marca vogais nasais, enquanto em outras, vogais orais. Lopes (2009) acerca de variação linguística dessa ordem, explica que para a realização da palavra

arasaty, registram-se as formas [arasa'ti] variando com [arasa'tʃi]. A primeira é considerada pelos falantes Ka'apor como a pronúncia de prestígio e a segunda como a estigmatizada. A explicação para essa estigmatização é o fato da africada alvéolopalatal não-vozeada [tʃ] ser influência do português brasileiro, uma vez que o fone [tʃ] não ocorre no Ka'apor. (LOPES 2009, p. 26)

Balée (sd. s.a) menciona que “dialetos na língua são minimamente desenvolvidos” e que diferenças léxicas e variações livres marcam particularidades entre a língua ka'por falada pelos ka'apor das aldeias da bacia do Turiaçu e da bacia do Gurupi. Há, em algumas aldeias, indígenas oriundos

da etnia tembé, os quais convivem em relação de matrimônio com os ka'apor. Estes, normalmente, são falantes do Tembê, do Ka'apor e Português (CALDAS, 2009, 24).

1.6A educação formal ka'apor

“Como que nós vamo lutar contra tigre, contra onça, contra o inimigo se não sabe falá a língua [portuguesa]? É preciso aprender a lutar com papel”
(Itahu Ka'apor - em discurso para professores e alunos ka'apor – em encontro para organização curricular ka'apor/ Nov.2016)²⁵

²⁵ Texto retirado de diário de campo usado para a pesquisa.



Figura 3:. Cocar ka'apor (wyrara) - ciclo dos tempos Ka'apor

Fonte: Projeto de Educação Formal Ka'apor "ka'a namō jajumue há katu" (Aprendendo com a Floresta)

A imagem do cocar²⁶ (*wyrara*) ka'apor que encabeça esta parte do texto é a representação dos períodos do ciclo dos tempos (em) ka'apor. Da esquerda para a direita, as indicações das penas, respectivamente, são as que se seguem:

- 01- *Pakuriku kui rahã* – tempo do bacuri.
- 02- *Mutuk tawa heta rahã* – tempo da mutuca
- 03- *Yrykywa ku kui ha* – tempo da maçaranduba
- 04- *Heta ã oho rahã* – tempo de sete estrela e muita chuva
- 05- *Jaxi ype u'ar rahã* – tempo da jabuti na água
- 06- *Ka'a wy rok há* – tempo da derrubada
- 07- *Tajy putyr rahã* – tempo da flor pau-de arco
- 08- *Akaju pirã rahã* – tempo da cajú
- 09- *Ta'ym hupir rahã* – tempo do batizado
- 10- *Warahy haku rahã* – tempo do verão
- 11- *Magua je'ẽ rahã* – tempo do sapo
- 12- *Amany ar pyta* – tempo da chuva

(a escrita dos tempos em Ka'apor e a tradução para o Português seguiu, ao pé da letra, o que está proposto na imagem.)

Esta imagem, resultado, pode-se dizer, de tradução cultural, equivaleria ao calendário anual das culturas do ocidente. Ela tem sido muito representativa para a educação, posto que a educação ka'apor, por ser intercultural, respeita a forma de conceber o tempo ka'apor, compreendendo-o e adequando-se a ele; além de servir como símbolo que caracteriza o ensino formal ka'apor e por isso

²⁶ Esta mesma imagem encontra-se, igualmente, na página que serve de capa para esta pesquisa. O motivo não difere tanto deste, contudo, apresenta particularidades. Usa-se no primeiro momento por se refletir que o desenho deste cocar feito pelos ka'apor é bastante representativo para se pensar as temáticas mais caras para este trabalho. É possível se refletir, por meio dela, aspectos do **contato linguístico** e, naturalmente, **cultural**, uma vez que os textos escritos nela são **bilíngues**. Ela resulta de percepção de **resistência**, **identidade** e **autovalorização cultural**, posto que foi criada com fins de respeito aos ritmos de vida, compreensão dos tempos e do **mundo ka'apor**. (em um dos encontros ka'apor em que participamos, um relato muito forte de um ka'apor, professor e aluno do projeto educacional, foi forte quando discursou “nós precisamos organizar a nossa forma de ensinar. Precisamos organizar o nosso currículo. Nós precisamos organizar o nosso tempo-escola. O ka'apor tem cultura diferente. E o branco precisa entender. Nós não temos férias, Natal, Dia dos namorados. No fim de semana nós não levamos nossa namorada na praça. As nossas formas de viver são outras, igualmente importantes e que precisam ser respeitadas.”) Com base nela podemos pensar a proposta de sistematização de um calendário, relativamente aos moldes ocidentais, com doze meses/doze penas/doze tempos, numa espécie de **tradução cultural**. Há ainda **questões etnolinguísticas** percebidas na escrita dos tempos, como percepções de gênero diferenciadas entre as línguas. Por todos esses motivos, este cocar dos tempos ka'apor é uma iconografia que se considerou importante de figurar nesta pesquisa.

figura em documentos respeitantes à escolarização. Esta organização dos tempos ka'apor foram pensadas, significativamente, para que os períodos de ensino formal nas aldeias não estivessem desvinculados do sistema de vida ka'apor. Tal condução do trabalho com o ensino ka'apor, contudo, nem sempre se deu deste modo. É recente. Remonta há cerca de quatro ou cinco anos, quando a etnia passou a lutar enfaticamente por uma educação mais efetiva e que atendesse às demandas ka'apor. Em 2013, os ka'apor, junto a parcerias com pesquisadores, começaram a desenvolver seus próprios projetos pedagógicos, a administrar as escolas e escolher seus professores.

Cronologicamente, as primeiras escolas nas aldeias chegaram juntamente com os missionários. Posteriormente, nos anos 70, a educação formal foi assumida pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e nos dias de hoje tem se dado por meio da Secretaria de Educação do Estado do Maranhão, em parceria com o conselho de gestão ka'apor. Até o atual momento, no entanto, nenhum ka'apor concluiu o segundo grau no ensino realizado nas aldeias, o que deixa claro que a educação escolar ka'apor aconteceu até 2012 sem diretrizes curriculares capazes de estabelecer sequência e formação em níveis de ensino que alcançasse sequer o ensino primário.

Há, atualmente, em quase todas as aldeias, escolas de ensino bilíngue *ka'apor*-português, o que tem colaborado tanto para a apropriação de uma segunda língua, como manutenção da língua vernácula, além de auxiliar um trabalho de valorização de aspectos culturais *ka'apor*, uma vez que o ensino dispõe de disciplinas que contemplam práticas corporais e ensino de produção de cultura material e imaterial.

Como dito acima, a educação escolar indígena *ka'apor*²⁷ entrou, com esse formato, no cotidiano da aldeia há pouco tempo, cerca de quatro anos. Havia antes, para eles educação no mesmo formato pensado para as escolas regulares do Brasil.

²⁷ Chama-se Educação Escolar Indígena Ka'apor, ainda que possa parecer redundante, porque há, para a concepção de educação para etnia, uma educação indígena ka'apor que acontece diariamente, em todos os ambientes da aldeia, com a ajuda de todos os ka'apor, natural e espontaneamente, pois acreditam que todos podem ensinar algo e em qualquer hora e lugar. Esta educação/construção ka'apor encontra consistente discussão no trabalho de Andrade (2010), que discute os princípios que determinam a concepção e/ou constituição da pessoa na sociedade Ka'apor.

As aulas acontecem, sobremaneira, dentro de uma das aldeias, em centro criado por eles, denominado Centro de Formação de Saberes *Ka'apor*. O projeto é coordenado por um pedagogo e antropólogo, uma linguista, representantes da etnia e professores envolvidos em trabalhos, os quais associam suas áreas de estudos a aspectos étnicos (*ka'apor*), configurando disciplinas como: etnomatemática, etnobiologia, língua e cultura; além de História, oralidade e memória; filosofia etc. O trabalho tem se dado, mais recentemente, por vias interdisciplinares.

Figura 4



Aula de Língua Portuguesa. Aldeia Gurupiunua. Janeiro de 2016.
Fonte: acervo pessoal

As aulas seguem pedagogias de Paulo Freire, no que se refere a pensar as atividades com base nas problemáticas e contexto dos estudantes, criando um tema que gerará discussões e que serão de uso em todas as áreas. Além disso, a perspectiva é intercultural e bilíngue. Durante as aulas há a preocupação em traduzir para a língua *ka'apor* tudo o que se perceber necessário. Há, nas turmas, normalmente, intérpretes bilíngues (*ka'apor*-português) que vão tornando palpável o que se mostra demasiado novo e dificultoso tanto para ser ensinado, por parte dos professores, como para ser compreendido, por parte dos

alunos. O 'tempo-escola', como são chamados os períodos em que os professores não índios se deslocam para as aldeias, é feito com base no calendário da etnia.

Durante as aulas, sempre que há necessidade, os alunos ingressam em longas conversas na língua nativa, a fim de compreenderem e discutirem o que está sendo ensinado nas aulas.

Os professores, atualmente, bem como os agentes de saúde que ficam nos postos das aldeias ka'apor são escolhidos pelo conselho e pelos alunos, e as turmas são formadas por pessoas com idade a partir de 15 a 16 anos. A educação escolar indígena, pensada pelos próprios *ka'apor*, foi decidida iniciar apenas próximo dessa idade, posto que, a partir desse período, segundo eles, os alunos já demonstram boa formação na cultura e língua *ka'apor*, estando, portanto, mais aptos a aprenderem outra cultura, tendo em vista que já demonstram estar significativamente imerso na sua. Há um cuidado em se ensinar o ka'apor a como ser ka'apor.

Há disciplinas como Práticas corporais *ka'apor* e Produção de Cultura Material, que trabalham com as danças, os cantos, feitura de utensílios e artefatos culturais, como feitura de paneiros, pulseiras, cocares etc., tais disciplinas são coordenadas por indígenas reconhecidos pelo manuseio com essas práticas nas aldeias da etnia. O ensino bilíngue é dado, em períodos diferentes, por professores não índios e por professores *ka'apor*, em tempos diferentes.

As salas de aula, atualmente, são divididas por dois professores de diferentes áreas, de modo a se exercitar a tentativa de um estudo interdisciplinar. O projeto "ka'a namõ jajumue há katu" (Aprendendo com a Floresta) é bem jovem e ainda colhe seus primeiros resultados. Já há alguns anos o projeto tem firmado parceria com a Universidade Federal do Pará – Campus de Castanhal e Bragança-PPLSA.

CAPÍTULO II

2.0 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: BASES DA PESQUISA

Neste capítulo, discutem-se os pressupostos teóricos que fundamentam os estudos acerca de cultura, língua, tradução, o contato linguístico e seus resultados, bem como circunscrevem-se nesta seção discussões referentes a tais teorias aplicadas à situação linguística do Brasil, no que concerne ao contato linguístico português lusitano - línguas indígenas autóctones, situação da qual resulta o português particularmente brasileiro.

2.1 Cultura: perspectivas antropológicas

*“A Natureza dos homens é a mesma. São os seus hábitos que os mantêm separados”
(Confúcio. séc. IV a.C. apud LARAIA. 2011)*

Conceitos e discussões respeitantes à Cultura, com as perspectivas de se pensar cultura num plural igualitário, refletir sobre Etnocentrismo, Relativismo Cultural, Diversidade Cultural isenta de um percurso unilinear e sob a naturalidade de uma escala evolutiva, com seus estágios; evolução multilinear das culturas; a percepção de cultura como sendo o resultado de experiências particulares construídas por cada grupo, e apenas em grupo, isto é, cultura como um fato intrinsecamente social, coletivo, nunca particular, são, todas, reflexões que germinam no cenário das ciências com mais expressividade no período que se segue ao século XIX. Tais questões vêm a lume por meio da necessidade a que se chegou este período, isto é, de se repensar o que vinha se consolidando por Cultura, validar e reinterpretar as peculiaridades dos grupos, revisitando e ampliando noções de raça, civilização, primitivismo, evolucionismo, situação silvícola.

Por séculos o que se pensou em torno de Cultura gerou reflexões que se emparelhavam ou eram frutos coerentes de outras reflexões de seu tempo, e que, assim, couberam às suas épocas; bem como, foram, também, álibis para segregações, para se travar guerras, dizimar sociedades, cometer glotocídios e estabelecer hierarquias respaldadas religiosa e/ou cientificamente. Nos dias atuais, muitas dessas questões ainda não foram superadas. Muitas culturas não são respeitadas, são tomadas como primitivas, pobres ou mesmo como tendo

percepções incorretas da vida, de justiça, e dos credos. Assim, por exemplo, no que diz respeito a grupos indígenas brasileiros, missionários ainda dedicam suas vidas a catequizá-los, jovens indígenas têm vergonha de falar sua língua, por lhes ter sido incutido pejo e ‘menosprezo’²⁸ que se têm sobre elas, por ‘ser de índio’, por ser minoritária; grupos são espetacularizados pelo exotismo de suas formas de vida, pelas produções artísticas que fazem; das cerca de 180 línguas indígenas brasileiras, apenas 3 são tomadas como co-oficiais²⁹.

A preocupação com o estatuto do comportamento dos homens e suas lógicas de vida é uma inquietação que, segundo Laraia (2011), anda com estudiosos e pensadores já há bastante tempo. De acordo com o mesmo autor, Heródoto (480-424 a. C) já registrara preocupação com a questão quando pensou o sistema social dos lícios, marcando que esta sociedade possuía particularidades no registro do nome de pessoas, em que havia sempre referência ao nome da mãe junto aos nomes de seus filhos, e não ao nome do pai, o que era mais comum, à época.

Antes, contudo, de se debruçar e referenciar autores e obras pertencentes aos estudos de Cultura, pensa-se oportuno marcar o que algumas obras lexicográficas³⁰ registram do termo Cultura, como sendo, em linhas gerais, 1. a ação de cultivar; cultivar a terra – agricultura; cultivar animais; 2. o complexo dos costumes, hábitos, manifestações artísticas, padrões de comportamento que, por sua tipicidade, caracterizam uma sociedade; e, ainda, 3. o conjunto de conhecimentos adquiridos (em determinada área).

²⁸ Acerca desta desvalorização das línguas indígenas, há um relato de um indígena que ilustra esta percepção: “(...) [o proprietário fazendeiro] amarrava e açoitava... E pegou os Poyana/catequisou os índios Poyanawa e amedrontou eles prá não falarem a língua... Pra desmoralizar ele botou o nome na língua “gíria”... “Gíria é uma coisa que não vale nada, né? E o povo se habituou a falar só “gíria”... Eles falam só “gíria”... A minha mãe foi a única que nunca desistiu da língua (...)” (MAHER. 2001, p. 118).

²⁹ Em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, há três línguas indígenas consideradas co-oficiais: Baniwa, Tucano, Nheengatu.

³⁰ HOUAISS, Antônio. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 4.ed. rev. e aumentado. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 4.ed. rev. e ampliado. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Nesta última acepção opõe-se Cultura à ignorância, como sendo de cultura uma pessoa versada nas letras, em que pese a ausência deste fato, não se tem cultura quem não for instruído nos conhecimentos consagrados como científicos.

O conceito de cultura assinalado por Santos (1994) não difere das concepções marcadas acima pelos dicionários, exceto a acepção 1, a qual não é contemplada como significado de cultura para o autor. Assim, Santos (1994) em seu livro “O que é cultura?” define, de modo um tanto genérico, cultura como sendo “o que diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou, então, de grupos no interior de uma sociedade (...)”. Pontualmente, o autor assinala sua compreensão de cultura como sendo

“uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade. Não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções, como, por exemplo, se poderá dizer da arte. Não é apenas uma parte da vida social, como por exemplo a religião. Não se pode dizer que cultura é algo independente da vida social, algo que nada tenha a ver com a realidade onde existe. Entendida dessa forma, cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que ela exista em alguns contextos e não em outros. Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica ao conteúdo de cada cultura particular, produto da história de cada sociedade” (SANTOS, 1994, p. 44-45).

Esta compreensão de cultura resulta de inúmeros estágios pelos quais os estudos respeitantes ao tema legaram. O termo, contudo, ganhou dimensões tamanhas – como sendo ‘tu-do’ o que caracteriza um grupo – a ponto de, segundo Geertz (2008, p.3), mais confundir que esclarecer.

Edward Tylor (1832-1917 *apud* LARAIA, 2011, p. 25), o autor da primeira concepção antropológica de cultura, chega a este termo amalgamando a palavra germânica *kultur*, referente aos aspectos espirituais de um grupo, com a palavra francesa *Civilization*, que designava a produção material própria de uma comunidade, trouxe para *culture*, do inglês, a reunião de todos os aspectos que caracterizam uma comunidade, desde suas leis, crenças, produções artísticas etc.; deixando claro, o autor, que a cultura resulta do convívio dos homens em sociedade, embora acreditasse que esta peculiaridade do homem, a cultura, pudesse vir a ser resultado de forças da natureza.

Este autor concebia cultura como sendo inata ao homem, para tanto é possível que tenha encontrado motivação em lógicas da época, como a forte visão da natureza humana associada a uma criação sagrada/religiosa, bem como a força da proposta evolucionista, de Charles Darwin (LARAIA, 2011, p. 32-33). Nestes termos, os seus estudos iam em busca de regularidade/uniformidade generalizante dos modos de vida dos homens em sociedade. Assim, a diversidade cultural, era percebida não por sua face histórica e resultante de experiências e peculiaridades de várias ordens dos grupos, mas justificada sob o aspecto dos estágios desiguais de evolução de cada sociedade, o que gerou a percepção unilinear dos percursos das culturas, que se seguiam das mais selvagens, passando pelo estágio de barbárie, até chegarem ao momento ápice da cultura, o da civilização. Naturalmente esta concepção de escala das culturas deu validade para hierarquias entre elas, assim como para atribuir sentido aos preconceitos em torno dos grupos para os quais se demarcavam um estágio cultural inferior. Esta reflexão serve, também, quiçá, para justificar ainda preconceitos de ‘antiga atualidade’ no que diz respeito a conceber as culturas de modo estratificado.

Kroeber (1993, p 43), quando em seu ensaio “O Superorgânico” fundamenta a dissociação entre o orgânico e o cultural, considera possível, para a época e para a força das teorias evolucionistas, a associação entre o biológico/vital e o social/cultural porque vê sentido nas interseções entre ambos os campos. Diz, assim: “Isto, evidentemente, é raciocinar por analogia, ou argumentar que, por duas coisas se assemelharem num ponto, hão de ser igualmente semelhantes noutros” (KROEBER.1993, P 43). Contudo, não deixa de dizer dos riscos comuns que têm as teorias, que são os de, muitas vezes, fazer que se tornem corriqueiras e, por isso, pareçam irrefutáveis, de modo que obscureçam outras possibilidades de sentido acerca delas. Assim, o autor aponta o caso do evolucionismo para o que era orgânico e para “aquilo que na vida humana não é orgânico” (idem), como a cultura.

Neste ensaio, portanto, o teórico supracitado intenta desfazer os laços entre o cultural e o biológico, dizendo ser, contudo, indiscutível que haja na natureza do homem o que venha a ter sido obtido pela cultura, como também o que venha a ser da natureza de ser homem. Consoante a isso, pontua que:

“Que se saiba, nunca ninguém ainda informou que algum ser humano tenha nascido com um conhecimento inerente da tabela da multiplicação; nem, por outro lado, ninguém duvidou que os filhos de um negro nasçam negros, através das formas hereditárias. Mas há qualidades, em qualquer indivíduo, que constituem campo contestável; e quando se compara o desenvolvimento da civilização, no seu todo, e a evolução da vida, no seu todo, a distinção dos processos envolvidos escapa-nos” (KROEBER.1993, p. 42).

A proposta de Kroeber (1993) era a de repensar o que havia no homem que era de fato biológico e o que seria resultado do sistema cultural de que ele partilhava, assim deixava-se, paulatinamente, de lado a perspectiva evolucionista a que estava submetida o conceito de cultura.

Franz Boas (2005), sob a mesma proposta de repensar cultura dissociando-a de motivações de ordem biológica e discutir acerca dos limitados métodos antropológicos para a comparação das culturas propõe que sejam de cunho histórico os modos pelos quais se devem dar as investigações das culturas, uma vez que acreditava ser cada cultura o resultado dos caminhos históricos particulares por que passaram. Desse modo se buscaria chegar ao que estava subjacente aos traços culturais, o que possivelmente os havia originado, peculiarmente. Assim, Boas (2005, p. 34), acerca do método que compreende ser mais seguro para o estudo das culturas, considera que

Os resultados das investigações conduzidas por esse método podem ser tríplices. Eles podem revelar as condições ambientais que criaram ou modificaram os elementos culturais; esclarecer fatores psicológicos que atuaram na configuração da cultura; ou nos mostrar os efeitos que as conexões históricas tiveram sobre o desenvolvimento da cultura (BOAS. 2005, p. 34).

A partir de então, segundo Laraia (2011, p. 36), as explicações evolucionistas para cultura só podem se dar em perspectiva multilinear, posto que, após todo este percurso em torno dos métodos de como se buscar compreender o funcionamento das culturas, os estudos antropológicos conceberam como mais coerente pensá-la por meio das construções de experiências e conhecimentos particulares dos povos, de suas lógicas internas e sua história. Assim sendo, a Antropologia pensa, nos dias de hoje, cultura como sendo resultado do convívio social, repassada, aprendida, nunca espontânea, inata, mas que se opõe à natureza humana. Definição esta, segundo Canclini (1983, p.17), a qual “foi atribuída a esperança de ser capaz de

possuir validade universal, sendo considerada livre de preconceitos etnocêntricos.”

Nesses termos, por reunir a rede de significações sob as quais encontram-se imersos os grupos todos, a cultura é concebida como o objeto tradicional da Antropologia, área de estudos que se interessa pelas lógicas humanas de administrar os modos eleitos de perceber a vida e atuar sobre ela. Por esse motivo, nos dias atuais, não são raras as áreas de estudos que têm reconhecido a necessidade de se enveredar por lógicas antropológicas, por vias do estudo das culturas, para compreender mais densamente possíveis princípios que justifiquem lógicas de funcionamento das formas de ser das pessoas em seus grupos, e de perceber o mundo por vias das lentes de sua cultura. A Linguística é uma delas.

Nesta perspectiva, para fins da natureza deste trabalho, considera-se como mais bem coesa, com tal proposta, a perspectiva de Geertz (2008) acerca de cultura, mais especificamente a discutida em sua obra “Interpretação das Culturas”, na qual o referido autor objetiva discorrer acerca de cultura de modo mais bem delimitado, e a busca compreender, sob a influência de Max Weber, em termos semióticos, isto é, pensando o homem como um animal envolvido todo em uma teia de significados cujo criador é ele mesmo, em que a cultura, além de ser a própria teia é a própria busca por sua análise. Desse modo a compreensão da cultura desenvolve-se na interpretação de que o homem, em se tratando de um ser socialmente construído, articula suas lógicas de vida significando-a e significando-se todo nela a ponto não apenas tê-la, mas, sê-la, e, por sê-la, perceber todo o mundo, apenas e, através do emaranhado significativo de que ele é. Esta é a condição para ser de uma cultura, esta é a condição para enxergar o mundo. Esta é a condição para enxergar todos os outros mundos que não são o seu, a sua língua e as línguas estrangeiras, o seu sistema de significação e a tradução ou interpretação que podem fazer do sistema sígnico alheio. Assim se dá a tradução entre as culturas, a compreensão intercultural. “Bicicleta”, consoante a isso, palavra que traz em sua base o prefixo ‘bi’ (dois) e ‘cicleta < ciclo < *kyklos* do grego, ‘círculo’, ganha em ka’apor a nomeação “tapekõi”, formada das palavras ‘itá’, ‘pedra/ferro’, mais ‘pekõi’,

instrumento/ferramenta usada para galgar nas árvores, de modo que ajuda o homem a seguir em frente.

2.2 Discussões acerca de língua e cultura

O homem melanésio que habita a nova Guiné oriental (...) também elaborou uma representação corporal do funcionamento da linguagem. (...) A convicção de que é o corpo que “fala” está claramente atestada em expressões como: “qual é o teu ventre?” para dizer “qual é a tua língua?” (KRISTEVA, 1969, p. 77)

A língua é um produto social da linguagem e caracteriza-se como um sistema de signos linguísticos articulados, sistematizados e compartilhados por um grupo de indivíduos. Diferentemente da faculdade da Linguagem, a qual nos é dada pela natureza humana, a língua constitui-se como um sistema adquirido e convencional, em sociedade, que se realiza por meio de uma organização complexa que obedece a um contrato social (SAUSSURE. 1999. p. 17). É ela, também, o meio pelo qual a linguagem, faculdade de simbolizar e estabelecer comunicação, mais amplamente se constitui (PETER. 2015, p. 13). Araújo (2004, p. 9) considera que

A Linguagem é provavelmente a marca mais notória da cultura. As trocas simbólicas permitem a comunicação, geram relações sociais, mantêm, ou interrompem essas relações, possibilitam o pensamento abstrato e os conceitos (...). Sem linguagem não há acesso à realidade.

A língua, por ser um sistema de articulação de signos formulados espontaneamente e, em alguns momentos voluntariamente, para a organização do mundo, exige aquisição, por parte de seus falantes, bem mais complexa e ampla que administração de um número limitado de possibilidades de comunicação, como um simples sistema de códigos ou um sistema fechado de chamamentos, que é o caso da linguagem para os animais. São necessários, para gestação e uso eficiente de uma língua, o compartilhamento de experiências culturais e interação por meio dela. Na organização das línguas há entrelaçamento tanto inseparável quanto essencial entre homem e (sua) língua, e língua e (sua) sociedade, em que, um e outro, nessa relação, constituem-se mutuamente. Para Benveniste (1989, p.68), apesar de as línguas estarem vinculadas às suas culturas, elas dispõem, por seu aspecto autônomo, de certos

mecanismos comuns, desse modo discorre que “todas as línguas têm em comum certas categorias de expressão que parecem corresponder a um modelo constante. (...) São categorias elementares, independentes de toda determinação cultural (...)” André Martinet (1978, p.17), assentado sobre o caráter duplo articulatório da língua, diz entender por ser uma língua

um instrumento de comunicação segundo o qual, de modo variável, de comunidade para comunidade, se analisa a experiência humana em unidades providas de conteúdo semântico e de expressão fônica – os monemas; esta expressão fônica articula-se por sua vez em unidades distintivas e sucessivas – os fonemas –, de número fixo em cada língua e cuja natureza e relações mútuas também diferem de língua para língua.

Segundo HOJIER (1974, p.55), a língua, como a conhecemos hoje, é resultado de grandes e intensos processos de movimentos complexos pelos quais passaram a linguagem usada pelos primeiro hominoides até nós homo sapiens. De acordo com o mesmo autor, esta faculdade diferenciou-se dos sistemas de chamamentos de animais quando passou a se articular por meio de produtividade, de deslocamento, reformulações, articulações de traços mínimos distintivos organizados em arranjos, como os sintagmáticos e paradigmáticos, capazes de, com uso bastante reduzido de unidades fonéticas e disposições fonológicas, articular um arsenal ilimitado de possibilidades de representar em sons e palavras o que se pretende comunicar, refletir e categorizar.

Por ser um produto social da arte da linguagem (DARWIN, 1871 *apud* PINKER, 2002, p. 11-12) de que dispõem os homens, e apenas uns em relação aos outros, uma das características essenciais da língua é que ela se realize por efeito de “um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 1999, p. 17). Esta faculdade das sociedades humanas mostra-se como exterior ao indivíduo, dito de outro modo, é ela social, não individual; e não permite ser modificada pelo falante (*ibidem*).

Para os estudos em etnolinguística, a percepção e concepção de língua leva em consideração a sua construção paralela à construção cultural da sociedade que a fala (SAPIR. 1962), de modo a que se perceba que uma língua resguarda as formas culturais muito bem marcadas pelas quais uma sociedade concebe o seu mundo, em outras palavras, as realidades culturais de uma

sociedade estão todas expressas e constituídas na e por meio da língua deste grupo. Consoante, a esta perspectiva Pottier (1973, *apud* DICK, p. 13, 2003), a respeito de etnolinguística, elucida que “o estudos das relações entre uma língua e a visão de mundo daqueles que a falam (...) é, em suma, o estudo do próprio código, de sua função e de suas mensagens”. Neste mesmo sentido Worf (1967 *apud* ELIA, 1987, p. 25) acentua este caráter de percepção da língua sob a sua inter-relação com a cultura, quando menciona que

Nós recortamos a natureza de acordo com linhas traçadas por nossas línguas nativas. As categorias e tipos que isolamos do mundo dos fenômenos nós não as detectamos porque se acham ali em frente de nós; pelo contrário, o mundo se nos apresenta como um fluxo de impressões caleidoscópicas que têm de ser organizadas por nossas mentes. Nós recortamos a natureza, organizamo-la em conceitos e atribuímos-lhe significações como fazemos, principalmente porque são partes de um acordo para organizá-la desse modo – acordo que se mantém totalmente em nossa comunidade falante e está codificado nos padrões de nossa linguagem. Tal acordo é, naturalmente, implícito e não estipulado, *mas seus termos são absolutamente obrigatórios*; somos incapazes totalmente de falar, a não ser subscrevendo a organização e classificação dos dados que o acordo decreta (WHORF, 1967, p 2012-2014 *apud* ELIA, 1987, p. 25).

Assim, pois, a língua, este sistema complexo que caracteriza o homem, que ajuda a estabelecer relações de convívio, de comunicação, e que permite nomear as coisas no mundo material e fictício, dentre outras tantas atribuições é, por tudo isso, um dos principais meios de transmissão das culturas, de modo a, muitas vezes, confundir-se com a própria expressão da cultura.

Sapir (1962, p.248) na mesma esteira de reflexão sobre a relação entre língua e cultura elucida que

Não é absurdo dizer com o próprio conteúdo da linguagem está intimamente relacionado com a cultura. Uma sociedade que não conhece, por exemplo, a Teosofia, não precisa de um nome para designá-la. Os indígenas que não conheciam o cavalo, e nunca haviam ouvido uma nomeação para ele, perceberam a necessidade de criar uma palavra ou adotar uma de outra língua para se referir a este animal quando o viram pela primeira vez. Certamente a história da linguagem e a história da cultura originaram-se ao mesmo tempo, uma ao lado da outra, no sentido de que o vocabulário de uma língua reflete com maior ou menor fidelidade a cultura a cujo serviço se presta (SAPIR 1962, p.248)³¹ (tradução nossa)

³¹ Texto original: “No hace falta decir que el contenido mismo del lenguaje está íntimamente relacionado con la cultura. Una sociedad que conozca la teosofía no necesita tener un nombre para designarla; los aborígenes que nunca habían visto un caballo ni lo habían oído mencionar se vieron forzados a inventar una palabra o adoptar una extraña para referir-se a ese animal

Por muito tempo os estudos linguísticos associavam à língua de povos ameríndios, ou ditos primitivos, a percepção de um estágio igualmente primitivo de realização de mecanismos linguísticos, por conta de associarem à ausência de culturas materiais sofisticados, a fases, igualmente, ainda não ‘desenvolvidas’ de uma sociedade (HOIJER, 1974, p. 55). Muito ao contrário, os estudos das línguas dos povos primitivos vieram provar que essas línguas, embora sejam muito diferentes entre si e diferentes das línguas das ‘grandes civilizações’ são totalmente desenvolvidas em todos os aspectos.

(...) Os povos mais primitivos conhecidos, cujos únicos instrumentos são de madeira, osso e pedra trabalhada, grosseiramente, (...) têm línguas completamente desenvolvidas que são, sob todos os aspectos, perfeitamente comparáveis (HOIJER, 1974, p. 55).

Ainda de acordo com Sapir (1962, p.30-31)³²

Muitas línguas primitivas gozam de uma riqueza de formas, uma profunda exuberância de expressão, que são capazes de retirar o brilho de quantos recursos possuem os idiomas da civilização moderna. (...) o que muito tem se dito a respeito das línguas primitivas apresentarem extrema pobreza de expressão, ao que estariam condenadas as línguas primitivas, são pura ficção.³³ (Tradução nossa)

Nesta mesma perspectiva Seki (2000) advoga que

as línguas indígenas são organizadas segundo princípios gerais comuns e constituem manifestações da capacidade humana da linguagem. Cada uma constitui um sistema complexo, com um conjunto específico de sons, categorias e regras de estruturação,

cuando lo vieron con sus propios ojos. Es muy cierto que la historia del lenguaje y la historia de la cultura fluyen por cauces paralelos, en el sentido de que el vocabulario de una lengua refleja con mayor o menor fidelidad la cultura a cuyo servicio que se encuentre.”

³² Este texto apresenta a expressão “línguas primitivas” para tratar de línguas de grupos, para a época, não considerados civilizados, dentro dos parâmetros do século XX. Hoje, sabe-se, não se usa mais esta expressão para este contexto, nem se concebível qualquer língua natural como sendo uma língua primitiva em seu sistema. Pois acredita-se que uma língua é um sistema que apresenta um número de aspectos (fonemas, léxico, sintaxe; contratos etc.) equiparados às exigências expressivas de seu mundo, de sua cultura.

³³Texto original: “Muchas lenguas primitivas poseen una riqueza de formas, una latente exuberancia de expresión que eclipsan cuantos recursos poseen los idiomas de la civilización moderna. (...) (1962) “las opiniones que suele tener la gente en cuanto a la extrema pobreza de expresión a que están condenadas las lenguas primitivas son puras fábulas.”

sendo perfeitamente adequada para cumprir as funções de comunicação, expressão e transmissão. Cada uma reflete em seu vocabulário “as distinções e equivalências que são de intenção na cultura da sociedade na qual ela opera”. E se as línguas indígenas apresentam propriedades diferentes de línguas indoeuropeias, isto implica simplesmente que elas são distintas do ponto de vista tipológico. (SEKI. 2000, p. 234-235)

Falar uma língua é pensar em uma língua, do mesmo modo que pensar e falar em uma língua é, ao mesmo tempo, pensar e falar inserido em uma cultura. Sendo a língua um dos principais alicerces de composição e propagação das culturas, incorpora e carrega as percepções de mundo de um grupo, seus saberes construídos há milênios, seus tabus, suas crenças, descrenças e até mesmo suas ausências, uma vez que certos aspectos que não são característicos de um povo também podem ganhar seu lugar de ignoto ou desnecessário na língua. Mattoso Câmara Júnior (1965, p.18 *apud* BARRETO. 2010) nesses termos considera que a língua funciona

como um microcosmo da cultura. Tudo que esta última possui se expressa através da língua; mas também a língua em si mesma é um dado cultural. Quando um etnólogo vai estudar a uma cultura, vê com razão na língua um aspecto dessa cultura. Nesse sentido, é o fragmento da cultura de um grupo humano a sua língua. Mas, como ao mesmo tempo a língua integra em si toda a cultura, ela deixa de ser esse fragmento para ascender à representação em miniatura de toda a cultura. E ainda mais: como elemento de cultura, a língua apresenta o aspecto muito curioso de não ser em si mesma uma coisa cultural de per si, à maneira da religião, da organização da família, da arte da pesca etc.; ela apenas serve dentro da cultura como seu meio de representação e comunicação. (MATTOSO CÂMARA, 1965, p.18 *apud* BARRETO. 2010)

Lévi-Strauss, em seu livro *O pensamento selvagem* (1989, p. 16) faz menção a casos em que estudiosos de sociedades indígenas tomavam o ato de nomear as coisas no mundo conforme somente a utilidade ou nocividade que as mesmas teriam para a cultura. Assim, se não fossem necessárias ou prejudiciais, enquadrar-se-iam tão simplesmente em uma categoria maior, dentro de hiperônimos, como sendo, por exemplo, apenas plantas, aves etc.; não teriam, desse modo, um nome próprio, um hipônimo. Contudo, o mesmo autor, na sequência de sua observação, faz ressalva acerca dessa postura unívoca de entendimento das nomeações ou não das coisas, advertindo que “Na verdade o recorte conceitual varia de língua para língua (...)” (p. 16), isto é, o que dá às

coisas a possibilidade de serem ou não nomeadas, particularmente, varia entre as culturas. Depois de dito isso, todavia, há que se fazer uma ressalva: apesar de ter-se falado bastante da relação língua/cultura, e do quanto ambas estão imbricadas, não se pode atribuir razões culturais para todos os aspectos pertencentes à linguagem. Fiorin (1995, p. 12) considera, usando outras palavras, que nem tudo o que há na língua encontra motivação nas formações sociais, mas que o sistema, neste caso, a língua, goza de certa autonomia, posto que a língua se configura também por seu caráter puramente linguístico, fisiológico, sonoro. Assim, deixa-se expresso que a língua possui sua face significativa de interseção com a cultura, contudo, apresenta, também, razões da própria natureza das leis internas que as regem.

Quando se trata de tradução entre línguas, a necessidade de compreensão destes dois sistemas e de suas intercessões se mostra mais fortemente, uma vez que não basta dominar a gramática de uma língua para saber fazer uso dela em situações reais, são necessárias experiências culturais em ambas as línguas para possibilitar as acomodações que exigem as traduções. As traduções interlíngues são excelente espaço de percepção da complexidade do fenômeno língua e das mediações entre língua e cultura como construtoras de homem.

2.3 Sobre tradução interlíngue e tradução cultural

A tradução é sempre uma transição,
não entre duas línguas, mas entre duas culturas.
(Umberto Eco)³⁴

Acerca da tradução entre línguas, Berman (2007), embora se refira mais especificamente a traduções de textos escritos, elucida que a tradução se caracteriza como uma tentativa de domesticação do que é estrangeiro, isto é, de acomodar para digerir, acercar, compreender o que não é próprio do grupo, da língua, pelo menos daquele modo, sob aquele nome e significado. Assim, tradução linguística é o modo pelo qual se mostra possível conceber o que é da cultura de outrem, por vias da língua. Para o mesmo autor “A tradução é uma

³⁴ (BURK. 2009. p. 13)

experiência que pode se abrir e se (re)encontrar na reflexão. Mais precisamente: ela é originalmente (e enquanto experiência) reflexão.” (BERMAN, 2007, p. 23).

Jackobson (2010), em seu ensaio “Aspectos linguísticos da Tradução”, discute serem três as possibilidades de conceber tradução linguística, a qual ele prefere a expressão “tradução verbal”: (a) a tradução que ocorre dentro do próprio sistema de uma língua: intralingual ou reformulação; (b) interlingual ou tradução propriamente dita: dá-se por meio de sistemas linguísticos diferentes; (c) tradução intersemiótica ou transmutação: aquela em que a tradução acontece por meio da interpretação dos signos verbais por sistemas de signos não verbais, como tradução de uma letra de música em coreografia.

Bermam (2007) cita a impossibilidade de, muitas vezes, conseguir fazer traduções de uma língua para outra, nomeando este fato como intradutibilidade. Jackobson (2010), por sua vez, assevera que qualquer signo pode vir a ser traduzido em outro signo em que se encontre mais plenamente desenvolvido e exato. Esta proposição é bem elucidada no seguinte excerto:

Toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente. Onde houver uma deficiência, a terminologia poderá ser modificada por empréstimos, calços, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios (JACKOBSON 2010. p. 84).

À exemplo desta proposição, o mesmo autor cita os seguintes casos:

É dessa forma que, na recente língua literária dos chunkchees, povo do norte da Sibéria, “parafuso” é expresso por “prego giratório”, “aço” por “ferro duro”, “estanho” por “ferro delgado”, “giz” por “sabão de escrever”, “relógio” (de bolso) por “coração martelador”. Mesmo circunlocações aparentemente contraditórias [...], como não há ruído semântico no duplo oximoro: [...] “cachorro quente frio de carne de vaca ou de porco” (JACKOBSON, 2010. p. 84-85).

A exemplo, em línguas indígenas do Brasil, as traduções por circunlóquio de empréstimos culturais do português-brasileiro mostram-se muito produtivas na língua. Desse modo, tem-se em ka’apor, para ‘violão’ “*arara-pe py’a soro*” [*arara+pe*: da arara; *py’a*: entranhas; *soro*: para fora] lit.: ‘o som sai das entranhas da arara’ (CALDAS. 2013, p. 225); ‘poste’, em Xerente é [*enezi-Iwde*] energia+árvore (lit.: ‘pé de energia’) (MESQUITA, 2009, p.74); em Kraho ‘refrigerante’ é ‘*ampo caco jakry re*’ – [*ampo kako jakry re*] = lit.: coisa+ água +

geladina (SANTOS; ALBUQUERQUE. 2013, p.8); em Munduruku ‘panela de pressão’ é nomeada ‘puybittatamdaoma’, que quer dizer, literalmente, “recipiente que cozinha o alimento rápido mesmo” (NUNES. 2003, p.1188). Estes exemplos, contudo, são tomados em seus estudos como sendo apenas empréstimos semânticos ou empréstimos reformulados por palavras vernáculas das línguas que acolheu. A percepção de configurarem-se como traduções por circunlóquio, são interpretações do autor desta pesquisa, tendo por base a nomeação para casos muito parecidos, como os citados por acima, de acordo com Jakobson (2010).

Burke (2009) percebe a tradução como campo participante em todos os intercâmbios culturais de que a história conhece, analisando-a segundo os fatos da cultura que a hospeda. Desse modo, este autor pensa tradução por meio da História Cultural de grupos que mantiveram contatos interétnicos, de forma a interpretar a tradução entre culturas e tradução entre línguas como um diálogo, no qual se estabelece “adaptação entre ideias e textos conforme eles passam de uma cultura para outra.” (BURKE; HSIA, 2009, p.9). Segundo o mesmo autor, a expressão Tradução Cultural “foi originalmente cunhada por antropólogos do círculo de Edward Evans-Pritchard, para descrever o que ocorre em encontros culturais quando cada lado tenta compreender as ações do outro” (*idem*. p.14).

Desse modo, a Tradução pensada para esta pesquisa foi a Tradução Interlíngua e Cultural, uma vez que as adaptações pelas quais certas nomeações de objetos não indígenas passam são, sobretudo, por vias do filtro da cultura acolhedora, e não necessariamente de um correlato linguístico, mas de uma compreensão cultural de um objeto estrangeiro, renomeado. Desse modo, dão-se, na língua em estudo, empréstimos linguísticos e empréstimos de artefatos da cultura do não índio, os quais se incorporam no ka’apor ou por meio de traduções por circunlóquio ou por meio do uso de empréstimos linguísticos diretos, isto é, quando se busca usar na língua acolhedora a mesma nomeação estrangeira. Outra possibilidade de uso de termos estrangeiros em ka’apor são de palavras que resultam de formações mistas, isto é, em que há morfemas das duas línguas gerando um vocábulo.

2.4 O estatuto dos empréstimos linguísticos

Os empréstimos linguísticos compreendem-se como sendo resultados de intercâmbios de fonemas, elementos sintáticos, morfológicos, e, sobretudo, elementos lexicais oriundos de uma língua “estrangeira” que passam a ser usados em uma outra língua (importadora) por vias de relações do contato linguístico e cultural entre seus falantes (NUNES, 2003, p.1186). Segundo Ngunga (2009, p. 185) “O processo de empréstimos pode ser considerado um fenômeno universal que acontece sempre que duas línguas entram em contato”. São eles resultados de mudança, nas línguas, de ordem extralinguística, uma vez que resultam não do processo natural/interno de transformação das línguas – marcado essencialmente pelo tempo, que refletem na fonética, fonologia, morfologia e sintaxe das línguas – e sim de situações como: migrações, contato entre falantes de línguas diferentes (NGUNGA, 2009, p. 184), relações entre línguas consideradas majoritárias e minoritárias, politicamente, simbolicamente, etc. Percebidos deste ponto de vista,

(...) os empréstimos lexicais massivos feitos pelas línguas minoritárias de línguas dominantes, nesse tipo de contexto, podem ser considerados como potenciais indícios de desvitalização dessas línguas e também da cultura dos povos que as falam (BRAGGIO, 2008 *apud* MESQUITA, 2009, p. 21)

A situação de contato, seja ela por contiguidade geográfica ou por meio de outras formas sociais de relacionamento entre línguas, mostra-se, nesses termos, como condição para a existência de empréstimos linguísticos (CÂMARA JÚNIOR 2000, p.104).

Segundo Gonçalves e Siteo (1999. *Apud* NUNES, 2003, p. 1186),

normalmente, a razão do empréstimo é a lacuna lexical existente em uma das línguas em contato, para designar uma nova realidade, como por exemplo, objetos tecnológicos, nomes de animais e vegetais, elementos culturais, entre outros.

No que tange a esta necessidade de a língua, em algumas situações, fazer uso de empréstimos por motivos de carecer dar conta de realidades novas para sua cultura, segundo Sapir (1962, p. 248-249), tem-se aí uma situação que dá testemunho nítido da relação entre língua e cultura: cada língua apresenta

apenas número de palavras diretamente proporcional à sua realidade cultural.³⁵ Desse modo é comum que os empréstimos recubram nomes de artefatos atípicos para a cultura, bem como noções comunicativas novas. Nessa esteira, a etnia ka'apor, por exemplo, possui, sobretudo, empréstimos que nomeiam objetos da cultura do não índio, como os nomes de materiais escolares, por exemplo 'paper' (papel) etc., ou de uso doméstico como 'kora'yr' (copo), bem como, por meio do contato entre relações de ordem mais conceitual, incorporaram, também, empréstimos linguísticos como "metodologia", "planejamento", "educação", "proteção territorial" etc., a fim de que as situações comunicativas deem conta das novas necessidades que têm sido (im)postas à cultura.

Carvalho (2009, p. 45), acerca da incorrespondência entre sistemas no momento de empréstimo de palavras, elucida que

Na relação entre duas línguas, a vizinhança ou coexistência espacial tende a modelar o léxico de uma e de outra (...) e desta maneira cada língua conserva suas formas fônicas, porém introduz um novo conteúdo gramatical ou comercial. Nos contatos esporádicos ou sistemáticos, a interferência, embora em menor grau, está sempre presente.

Desse modo, as interferências entre os sistemas das línguas em contato fazem que uma se ajuste a outra. Assim, por exemplo, acontecem acomodações de ordem fonético-fonológicas e morfológicas à língua acolhedora (neste contexto, o Ka'apor), como para os casos de 'laranja', 'Belém', 'jumento' e 'catarro', que resultaram nas formas, respectivamente: *narãj*, *merej*, *jumẽ* e *katar*, todas ajustadas à fonética e fonologia ka'apor. Desse modo, mediante as interferências entre os sistemas, as palavras supracitadas sofreram ajustes em favor dos fonemas mais próximos de que a língua dispunha, tendo em vista que o ka'apor não apresenta fonemas como [l], [b]. Outro fenômeno produtivo e relevante, para esses casos, foi a apócope, posto que se trata de uma língua cuja pronúncia só alcança até a última sílaba tônica (oxítonas), o que fez que

³⁵ Acerca disso o referido autor elucida que "esta forma superficial y externa de paralelismo tiene escaso interés para el lingüista, excepto en la medida en que el desarrollo o el préstamo de nuevas palabras ayuda a aclarar de paso las tendencias formales de la lengua." (SAPIR. 1962, p. 248-249)

todas as sílabas átonas das palavras paroxítonas, de preferência portuguesa, desaparecessem.

Tratando-se especificamente de empréstimos linguísticos de ordem lexical, os vocábulos, no percurso de incorporação à língua importadora podem tanto manter-se inalterados, caso já estejam dentro de um padrão fonético-fonológico próximo ao da língua acolhedora, como podem (1) ser traduzidos ao pé da letra para um (ou mais) termo(s) em que se perceba uma já correspondência na língua; bem (2) como podem ganhar novas formas por meio de lexias que demarcam seu conceito/sua utilidade ou características respeitantes aos empréstimos. Nestes casos, os empréstimos linguísticos e culturais (empréstimos de artefatos) podem fomentar o aparecimento de neologias.

A motivação mais forte para a incorporação de empréstimos é o contato entre realidades particulares, da qual, é comum, gerar partilha de objetos e experiências, seja de forma pacífica, enriquecedora ou não.

2.5 Discussões acerca de contato entre línguas: o habitat natural dos empréstimos

‘Línguas em contato’ ou ‘contato entre línguas’ constitui, além de uma vasta área de estudos linguísticos, um sintagma terminológico dos estudos de línguas desde sua primeira aparição, em 1953, como título do livro de Uriel Weinrich “*Languages in contact*” (CALVET. 2002, p.36). Embora se saiba que não é da natureza das línguas ser um organismo vivo, com vida própria, para que possam entrar em contato factualmente com outra, a denominação parece dizer muito bem da relação que se estabelece entre sistemas linguísticos em determinadas situações de convívio. Sabe-se que, em realidade, a relação se dá mesmo entre pessoas, povos, grupos de falantes de línguas naturais e heterogêneas e suas culturas diferenciadas.

Inicialmente, o sintagma terminológico ‘línguas em contato’ foi usado com a finalidade de tratar de questões linguísticas que se centravam em aspectos de caráter mais individual, posto que tal definição só foi utilizada por Weinrich em referência ao indivíduo bilíngue, isto é, “Ele considerava que as línguas entravam

em contato quando eram utilizadas alternadamente pela mesma pessoa” (CALVET. 2002, p. 35).

Com a expansão dos estudos nesse âmbito, os quais passaram a conceber o contato de forma mais ampla, como entre sociedades e, no caso de alguns, interessando-se por aspectos extralinguísticos– hierarquia das línguas, conflitos interculturais entre os falantes etc. –, o sintagma terminológico tem sofrido fortes críticas, dado que as relações entre as línguas raramente acontecem de modo neutro, harmonioso. Mas, pelo contrário, grande parte delas são regadas a muitas disputas por espaços, por reconhecimentos, atitudes de memorizações linguísticas e outros. Com efeito, alguns têm preferido o uso da denominação “Línguas em conflito” (BOYER. 1997 *apud* FRANCESCHINI. 2011, p. 43).

Neste trabalho, ainda que se saiba da evidência e relevância dos aspectos extralinguísticos, usar-se-á a denominação “contato entre línguas” para se referir aos aspectos linguísticos resultantes de convívio entre falantes de sistemas linguísticos heterogêneos.

O contato entre grupos de pessoas e, naturalmente, a interação entre suas línguas e culturas mostrou-se ao longo do tempo e por meio dos estudos de campos como Antropologia, Sociologia, Etnografia e Linguística, como um processo comum da dinâmica das sociedades. Embora muitas vezes motivado, é tão comum quanto natural que em algum momento grupos étnicos diferentes se encontrem, e, mais, se relacionem, troquem utensílios e experiências, bem como, conflitem, lutem por espaço. Vastas podem ser as causas dos encontros. Não menos amplos podem ser os resultados dessas relações, as quais, dependendo do tom em que se dão, deixam-se perceber sobremaneira nas línguas.

Após relações de convívio, direto ou não, as línguas demarcam em seus sistemas, de algum modo, aspectos resultantes do contato, registrando, em quaisquer que sejam os níveis, essa relação interétnica e interlíngua, seja no nível fonético, lexical ou sintático etc. O tempo e a forma como se realizou o contato também são, naturalmente, aspectos relevantes no que se refere aos produtos linguísticos oriundos do contato.

Se não todas as línguas de que se têm registro, pela menos grande parte das línguas conhecidas apresentam, por mínimo que seja, aspectos advindos de situação de contato. Até mesmo grupos mais resistentes a estrangeirismos de toda ordem, em algum momento viram-se em meio a intercâmbios culturais. A função e o poder de que dispõem as línguas no interior de uma relação de contato intercultural – levando em consideração, também, as forças de ordem extralinguísticas, como, sobretudo, as sociais e político-ideológicas – são alguns dos pontos definidores da relação que se vai estabelecer entre os sistemas linguísticos.

Do ponto de vista da Linguística, inúmeros podem ser também os resultados dos contatos, desde originando línguas duomistas, substratos linguísticos, superstratos ou adstratos, línguas crioulas, pidgins, dentre tantos outros fenômenos, ocasionando, não obstante, obsolescência de línguas, glotocídios e nascimentos de novas línguas; além de possível convívio (relativamente) estável em situações de coabitação linguística.

Aspectos como o caráter político-social de minoritário ou majoritário das línguas, a política linguística de que dispõe cada grupo, o reconhecimento identitário, bem como a relação que cada cultura tem com o que é estrangeiro, são outros aspectos que tendem a direcionar consideravelmente as relações de contato. Outras iguais variáveis que condicionam as relações de contato entre as línguas podem ser a quantidade de falantes, o tempo de permanência dos contatos, o poder político, econômico e bélico que cada grupo, representado por sua língua, possui; a resistência cultural das etnias; bem como a semelhança ou dessemelhança (tipologia) entre as línguas - essa última variável é levada em conta por saber-se que quanto mais desiguais forem os sistemas linguísticos em situação de contato, maior pode ser o tempo de resistência entre possíveis intercâmbios linguísticos. Consoante a essa situação, cita-se como exemplo “a língua dos imigrantes italianos no Brasil e na Argentina [que] se assimilou ao português e ao espanhol, respectivamente, muito mais rapidamente do que a dos japoneses e até a dos alemães” (COUTO, 2009. p. 55).

Contudo, para além das relações de contato direto, é necessário que se ressalte haver, igualmente, a possibilidade de influência de uma língua sobre a outra mediante o poder econômico, político, status e outros, como é o caso do

inglês, na atualidade, e como fora em outras épocas a influência do latim, do francês, por exemplo, sobre muitas línguas. No caso do inglês, a influência parece vir se dando mais precisamente por meio dos empréstimos linguísticos, advindos, sobretudo, de nomes de objetos tecnológicos e outros aspectos dentro desse campo. O português do Brasil, nesse sentido, já incorporou palavras como stress, facebook, clic-ar, dentre tantas outras.

Não obstante, o português brasileiro, após cerca de três séculos de convívio intenso com línguas indígenas, sobretudo línguas do tronco Tupi – fortemente a Língua Geral Amazônica e a Língua Geral Paulista – também adotou palavras dessas línguas, as quais, junto com influências de línguas africanas, caracterizam a variedade do português brasileiro. As influências desses contatos, ao que se têm demarcado os estudos do português brasileiro, dão-se, mais especificamente no âmbito dos empréstimos, dentro do plano lexical, posto que palavras de ordem mais gramatical, como conjunções, preposições etc., não alcançaram significativamente o português brasileiro.

2.6 Línguas indígenas e o português: acerca do contato e dos empréstimos

No Brasil de 1500, em que o contato entre colonizadores e autóctones indígenas se deu de modo hostil, o resultado foi a perda de 85% do número de línguas que coexistiam na Ilha de Vera Cruz, posto que a relação foi por mais de dois séculos de sistematizado glotocídio e etnicídio desses grupos por parte, sobremaneira, dos portugueses. Casos como este têm sido nomeados, por estudiosos, dentro da terminologia dos estudos de relações interlíngues, como sendo, claramente, ‘conflito’ – e não ‘contato’ – entre línguas, uma vez que as situações dão testemunho de que, trata-se, pois, de relações nada harmoniosas³⁶ entre línguas e culturas. Muito pelo contrário.

³⁶ Esta questão é levantada por Franceschini (2011.p. 50) em seu artigo, no livro “Línguas em Contato: cenários de bilinguismo no Brasil”, em que discorre acerca da relação conflitante entre a língua portuguesa e a Mawé. A autora cita que “O termo conflito foi empregado por Aracil em 1965 para designar a coexistência antagônica de duas ou mais línguas em mesmo espaço geossocial. (...) Com o conceito de **conflito linguístico** linguistas europeus, entre outros Aracil, denunciam o conceito de Uriel Weinreich em 1953, pelo fato deste último ser ‘harmonioso’ e camuflar uma realidade que seria bem diferente, a saber, [em muitos casos]a substituição da língua dominada. ”

Como resultado dessa trágica situação, das cerca de 1300 línguas indígenas que existiam no Brasil do século XVI, “falam-se no Brasil, hoje em dia, umas 170 línguas indígenas” (RODRIGUES. 2000, p. 18). Respeitante a essa relação conflitante que ocorreu durante o contato português e indígena, Teixeira (1995, p. 295) elucida que

A chegada dos portugueses significou o início de um processo de “depopulação” dos índios que só agora historiadores, arqueólogos, antropólogos e linguistas começaram a compreender. Foi um processo brutal, que extinguiu com as línguas através muitas vezes de extinção física dos povos que as falavam. As principais causas foram (a) campanha pura e simples de extermínio, (b) campanhas de caça a escravos, (c) epidemias de doenças contagiosas trazidas do velho mundo e deflagradas entre os índios, às vezes de forma involuntária, às vezes voluntariamente, (d) diminuição dos meios de subsistência, pela redução progressiva dos territórios de caça e coleta, (e) assimilação, forçada ou induzida, aos usos e costumes dos colonizadores (TEIXEIRA 1995, p. 295).

Apesar desse cenário, tão intensa era a força das línguas indígenas, sua variedade e tão numerosas eram suas populações, que levaram mais de duzentos anos de grande resistência para perderem sua força de meio de comunicação trivial em ambientes intraétnicos e interétnicos no Brasil. Dentro desse contexto, dá-se, também, especial atenção às línguas gerais, as quais eram resultado do Tupinambá expandido/disseminado e modificado pelas línguas com que contactou. Desse modo, nos primeiros momentos do contato, a língua que prevaleceu nas situações rotineiras de comunicação não fora a língua portuguesa, mas, pelo grande número de falantes que apresentava, a língua foi o Tupinambá – usada sobremaneira pelos jesuítas nas catequeses –, que após sua considerável política de difusão levada a cabo pelos padres jesuítas, passou a ser chamada Língua Geral. Nesse momento, o colonizado influencia o colonizador. Tem-se nessa fase o período em que a língua portuguesa articula-se como superstrato linguístico – “nome que se dá à língua de um povo conquistado, quando ele a abandona para adotar a língua do povo vencido” (CAMARA JÚNIOR. 2000. p. 230) –, posto que o português é deixado de lado em proveito da língua Tupi ou das línguas gerais, com fins variados, com destaque para o de dominação.

Das relações de convívio entre europeus e indígenas, mais especificamente após o período pombalino, quando a língua portuguesa vai aos

poucos, em intenso convívio, todavia, conquistando o posto de língua oficial no Brasil, resultaram um sem-número de empréstimos linguísticos das línguas indígenas no português brasileiro. Nesse momento de transição, as línguas indígenas passam a ganhar espaço de adstratos linguísticos, isto é, língua que convive com outra em mesmo espaço e que interfere como manancial de empréstimos e não são usadas como primeira língua, como mais comumente acontece com as línguas de povos dominados (CAMARA JÚNIOR, p. 42. 2000).

Nessa esteira, o português superpõe-se às línguas gerais, das quais, entretanto, herda empréstimos linguísticos que hoje caracterizam o vocabulário do português do Brasil. No tocante a essas influências, há a possibilidade de que elas tenham se estendido a outros níveis da língua portuguesa, como o fonológico, gramatical, dentre outros, todavia, a despeito da carência que se tem de estudos descritivos da constituição da língua portuguesa brasileira e seu grande número de variedades lexicais, estilísticas e fonético-fonológicas, ainda não passam de possibilidades (RODRIGUES, 2010, p. 44), tendo-se, apenas, como indiscutível influência, o âmbito lexical.

Advindos principalmente do Tupi e Tupinambá, os empréstimos linguísticos recobrem grande número de léxicos da fauna, flora e toponímia, além de um punhado de verbos, adjetivos e substantivos. Seguem-se um número de pequenas amostras:

- Quanto aos verbos: socar (*sok*), catingar (*kating*), cutucar (*kutuk*), sapecar (*s-apék*); pixaim (*akangapixa'ĩ*), puba [mole] (*púb-a*); guri (*wyri*), mingau (*minga'ú*), sapiranga (*tesápiránga*);
- Quanto aos nomes de animais: cutia (*akuti*), guará ou lobo-guará (*awará*), quati (*kwatĩ*), tatu (*tatu*), jacaré (*jakaré*), surucucu (*surukukú*), jiboia (*jybóia*), dentre tantos outros;
- Entre os nomes de vegetais, figuram os empréstimos: amendoim (*munubĩ*), juçara (*je'ysára*), ananás (*nanã*), jerimum (*jurumu*), tucum (*tukũ*);
- Entre os topônimos: Piratininga [peixes secos] (*Piratinínga*), Itanhaém [panelas(s) de pedra] (*ítaja'ê*).

Uma das motivações para o número de empréstimos encontra-se na ausência de conhecimento dos europeus com relação aos animais, aos lugares,

nomes de plantas etc. que encontraram quando chegaram aqui (RODRIGUES, 2010, p. 44).

Parte dos empréstimos sofreram pequenas alterações – como é natural acontecer com os empréstimos – ao longo do tempo, e como muitos já se encontram em obras lexicográficas, hoje, incorporados que estão ao português falado no Brasil, possivelmente nem se caracterizam mais como empréstimos, mas sim como palavras vernáculas da variedade do português brasileiro.

Além da influência indígena no vocabulário do português brasileiro, ambientalizado na mesma época, há o registro também de influências fonético-fonológicas, morfológicas, dentre outras, entre as próprias línguas indígenas, dado o convívio pelo qual passaram. À guisa de exemplo, cita-se abaixo evidências de influências linguísticas oriundas do contato entre Língua Geral Amazônica (LGA) e as línguas da família tupi-guarani, do ramo VIII. Neste sub-ramo encontra-se o Ka'apor, o qual, de acordo Cabral e Magalhães (2004, p. 5), fora a língua que mais sofreu influência da LGA. Segue o excerto que elucida esta questão:

O contato de todas as línguas do ramo [VIII] com variedades da Língua Geral Amazônica (LGA) é também fortemente visível. Como mencionado anteriormente, todas as línguas do ramo possuem instâncias de *tj*, *ts* ou *s*, que muito provavelmente nelas penetraram por meio do contato direto de seus falantes com falantes da LGA. (...) Na segunda metade do século XVIII já havia uma tendência da LGA em usar uma única forma para expressar tanto o reflexivo como o recíproco, assim como em usar o relacional de não contigüidade em situações onde o correferencial de terceira pessoa era esperado (Cabral 2001). O Ka'apor é a língua do ramo VIII que parece ter sofrido mais mudanças estruturais sob a influência da LGA (CABRAL; MAGALHÃES. 2004, p. 5).

Possivelmente, junto com as influências no âmbito morfológico e fonológico da língua ka'apor, houve também a incorporação de léxico da LGA, o que, normalmente caracteriza-se como um dos primeiros momentos que marcam, linguisticamente, o contato interlíngue. Um estudo acerca do caso, entre o léxico do ka'apor e da LGA, certamente confirmaria as interseções lexicais.

CAPÍTULO III

3.0 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, discute-se os caminhos metodológicos traçados para a configuração do corpo de dados necessários à investigação. Esta parte do proposto estudo configura uma seção por motivo de se considerar necessário explicar os pormenores de sua organização a fim de que se compreenda como se deram os procedimentos de composição de dados investigativos e como os ajustes pelos quais esta pesquisa precisou passar reorganizaram consideravelmente seus caminhos.

3.1 A coleta de dados

O trabalho de pesquisa com comunidades tradicionais está sempre condicionado a inúmeros fatores de ordem social, cultural, fenômenos da natureza, riscos à saúde e integridade física do pesquisador e dos sujeitos todos envolvidos na pesquisa, de modo que em muitas situações o pesquisador, não por outros motivos, vê-se tendo que repensar os caminhos idealizados para a feitura de seu trabalho.

Nesses termos, esta pesquisa inicialmente intencionava acontecer por vias apenas de trabalhos de campo, com coletas de dados em pelo menos 6 das doze aldeias ka'apor no território indígena Alto Turiaçu, nos períodos de janeiro a junho de 2016, contudo pelo fato de grande parte dos indígenas, durante os meses de dezembro de 2015 a outubro de 2016 encontrarem-se em situação de conflito com madeireiros da região, não houve a possibilidade de ingresso às aldeias durante todo este período último supracitado, ao passo que a pesquisa precisou passar por significativo ajuste no que diz respeito à coleta de dados, que passou a ser configurada por dados de ordem bibliográfica, em um primeiro momento, e, em um segundo momento, de dados coletados durante três breves visitas a algumas das aldeias.

Os dados bibliográficos coletados resultam, sobretudo, de pesquisas nos materiais sobre a língua ka'apor encontrados no "Dicionário por Tópicos Ka'apor

– Português” de James Y. Kakumasu e Kiyoko Kakumasu (2007), missionários que conviveram em aldeias ka’apor durante mais de uma década – os dados para a obra foram coletados durante os anos de 1963 a 1976; e a segunda obra usada resulta de trabalho de tese de doutoramento de Raimunda Benedita Cristina caldas, intitulada “Uma Proposta de Dicionário para a Língua Ka’apór”, defendida no ano de 2009, sob a orientação da Dr^a. Ana Suelly Arruda Câmara (UnB). Da mesma autora foi útil, também, o artigo que segue linha próxima a desta pesquisa, cujo título é “Nomeação em Ka’apor: reflexões sobre a tradução em face dos empréstimos do português”, publicado em dezembro de 2013 na revista TradTerm - São Paulo.

Ambas as obras de cunho lexicográfico reúnem considerável número de palavras-empréstimos linguísticos presentes na língua ka’apor, além de disporem de discussões respeitantes a outros aspectos linguísticos da mesma, discutidos de modo mais considerável no material de Caldas (2009).

Além destes materiais bibliográficos houve coleta de dados em duas aldeias ka’apor. O tópico subsequente debruça-se sobre informações respeitantes a estes lócus da pesquisa.

3.1.1 O lócus da pesquisa

Os primeiros momentos de interação com a etnia se deram na aldeia Ximbo Renda, no período de 23 a 28 de março de 2015 e, bastante tempo depois, de 04 a 14. 01. 2016, na aldeia Gurupiuna, ambos em situação de alternância, que é como são nomeados os momentos de aulas do ensino básico nas aldeias. Nestas duas ocasiões não houve coleta de dados, efetivamente. Visto ser momento inicial de se conhecer a cultura, a língua, e de ser ‘aceito’, pela etnia, como colaborador, privilegiou-se, para esse momento, este tipo de relação. Contudo, em conversas espontâneas com idosos e crianças, em algumas oportunidades, foram possíveis, na aldeia Gurupiuna perceber e registrar pequeno número de dados linguísticos, concebidos durante conversas e perguntas/curiosidades interculturais com os ka’apor que eram bilíngues (ka’apor-português).

A aldeia Ximbo Renda é a segunda maior aldeia da etnia, em termos demográficos, com cerca de 60 famílias e 390 habitantes. Localizada no município de Maranhãozinho- MA, a aldeia Gurupiuna possui cerca de 7 famílias e 40 pessoas.

O corpus de análise deste trabalho, no que concerne ao trabalho de campo, contou efetivamente com dados coletados durante encontro pedagógico sobre a educação ka'apor, em Santa Tereza- MA, no período 26 a 29 de outubro de 2016, em um estabelecimento cedido pela Paróquia Santa Luzia. E o segundo se deu na aldeia Ximbo Renda, em Santa Luzia do Paruá- MA, de 21 a 24 de novembro, do mesmo ano.

A pesquisa de campo, de modo mais sistemático, deu-se na aldeia Ximbo Renda por conta de este trabalho vir a acontecer em consonância com reflexões acerca do ensino ka'apor do português, de modo que os períodos em que se foi a campo foram os momentos programados pelos próprios indígenas e demais envolvidos no projeto de educação formal ka'apor para reflexões sobre o ensino e para as aulas, propriamente.

3.1.2 Organização dos materiais para a pesquisa em campo

Foram necessários para a pesquisa de campo uma câmera digital Canon (EOS Rebel T7i EF-S 18-55) a fim de registro em áudio e vídeo, dois cadernos de campo, um para transcrever as respostas dos colaboradores da pesquisa, simultaneamente às entrevistas, e outro para se fazer anotações sobre aspectos de ordem cultural ou se registrar questões não claras acerca de língua, da tradução de empréstimos, bem como se registrar possíveis empréstimos realizando-se em contextos mais espontâneos.

Elaborou-se um catálogo com imagens correspondentes a itens lexicais em situação de empréstimo linguístico, dispostas em campos semânticos proeminentes no que diz respeito à influência de cultura não indígena à cultura ka'apor. Este catálogo³⁷ compôs-se de 30 imagens, divididas em três campos semânticos, a saber: a) coisas que podem ter em uma casa, b) objetos que

³⁷ O catálogo encontra-se disponível como apêndice.

temos na escola, e c) objetos eletrônicos e/ou de uso pessoal. Cada campo apresentava ilustrações amplas e coloridas das imagens representativas dos empréstimos culturais de artefatos não indígenas. O número de itens que compõem o catálogo limita-se a um número pensado como não-cansativo para uma entrevista com os interlocutores. Assim, sabe-se, dentro de campos como a escola, demais elementos poderiam vir a compor o catálogo, como “giz”, “apagador”, “pasta escolar”, dentre outros, contudo, foi necessária uma delimitação a qual orientou os números para cada campo semântico, entre 8 e 11 imagens. As imagens, no catálogo, dispunham apenas de numerações, sem nomeações em nenhuma das línguas. Desse modo, o catálogo articulava-se da seguinte maneira:

COISAS QUE PODEM TER EM UMA CASA

01- faca; 02- panela; 03- isqueiro; 04- garfo; 05- copo; 06- colher; 07- garrafa; 08- fósforo; 09- prato; 10- televisão; 11- espelho; 12- rádio.

OBJETOS QUE TEMOS NA ESCOLA

13- borracha; 14- lápis; 15- caneta; 16- computador; 17- régua; 18- lápis de cor (colorido); 19- carteira (mobiliário); 20- bolacha.

OBJETOS ELETRÔNICOS E/OU DE USO PESSOAL

21- bermuda; 22- celular; 23- saia; 24- relógio; 25- sandália; 26- sapato; 27- camisa feminina (com alças); 28- cinturão; 29- camisa masculina (com botões); 30- documentos (RG, CPF, título eleitoral e carteira de trabalho).

Foram pedidos, como auxílio para a aplicação das entrevistas, a colaboração de duas bolsistas de estudos acerca da “mitopoética” ka’apor que faziam pesquisa no mesmo período em que se implementou a pesquisa de campo deste trabalho. É necessário ressaltar que se está nomeando, aqui, de entrevista os momentos em que se deram as inquirições sistemáticas feitas para a coleta dos dados.

3.2 Os interlocutores da pesquisa

Esta pesquisa contou objetivamente com o auxílio de sete indígenas ka'apor: uma mulher e seis homens, contudo, para além destes indígenas que participaram das gravações propostas, houve, ainda, a colaboração de outros interlocutores (senhoras, jovens e crianças) que colaboraram nas traduções/reflexões sobre as nomeações de objetos estrangeiros na aldeia, sempre que se colocava em questão o nome de certos objetos não indígenas vistos na aldeia. A coleta de dados, assim, conta com colaboradores de várias faixas etárias, pertencentes a três aldeias ka'apor: a aldeia Ximbo Renda, a aldeia Ywy ãhu Renda e Gurupiuna. Para que as entrevistas acontecessem, todos os colaboradores necessitavam ter certo grau de proficiência em português, uma vez que esta foi a língua usada nas entrevistas.

Os principais colaboradores da pesquisa foram: Maria Rosa Ka'apor (Ximbo Renda) (♂), Osmar Ka'apor (Gurupiuna) (♀), Ingawi Ka'apor (Ximbo Renda) (♀), Soko ka'apor (Ywy ãhu Renda) (♀), Mariuza ka'apor³⁸ (Gurupiuna) (♂), kãĩ Ka'apor (Ximbo Renda) (♀), Paxiẽ Ka'apor (Ximbo Renda) (♀), Ratĩ Ka'apor(♀), assim como José Mendes, antropólogo e pedagogo que mora com a etnia e auxilia em áreas como a organização escolar, a saúde, dentre outros.

3.3 A implementação da pesquisa de campo

Antes da implementação da pesquisa de campo, houve a necessidade de se entregar aos representantes do conselho indígena ka'apor (criado pelos mesmos) um documento (Carta de Pedido de Autorização e Intenções de Pesquisa em Aldeias Ka'apor³⁹) para autorização da pesquisa.

As entrevistas deram-se em dois locais: na casa de um dos grupos entrevistados e no Centro de Saberes ka'apor, ambos na aldeia Ximbo Renda. Por motivos do pouco tempo de que se dispunha para permanência na aldeia, para tarefas não direcionadas à alternância e por se refletir sobre como os

³⁸ Mariuza ka'apor não pôde participar das entrevistas, mas por ser um dos ka'apor que mais tem proficiência em português, colaborou bastante na compreensão/tradução dos empréstimos, bem como na compreensão de outros aspectos linguísticos do ka'apor.

³⁹ Este documento entra-se anexado no apêndice.

entrevistados se sentiriam mais confortáveis para participarem da pesquisa, pensou-se mais adequado fazê-las em grupos de três ou mais pessoas. Assim, então, deram-se duas das três entrevistas.

Aos colaboradores era solicitada, inicialmente, suas autorizações para participarem das entrevistas, com gravações em áudio e vídeo e, em seguida explicado como se aconteceriam as mesmas. As entrevistas se deram por meio da apresentação das imagens e interações/pequenas conversas acerca das mesmas, a fim de que se chegasse às suas nomeações em uso mais espontâneo e compartilhado na aldeia.

Como dito acima, para a implementação da pesquisa, houve a colaboração de duas outras pesquisadoras, de sorte que os três aplicadores das entrevistas se organizavam no seguinte arranjo: um, o autor desta pesquisa, solicitava as nomeações correspondentes às imagens e as transcrevia em caderno de campo; outro, pesquisadora colaboradora 1, fazia as gravações em vídeo e áudio; o terceiro, pesquisadora colaboradora 2, manuseava o catálogo com imagens.

3.4 Do trato com os dados

Esta pesquisa é de ordem qualitativa, embora se saiba da necessidade de se conceber os empréstimos por meio de sua produtividade, no sentido de se apresentarem em uso por uma boa parte dos falantes de uma língua, esta pesquisa estuda, mais propriamente, o funcionamento de empréstimos em ka'apor, sem necessariamente percebê-los em níveis quantitativos ou por células sociais. Desse modo, o trabalho com os dados enveredou para investigação que buscasse noções de natureza das influências de níveis linguísticos como aspectos proeminentes para a articulação de empréstimos do português em ka'apor, bem como o estatuto de ordem cultural e linguística das renomeações desses mesmos empréstimos. Assim, após serem feitas as gravações e transcritas em caderno de campo, o trabalho com os dados se deu em nova escuta das gravações, a fim de confirmação dos dados acústicos transcritos inicialmente, e, em seguida, novamente transcritos, por meio de

transcrição grafemática e fonética, organizados e investigados dentro dos planos (I) da tradução interlingual, (II) das interferências fonético-fonológicas existentes entre as línguas, marcadas nas pronúncias dos empréstimos; e (III) nas realizações de empréstimos sem adaptações de nenhuma natureza, nomeados neste trabalho como “empréstimos diretos”, tomando por base outros trabalhos que os nomeiam desse modo (SANTOS & ALBUQUERQUE. 2013; MESQUITA. 2009). Os dados organizados para esta pesquisa, pela natureza de seus casos, estão dispostos nas análises das seguintes seções: tradução de empréstimos por circunlóquio; acomodações linguísticas em empréstimos do português para o ka’apor; empréstimos de artefatos, nomeações já existentes; empréstimos linguísticos diretos.

Somaram-se a estas amostragens de empréstimos tanto os dados coletados nas aldeias, por meio do trabalho do campo, como os dados resultado de pesquisas bibliográficas. Desse modo, ver-se-á nas análises além das palavras que nomeiam, no ka’apor, os nomes das ilustrações vistas no catálogo de imagens, outros casos que foram coletados por meio das demais vias, citadas acima: a bibliográfica e situações de conversas espontâneas nas aldeias. A coleta de dados não veiculada por meio das entrevistas fez que um novo campo semântico fizesse parte da análise dos dados, que foi o campo “meio de transporte”, para que se pudesse acrescentar dois casos coletados, os casos para ‘bicicleta’ e ‘avião’; de igual modo, outros casos acabaram por incorporar os campos semânticos dispostos no catálogo; por exemplo, foram acrescentados no campo semântico “coisas que têm em casa”, entradas para ‘prego’, ‘vela’ e ‘lâmpada’; no campo semântico “Objetos eletrônicos e, ou, de uso pessoal”, foram acrescentadas as entradas ‘boneca’, guarda-chuva’, ‘violão’, ‘meia’ e ‘chapéu’.

As entrevistas, por serem de caráter pontual quanto aos empréstimos, reúnem um corpus de 1 hora e 47 minutos de gravações. Usou-se como ferramenta para transcrição fonética dos dados a fonte do Alfabeto Fonético Internacional (IPA Kiel).

3.5 Dos cuidados com a tradução interlíngua e intercultural

Para este estudo, as traduções dos empréstimos pensadas como tradução por circunlóquio foram feitas com o auxílio dos próprios colaboradores indígenas, durante as entrevistas, bem como foi tomada, também, a literatura referente à língua para auxílio na análise dos dados.

Dos sete interlocutores entrevistados, apenas um não era alfabetizado nas línguas ka'apor e português. Os demais eram, em sua maioria, alunos e professores do ensino formal nas aldeias. Estas características, as de serem os colaboradores bilíngues (ka'apor-português), serem alfabetizados e de serem, alguns, alunos e, outros, professores de língua nas aldeias, acredita-se, contribuíram bastante no tocante às reflexões feitas em parceria com os mesmos em torno dos empréstimos, tendo em vista que, por exemplo, para traduzir uma unidade linguística nominal podem não ser suficientes noções estritamente sistemáticas do funcionamento interno da língua (morfologia, semântica, sintaxe) no caminho pelo alcance da tradução mais próxima da reflexão que apresenta na língua a ser traduzida, mas, pelo contrário, as noções linguísticas são apenas um dos caminhos a se apostar na busca pelas traduções, podendo, em alguns contextos, inclusive, serem deixadas quase completamente de lado por conta de a significação não vir a estar na base da palavra, na soma objetiva de cada unidade, mas sim em uma totalidade cujo resultado pode ser o produto das unidades linguísticas sentidas/experimentadas isoladamente, depois, unidas, e, na sequência, experimentadas culturalmente em determinada nomeação (pragmaticamente)⁴⁰.

Assim, é importante deixar expresso que as traduções interlínguas a que se chegaram esta pesquisa são resultados de três perspectivas: uma que buscou traduzir levando em consideração a formação lexical (morfologia) dos vocábulos; uma que precisou se ater mais especificamente à tradução/modo de compreensão conceitual do vocábulo percebido pelos ka'apor, em uma tradução, por assim dizer, mais livre e mais cultural/experimentada do termo; e outra que

⁴⁰ Porque, falar uma língua, fazer uso de uma língua, trivialmente, é senti-la, é compreendê-la circunstanciadamente. Falar, não raras vezes, extrapola a gramática 'normativa/lógica'; entra apenas no campo do sentir. E quem mais/ apenas autenticamente sente, pode-se dizer, é quem aprendeu a ver o mundo por meio dela, da sua língua. O sentido é melhor dado, muitas vezes, não por quem conhece sua estrutura composicional, mas por quem a sente. Como em uma gramática, muitas vezes, claramente a-sistemática do sentir.

resulta dos dois primeiros modos, isto é, de tradução que prevê noção morfológica do léxico e experiência cultural formadora do conceito.

Esta tomada metodológica de processamento das traduções das unidades em estudo fez que esta pesquisa percebesse as dificuldades e angústias que permeiam o fazer tradutório. Com isso, a fim de dar mais veracidade às traduções (realização/compreensão dos substantivos em estudo) percebidas pelos ka'apor, ainda que se intentasse expor a morfologia dos vocábulos, as traduções seguiram, muitas vezes, os conceitos dados pelos próprios indígenas quando da interpretação holística do vocábulo em relação ao português. Por exemplo: a tradução literal dos componentes formadores do substantivo, em português, 'garfo' (ta kuje ax1), dariam uma forma como "colher com ponta dura", em que, respectivamente, temos: colher (kuje), ponta (ax1) dura (i-ta), contudo as traduções feitas pelos interlocutores da pesquisa foram as dos seguintes circunlóquios: "colher com pontas" e "colher com garras". Nesse sentido foram mantidas as três formas. Assim sendo, as traduções literais dos vocábulos e o modo como se apresentam com sentido na tradução para o português, em alguns momentos, não se estreitam tanto. Com isso, reitera-se: as formas mais contempladas nas traduções por circunlóquio foram as das traduções feitas pelos próprios interlocutores da pesquisa, a fim de que alcançassem traduções mais autênticas à percepção ka'apor nas duas línguas.

Parte das reflexões e dos dados desta pesquisa foram apresentados em forma de comunicação oral aos *ka'apor*, na cidade de Santa Tereza-Ma, em 22 de outubro de 2016, em encontro pedagógico da etnia. A apresentação se deu na perspectiva de que se contribuísse com a necessidade ka'apor de um currículo escolar próprio, discutindo questões de políticas que atendam as especificidades culturais da etnia para a educação e, ao mesmo tempo, que se percebessem a confirmação ou negação de certos dados, por meio dos próprios falantes da língua, em torno desta pesquisa.

CAPÍTULO IV

4.0 LÍNGUA E MODOS DE SER (EM) KA'APOR

Neste capítulo discute-se questões relacionadas a linguagens ka'apor, sob a proposta de tecer breves reflexões etnolinguísticas do ka'apor, em busca de perceber a língua e a cultura expressando-se nas formas de ser. Assim, encontram-se nesta seção situações-exemplos que nos proporcionam ampliar os conhecimentos acerca da etnia imbricada às suas formas de significar/refletir o seu mundo.

4.1 O ser-língua⁴¹

Como dito alhures, a língua carrega as concepções mais generalizantes de seus falantes, a construção ideológica e cultural de seu povo, desse modo é comum que língua e cultura se mostrem como sendo uma o reflexo da outra; contudo, há que se cuidar: nem tudo que há na língua é de caráter social, uma vez que, frente à cultura, a língua, em certos aspectos e domínios, mantém-se completamente autônoma. Dito isso, esta parte do texto, tratar-se-á de aspectos que, possivelmente são demonstrados na língua como resultado de modos de ser, de perceber o mundo; de uma tradução e compreensão que os falantes fazem dele, materializado na fala, possibilitado pela língua.

Como se sabe, a língua auxilia na compreensão e atualização constante dos modos de ser, por meio da palavra e da reflexão sobre a palavra, organizada em textos, em discursos. O ka'apor, do ponto de vista de uma língua natural⁴², dispõe – como qualquer língua de desenvolvimento espontâneo – de todos os mecanismos necessários de que se precisa para falar acerca das coisas que lhes são pertinentes. Nesta perspectiva, esta etnia vive em contato direto com a natureza e a percebe como sendo igual e parte integrante dela, sem pretensões acentuadas de posse ou de hierarquia. Há, ao que se percebe, certa

⁴¹ A expressão é tomada como empréstimo (e influência reflexiva) do livro “A Tradução e a Letra, ou, o Albergue do Longínquo”, de Antoine Berman (2007, p. 23). Tem-se nela, segundo a visão do autor deste trabalho, o encontro da percepção que este estudo leva a cabo acerca de que o homem é constituído por sua língua e sua cultura.

⁴² Para Seara (2001, p. 13) “Línguas naturais são línguas que se desenvolveram sem intervenção formal externa, ou seja, espontaneamente.”

identificação com as coisas da natureza, a deixar-se perceber, por exemplo, pela forma como se nomeavam em passado próximo: os urubu-ka'apor.

As reflexões que se seguem resultam de percepção deste pesquisador, que escreve, acerca dos modos de vida e de representação pelas linguagens ka'apor; bem como de estudo bibliográfico acerca desta língua e cultura. Grande parte das reflexões subsequentes não caracterizam apenas a tipologia da língua ka'apor, nem apenas a sua cultura, mas são compartilhadas por muitas outras línguas e culturas da família Tupi-guarani, sobretudo as do mesmo ramo, no entanto considerou-se de valor importante contemplar estas questões neste trabalho por dois motivos: 1- porque elucida-se nesta pesquisa o fato língua-cultura e língua-cultura ka'apor; 2- porque este breve levantamento faz menção a um panorama que aborda como pensam e representam na língua modos de ser ka'apor, o que pode vir a servir a possíveis leitores deste trabalho, inclusive aos próprios donos da língua⁴³, para conhecerem um tanto mais acerca desta etnia.

4.2 Nomes próprios e identificação com a natureza

“A vida era a experiência investida de
significação exata e precisa”⁴⁴

Apesar de haver indígenas com nomes próprios do português, como Maria, Rosa, Samuel etc., grande número de antropônimos, em ka'apor, ainda mantém a peculiaridade de serem os mesmos nomes de coisas da natureza ou de seres não humanos. Assim, há, por exemplo, pessoas com os nomes de:

Pupui: na língua, faz referência ao fruto da pupunheira, a pupunha;

pupũj [pu'pũj] /pu'pũj/ “pupunha”.

(fruto, *Bactris gasipaes*) (Caldas, 2009, p. 274).

⁴³ Parte destes dados foram apresentados aos ka'apor em encontro pedagógico. Ao que se percebeu agrada-lhes notar como organiza-se a língua, a cultura sistematicamente.

⁴⁴ (Handy & pukui, 1958 *apud*. LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 16)

Socó: nome dado a várias espécies de aves,

Soko [sɔ'kɔ] /so'ko/ “socozinho”.

(ave, *Butorides striata*) (Caldas, 2009, p. 287).

Há famílias cujos nomes são, por exemplo **Ynga**: o ingá (fruto) (KAKUMASU; KAKUMASU, 2007, p. 34); **Ynga putyr** – flor do inga; **Ynga wi** – Inga pequeno; **Yngarã** – aquilo que parece ingá. **Jyndyro Yro** – a folha da Andiroba. Dentre outros, cujos nomes advém de referências da natureza, entidades, como Tupã (Tupãhu, Tupãrixã), cujas motivações para a nomeação se dão por meio de identificação, respeito, simpatia, admiração etc. E há, ainda, os ka’apor que possuem dois nomes, um em português, o documentado, e outro próprio da língua.

4.3 Descrição e detalhamento ka’apor

A etnia ka’apor mostra-se como um grupo que apresenta, em vários casos – no trato com os artesanatos, pinturas, cestaria, por exemplo – cuidado com detalhes, com aspectos que lhes são importantes de serem levados em consideração, com vistas a uma estética mais agradável ou, algumas vezes para maior riqueza de detalhes objetos e situações, preocupando-se com certas minúcias. A língua, não diferente desta forma de ser, reflete este detalhamento sentindo a necessidade de expressar posicionamentos/estados físicos em algumas situações. Para isso dispõe de partículas que, associadas aos verbos atribuem-lhe caráter de posicionamento, como de “sentado, em pé, deitado ou em movimento” em que se desenvolvem as ações. Assim é comum orações com que relatem tais posicionamentos. Os exemplos⁴⁵ abaixo atestam:

- Sentado: - **in**

⁴⁵ Os exemplos foram retirados do material “Guia de Sobrevivência para Viagens Interculturais Ka’apor Português”, organizado pelo Programa de Pós-graduação PPLSA-UFGA, Lideranças ka’apor e professores da educação ka’apor. Material ainda não publicado.

Jande nana rehe jama 'ãma 'ã jain

Nós estamos apreciando (a plantação de) abacaxi sentados.

- Em pé: - 'am

A'e u'i karãi u'u ta me'e⁴⁶ u'am.

Ele torra a farinha para comer estando de pé

-Deitado: - 'u⁴⁷

Ipai uker ta type o'u pe ta'yn ahem ti..

O pai estava para dormir (estando deitado) quando a criança gritou.

- Em movimento: -xo

Nde pe we reparahy rexo.

Você ainda está (em movimento) com raiva.

(CALDAS. sd. sa.)

A língua ka'apor, até pouco tempo apresentava dois tipos de representações para indicativo de ação praticada por grupo, coletividade, como o português representa com o pronome **nós**. Possuíam, desse modo, a partícula de pessoa **Yandé** (inclusiva), que apresentava o caráter de incluir tanto quem fala (locutor), como com quem se fala (interlocutor) e outros; bem como apresentava a partícula **ore** (exclusiva), a qual incluía o locutor e outras pessoas, ao passo que excluía o interlocutor. Na atualidade a língua dispõe apenas da forma **jane** para marcar tanto a primeira do plural inclusiva como a exclusiva. Essa necessidade de possuir ambas as formas, inclusiva e exclusiva, não são raras em línguas indígenas da região amazônica do tronco tupi.

⁴⁶ A última vogal é, na língua, uma vogal nasal.

⁴⁷ Este apóstrofo significa, na língua, leve fechamento da glote no momento da pronúncia. Caracteriza-se, pela obstrução, como uma consoante em ka'apor.

4.4 Relações linguístico-culturais entre semântica e pragmática

Outro aspecto importante da língua ka'apor e de outras línguas de seu ramo, o qual se mostra de grande pertinência nos modos de conceber o mundo e de se relacionar com ele, é a relação íntima que estabelecem, em muitos casos, em torno de semântica e pragmática. Os ka'apor compreendem o mundo, significativamente, por meio de relações muitas vezes concretas, de possibilidades visíveis, lógicas e reais, embora, naturalmente, tenham suas crenças em seres místicos, tenham seus modos de tecer abstrações.

Dentro desse campo da semântica e pragmática ka'apor, certas expressões e relações não são concebíveis, isto é, certas associações não fazem sentido dentro de lógicas da etnia. Por conta disso, pesquisadores que passaram por aldeias ka'apor relatam circunstâncias em que, situações envolvendo os campos semântico-pragmáticos, houve interferência na compreensão indígena da relação feita (informação verbal)⁴⁸. Alguns dos casos podem ser exemplificados conforme a seguir:

- Perguntando um pesquisador a um ka'apor como ficaria, por exemplo, na língua ka'apor a expressão:

alguém/'tal pessoa' comeu mandioca.

Recebeu a resposta: *morre! Não fica vivo. Não tem como. Se comer mandioca, morre* (uma vez que a raiz, comestível, dependendo do modo como for ingerida, tem caráter venenoso).

- Para perguntas como:
 - *como se diz cabelo em ka'por?*
 - *como se diz cabeça, bico?*

As respostas foram:

-mas, cabelo de quem ou de quê? Cabeça de quem? De quê? Bico de que ave, de que pássaro?

⁴⁸ Consideração obtida em aula da disciplina Terminologia e Tradução, ministrada pela professora Raimunda Benedita Caldas. PPLSA/UFPA- Bragança-PA. 2015.

A etnia faz distinção entre nomes dependentes e independentes. Desse modo,

Há em Ka'apor nomes dependentes, os que só ocorrem se determinados, e os absolutos, os que não necessitam de determinantes. Os dependentes são nomes de partes de um todo, como nomes de partes do corpo de humanos, de animais e de plantas, nomes de relações de parentesco, nomes de sensações e qualidades, entre outros. Nomes independentes ou absolutos são nomes de entidades vistas como um todo, como nomes de plantas, de animais, de elementos da natureza e de certos artefatos (Caldas, 2009, p. 57).

Os ka'apor refletem que não há a possibilidade de existir um 'bico' aleatório, isolado, uma 'cabeça' aleatória, um 'fio de cabelo' que não tenha caído da cabeça de alguém ou do corpo de algo, assim, há a necessidade de, sempre que se falar acerca de coisas que na visão ka'apor não são absolutas, mas encontram-se sempre sob a co-existência de outras, deva-se marcar a que ou quem a mesma está relacionada, ou do que advém. Ancorados nessa lógica apresentam-se, abaixo, os seguintes exemplos⁴⁹:

lakang 'a cabeça dele'

l- ***-akang***
dele cabeça

ihẽ ankã 'minha cabeça'

ihẽ ***-akang***
minha cabeça

hamũj 'seu avô/avô dele'

h- ***-amũj***
seu/dele avô

ihẽ kupe 'minha costa'

ihẽ ***-kupe***
minha costa

hãj 'seu dente/dente dele'

⁴⁹ Os exemplos encontram-se todos em Caldas (2009, p. 156).

h- **-āj**
 seu/dele dente

4.5 Linguagem matemática e o corpo como instrumento

Quanto aos modos de fazer somas, estabelecer quantidades, a língua dispõe de palavras como: **meteĩ** ‘um’, **mokōj** ‘dois’, **mapyr** ‘três’, **tumeme** ‘quatro’. A partir de cinco, esses números tomam como unidades também as mãos e os pés, mais os números de dedos que, somados, resultam na quantidade desejada. Segue a baixo exemplo:

- | | |
|---|---|
| 1 meteĩ ‘um’ | 11 awa-py-meteĩ ‘um dedo do pé de gente’ |
| 2 mokōj ‘dois’ | 12 awa-py-mokōj ‘dois dedos do pé de gente’ |
| 3 mapyr ‘três’ | 13 awa-py-mapér ‘três dedos do pé de gente’ |
| 4 tumeme ‘quatro’ | 14 awa-py-tumeme ‘quatro dedos do pé de gente’ |
| 5 meteĩhar-awa-po-upa ‘toda a primeira mão de gente’ | 15 awa-py-meteĩhar-upa ‘todo o primeiro pé de gente’ |
| 6 awa-po-wajar-meteĩ ‘a contraparte da mão mais um’ | 16 awa-py-wajar-meteĩ ‘a contraparte do pé mais um’ |
| 7 awa-po-wajar-mokōj ‘a contraparte da mão mais dois’ | 17 awa-py-wajar-mokōj ‘a contraparte do pé mais dois’ |
| 8 awa-po-wajar-mapyr ‘a contraparte da mão mais três’ | 18 awa-py-wajar-mapyr ‘a contraparte do pé mais três’ |
| 9 awa-po-wajar-tumeme ‘a contraparte da mão mais quatro’ | 19 awa-py-wajar-tumeme ‘a contraparte do pé mais quatro’ |
| 10 awa-po-upa ‘toda a mão de gente’ | 20 awa-py-upa ‘todo o pé de gente’ |

(CALDAS. 2009, p. 140)

Pelas vias do contato com a sociedade não-indígena os ka'apor sentiram a necessidade de ampliar seu quadro numérico para que pudessem transitar nos dois sistemas, assim, novos numerais surgiram (tem surgido) de associações entre os sistemas numerais ka'apor com as representações de imagens de animais correspondentes às cédulas do real.

4.6 Quando a língua reduplica

A língua ka'apor apresenta como advérbio para intensificar ações a partícula 'hũ', a qual, de acordo com Caldas (2009, p. 92), "expressa o valor intensivo, cujo valor semântico é o de funcionar como um intensificador de verbos ou adjetivos", como nos casos: "poir hũ" (atirar muito) e " 'u hũ" (comer muito) todavia, para se falar em certos casos de natureza repetitiva, intensificada, duplicada/multiplicada, a língua dispõe do fenômeno da reduplicação (Ka'apor: Panuha mokõi), o qual pode ser usada para verbos, adjetivos e alguns substantivos. Veja-se exemplos:

Mixi mixi: (mixi = virar): virar várias vezes - para quando se está assando alimentos como o milho.

Hape hape (hape = listra): para representação de coisa de caráter listrado;

Pinim pinim (pinim = pintar): para muito pintado; colorido;

Kutu kutuk (kutuk = furar): para a ação de furar várias vezes;

Pihum pihum (pihum = preto): para muito escuro, demasiado preto.

'u 'u ('u = comer): comer mais de uma vez; comer bastante.

O fenômeno da reduplicação acontece também de modo muito produtivo na língua portuguesa brasileira coloquial, como para exprimir um número grande de pessoas, ouvir-se/dizer-se "gente, gente, gente!", ou mesmo para dizer de grande número de crianças, ouvir-se/dizer-se "criança, criança, criança!", sendo usado, por vezes, um número maior que o da reduplicação. Um estudo acerca de outras

variedades da língua portuguesa falada em demais países, no que se refere à reduplicação poderia possibilitar compreender este fenômeno como provável resultado do contato entre português e línguas indígenas do tronco Tupi.

As línguas, bem como as culturas, articulam-se para atender às necessidades de seus usuários (re)criadores. Isso as tornam fenômenos intrinsecamente sociais, históricos, dinâmicos, complexos, mutáveis.

CAPÍTULO V

5.0 - Tradução Ka'apor de empréstimos linguísticos e culturais do português

Este capítulo versa acerca do estatuto dos empréstimos linguísticos do português em uso em aldeias ka'apor. Os empréstimos que se discutem nesta seção são apenas os de categoria nominal, e recobrem, em maior número, os nomes de objetos não indígenas incorporados ao sistema lexical da língua ka'apor, sobretudo aqueles que intercambiaram por influência do contato em áreas em que a incorporação de novos objetos motivaram a chegada de empréstimos linguísticos, como a escola, a cozinha, a indumentária e objetos de uso pessoal.

5.1 Tradução de empréstimos do português para o ka'apor: empréstimos traduzidos por circunlóquio

*Eu tô dizendo pra ele, né (!)... às vezes a nossa língua pra chamar essas coisa aí [empréstimos do português]... [usa palavras] muito comprida... aí... vocês, não. Por isso que pega muito nome, muito letra (...) tem até uma jia, sabe (!), é pequena, pequeninhinha, mas o nome é longo demais. É... **ta-ma-sa-kaj-me** (...) é pequena assim [fala dimensionando o tamanho com a mão].*

(Osmar ka'apor, em conversa sobre a língua e a renomeação dos empréstimos. Novembro de 2016)

Na relação de incorporação de empréstimos linguísticos do português, a língua, em muitos dos casos, durante o processo de recepção, reajusta-os a fim de que o empréstimo se torne menos estrangeiro, isto é, cause menos ruído e interferência quanto à sua constituição. Estas acomodações podem ser tanto intencionais como involuntárias, uma vez que a fonologia da língua se comporta como um dos principais filtros pelos quais estão condicionadas as pronúncias de todas as palavras; não diferente encontra-se a cultura, que também influencia e molda no que considera necessário para conceber o que lhe é novo, reajustando o que é estrangeiro para melhor atender a sua perspectiva e suas possibilidades, assim como o faz a língua. Está-se, portanto, diante de uma situação etnolinguística, dado o caráter linguístico e cultural frente à tradução e acolhimento de empréstimos linguísticos.

No caso mais específico da tradução de empréstimos culturais e linguísticos, entende-se aqui, a tradução pela qual um determinado grupo assimila para sua língua, por motivos externos ou internos ao grupo – sobretudo motivado pelo ingresso de objetos estrangeiros e seus respectivos nomes – vocábulos de outra língua com a qual tem estabelecido situação de contato, e nessa relação traduz para sua percepção de mundo a significação e nomeação de artefatos estrangeiros.

Assim, muitos empréstimos linguísticos, quando ingressam na língua ka'apor, passam por traduções que resultam em produção de neologias, visto que grande parte dos empréstimos dizem de realidades novas para a cultura e, desse modo, para a língua, também. A tradução da significação dos empréstimos é, normalmente, base para a constituição da tradução de empréstimos por circunlóquio. As constituições e motivações, nesses casos, resultam, normalmente, em lexias transparentes, como concebe Ullmann (1964), a respeito das significações de certas palavras por motivo de haver conexão relativamente direta entre suas nomeações e seus significados, como em português nomeações do tipo 'bem-te-vi', 'beija-flor', 'aeronave'.

Assim, no que concerne à tradução de empréstimos, a língua incorpora às palavras-empréstimos e seus conceitos os modos com que particularmente percebe os objetos nomeados na cultura *karaí*, bem como algumas noções-empréstimos que ingressam para o ka'apor, atribuindo-lhes, muitas vezes, nomes resultado de comparações com objetos ou significados da perspectiva de mundo ka'apor. Exemplificam alguns destes casos as criações lexicais que a etnia imprimiu sobre avião, guarda-chuva, violão, boneca, dentre outros, os quais resultaram em traduções por circunlóquio (estes casos serão demonstrados nas análises). Este tipo de tradução é produtivo em ka'apor, traduções oriundas de conceitos atribuídos, seja pela forma, seja pela significação conferida.

Para melhor apreciação destes fatos linguísticos, seguem-se fichas de traduções por circunlóquio de empréstimos linguísticos e culturais da cultura brasileira. As imagens que se apresentam ao lado das lexias estudadas são resultado ou de imagens apresentadas no catálogo de imagens, que serviram de ilustrações durante as entrevistas, ou tomam por base imagens que ilustram os artefatos percebidos nas aldeias em que se deram a pesquisa. Os verbos presentes nas fichas serão demarcados na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo,

já que em ka'apor não existe infinitivo (Kakumasu; kakumasu. 2007, p. 8). Antes, contudo, de se observar as fichas faz-se necessária a apresentação de três quadros elucidativos para a compreensão das transcrições e estrutura das fichas: um quadro que corresponde à ortografia do ka'apor e os fonemas correspondentes; um quadro referente às abreviaturas usadas; e outro referente à disposição das informações presentes nas fichas.

• Quadro ortográfico e fonético-fonológico

Quadro 4⁵⁰

VOGAIS						
letra	som	fonema	Ka'apor	Português	Ka'apor	Português
a	[a]	/a/	<i>tata</i>	Fogo	<i>Pahar</i>	depressa
e	[e] ~ [ɛ]	/e/	<i>membek</i>	Mole	<i>Eyr</i>	mel
i	[i]	/i/	<i>ita</i>	pedra	<i>piririk</i>	fritar, piscar
y	[ɨ]	/ɨ/	<i>u'y</i>	flecha	<i>y</i>	água
o	[o] ~ [ɔ]	/o/	<i>po'ok</i>	pegar	<i>oho</i>	ele vai
u	[u]	/u/	<i>su'u</i>	morder	<i>uhyk</i>	ele chegou
ã	[ã]	/ã/	<i>ma'ã</i>	observar, vigiar	<i>tamã</i>	gavião da anta
ê	[ê]	/ê/	<i>je'ê</i>	falar	<i>ku'ê</i>	manhã
ĩ	[ĩ]	/ĩ/	<i>ihĩ</i>	estar assentado	<i>kamuxĩ</i>	pote
ỹ	[ỹ]	/ỹ/	<i>jyjỹ</i>	engelhado		
õ	[õ]	/õ/	<i>ninõ</i>	dormir	<i>amõ</i>	outro
ũ	[ũ]	/ũ/	<i>jawarũ</i>	onça preta	<i>keruhũ</i>	grande
CONSOANTES						
letra	som	fonema	Ka'apor	Português	Ka'apor	Português
p	[p]	/p/	<i>pupũi</i>	pupunha	<i>pyrara</i>	sofrer
t	[t]	/t/	<i>kutuk</i>	furar	<i>matyr</i>	juntar
k	[k]	/k/	<i>kar</i>	frente da casa	<i>kekar</i>	caçar
kw	[k ^w]	/k ^w /	<i>kwar</i>	buraco	<i>ukwer</i>	ele dorme
'	[ʔ]	/ʔ/	<i>'ok</i>	casa	<i>mow'ok</i>	rachar
h	[h]	/h/	<i>hapy</i>	queimar	<i>kyha</i>	rede
s	[s]	/s/	<i>senemby</i>	camaleão	<i>asak</i>	eu vejo
x	[j]	/j/	<i>xĩ</i> ⁵¹	trinca-ferro	<i>jaxĩ</i>	jabuti
m	[m] ~ [mb]	/m/	<i>membyr</i>	filho(a) da mãe	<i>mixir</i>	torrar
n	[n] ~ [nd]	/n/	<i>nupã</i>	bater	<i>renda</i>	lugar

⁵⁰ (CALDAS. sd. sa.).

Houve ajuste na representação de alguns sons da tabela original para esta apresentada neste trabalho, a saber: [E]-[ɛ]; [O]-[ɔ]; [R]-[h], bem como a representação fonética das letras [y] e [ỹ], para, respectivamente [ɨ] e [ĩ]. Houve, também, a inserção do fone variante [d₃] para o fonema [j].

⁵¹ Espécie de pássaro.

ng	[ŋ]	/ŋ/	<i>ngã</i>	eles	<i>manga</i>	experimentar
ngw	[ŋ ^w]	/ŋ ^w /	<i>pirangwer</i>	cor rosa	<i>ngwe</i>	ter sede
r	[r]	/r/	<i>arapuha</i>	veado vermelho	<i>pirer</i>	pele
w	[w]	/w/	<i>awa</i>	gente	<i>warahy</i>	sol
j	[j] ~ [dʒ]	/j/	<i>jakare</i>	jacaré	<i>mujã</i>	fazer

• Quadro de abreviaturas usadas

Quadro 5

Abreviaturas	
<i>Aten.</i>	Atenuante
<i>Contx.</i>	Contexto
<i>Indefinido</i>	Indef.
<i>Nom.</i>	Nominalizador
<i>Pref.</i>	Prefixo
<i>Pl.</i>	Plural
<i>Sim.</i>	Similitivo
<i>Trad.</i>	Tradução

• Disposição das informações nas fichas

Quadro 6

Número da ficha	
Entrada em língua portuguesa	
Entrada em ka'apor + transcrição fonética + transcrição fonológica	
Estrutura morfológica da lexia	
Tradução das unidades significativas	
Tradução ka'apor-português da lexia	
Contextos de uso (Contx. :) ou informações adicionais sobre vocábulo e/ou objeto (Inf. Ad.).	
Obs.: nem todas as situações apresentarão este caractere, posto que, neste aspecto, não houve realização uniforme na coleta dos dados.	
Autor da coleta dos dados (C. dados)	
Sistematizador dos dados (Sist. dados:)	
Obs.: este item só existirá quando o coletor dos dados e o sistematizador – na forma como os dados são apresentados neste trabalho – não se tratarem de mesma pessoa.	
	Ilustração

5.1.1 Fichas de Traduções de Empréstimos por Circunlóquio

Campo semântico: COISAS QUE PODEM TER EM UMA CASA

1

ISQUEIRO

tata ra'yr [ta'ta ra'ʔir] /ta'ta ra'ʔir/

Tata ra'yr

Fogo Aten.

Trad.: 'fogo pequeno'

Contx.: Ihẽ aputar **tata ra'yr** Trad.: 'eu quero o foguinho' (kaŋi ka'apor)

C. dados: L. A.⁵²



2

PANELA

ma'e mupupur ha [ma'ʔe mupu'pur ha] /ma'ʔe mupu'pur ha/

ma'e mupupur -ha

coisa burbulha/ferve Nom.

Trad.: objeto onde cozinha

Contx.: como eu tô dizendo pra ele... **paner** já tem significado do potuguês... pra falá na língua é **ma'e mupupur ha**. (Osmar Ka'apor)

C. dados: L. A



⁵² L. A. (Lorram Araújo).

3

GARFO**ta kuje axĩ** [ta ku'je a'fĩ] /ta ku'je a'fĩ/*(i)ta* *kuje* *axĩ*

Pedra/ferro/material duro colher ponta

Trad.: 'colher com ponta dura', 'colher com ponta' ou 'colher com garras'

C. dados: L. A



4

COLHER**ta kuje** [ta ku'je] /ta ku'je/*(i)ta* *kuje*

Pedra/ferro colher

Trad.: colher

C. dados: L. A



5

FÓSFORO**tata rapyha** [ta'ta rapɨ'ha] /ta'ta rapɨ'ha/*Tata* *rapy* *-ha*

Fogo acende Nom.

Trad.: acendedor do fogo

C. dados: L. A



6

TELEVISÃO (1)

awa ngã jasakaha [aw'a ŋã jasaka'ha] /aw'a ŋã jasaka'ha/

awa ngã jasaka -ha

gente alma parece Nom.

Trad.: aparição da alma de gente

C. dados: Caldas (2009, p. 179).



TELEVISÃO (2)

ma'e'ã uhẽha [maʔe'ʔã uhẽ'ha] /maʔe'ʔã uhẽ'ha/

ma'e 'ã uhẽ -ha

coisa Desenho/Imagem aparece Nom.

Trad.: coisa aparecedor de imagem/desenho

Inf. Ad.1: “tem gente andando aí dentro” (Ingauwi Ka'apor)

Inf. Ad.2: “Porque esse objeto não é dos ka'apor, é do português, por isso que os ka'apor não têm um nome pra esse objeto, então eles colocaram só **terefesã**. Quem não pronuncia terefisã fala **Ma'e'ã uhẽha**” (Ingauwi ka'apor)

C. dados: L. A

7

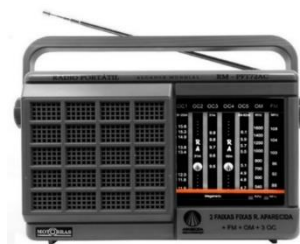
RÁDIO (1)

awa je'ẽha [aw'a je'ẽha] /aw'a je'ẽha/

awa je'ẽ -ha

gente/homem diz/fala Nom.

Trad.: o falador; homem falador.



C. dados: L. A.

RÁDIO (2)

ma'e tyapuha [ma'e tiapu'ha] /ma'e tiapu'ha/

Ma'e tyapu -ha

coisa barulho Nom.

Tra.: objeto barulhento/ barulhador*

C. dados: L. A.

8

PREGO

itaju [ita'ju] /ita'ju/

ita -ju

pedra/ferro espinho

Trad.: espinho de ferro

C. dados: Kakumasu Kakumasu (1995, p. 207).



9

VELA

Arapuharã ka [arapuha'rã ka] /arapuha'rã ka/

Arapuha -rã ka

Veado falso/parecido gordura

Trad.: parece banha de veado

C. dados: Caldas (2009, p. 59)



10

LÂMPADA**Arapuha kurukwa ryrū** [arapu'ha kurukwa riru] /arapu'ha kurukwa riru/*Arapuha kurukwa ryrū*

veado garganta bolsa/saco

Trad.: bolsa da garganta do veado

C. dados: Caldas (2013, p. 225)



Campo semântico: OBJETOS QUE TEM NA ESCOLA

11

BORRACHA**paper muweha** [pa'per muwe'ha] /pa'per muwe'ha/*paper muwe -ha*

papel apaga Nom.

Trad.: apagador de papel

C. dados: L. A.



12

LÁPIS**paper mupinĩha** [pa'pɛɾ mupinĩ'ha] /pa'pɛɾ mupinĩ'ha/*paper mupinĩ -ha*

papel escreve Nom.

Trad.: escrevedor de papel

C. dados: L. A.



13

CANETA (1)**paper mupinĩha** [pa'pɛɾ mupinĩ'ha] /pa'pɛɾ mupinĩ'ha/*paper mupinĩ -ha*

papel escreve Nom.

Tra.: escrevedor de papel

C. dados: L. A.

**CANETA (2)****paper mupiniha tikwer** [pa'pɛɾ mupinĩ'ha tʃikwɛɾ] /pa'pɛɾ mupinĩ'ha tikwɛɾ/*paper mupini -ha t- -ikwer*

papel escrever NOM. Pref. indef. líquido/caldo

Tra.: escrevedor de papel, com líquido

Contx.: “tem [um] líquido dentro” (kaĩ ka'apor)

C. dados: L. A.

14

COMPUTADOR

paper mupinĩha monoha [pa'pɛɾ mupinĩ'ha mõdõ'ha] /pa'pɛɾ mupinĩ'ha mono'ha/

paper mupinĩ -ha mondo -ha
 papel escreve Nom. manda Nom.

trad.: escrevedor e mandador de papel (papel como metonímia de texto)

C. dados: L. A.



15

RÉGUA

paper mangaha [pa'pɛɾ mãŋa'ha] /pa'pɛɾ mãŋa'ha/

Paper manga -ha
 papel mede NOM.

Trad.:medidor de papel

C. dados: L. A.



16

LÁPIS-DE-COR (1)**mutawaha** [mutawa'ha] /mutawa'ha/*mu- tawa -ha*

faz amarelo Nom.

Trad.: fazer amarelar/amarelado

C. dados: L. A.

**LÁPIS-DE-COR (2)****ma'e mutawaha** [ma'ʔe mutawa'ha] /ma'ʔe mutawa'ha/*ma'e mu- tawa -ha*

coisa faz amarelo Nom.

Tra.: coisa (que) faz amarelar/amarelado

C. dados: L. A.

LÁPIS-DE-COR (3)**paper mutawaha** [pa'per mutawa'ha] /pa'per mutawa'ha/*paper mu- tawa -ha*

papel faz amarelo Nom.

Trad.: pintor de papel

C. dados: L. A.

Ao que se dão a perceber os dados, esta lexia parece encontrar-se em caso de acordo ainda; configurando-se na língua, possivelmente. Em ka'apor 'pinim' quer dizer 'pintado'; 'mu-' é o verbo 'fazer'; e 'mupinim' é 'fazer pintar'; Contudo, pelos dados e pela tradução que os interlocutores (ka'apor) fizeram, vê-se a possibilidade de uma nova formação para o designativo de pintar/colorir que seria 'mu-tawa';

como se, nesta lexia, 'tawua' (amarelo) figurasse como sinônimo de pintar/de dar cor. Este fato lança-se como hipótese, apenas, na busca de justificar a tradução para o artefato que faz pintar de várias cores. Outra possibilidade que pode ser lançada aqui, tendo em vista o uso e a reincidência da palavra ka'apor para a cor amarela enquanto 'pintar', pode dizer respeito ao fato de o desenho usado no catálogo de imagens apresentar 4 lápis com esta cor e os demais aparecerem em número menos representativo e visível. Esta conjectura pode ser relevante quando pensamos no aspecto semântico-pragmático da língua e percepção ka'apor. Fato parecido aconteceu com a imagem do artefato 'bolacha', para o qual se apresentou imagem de bolacha de um tipo salgado, resultando em respostas que incorporavam este aspecto (bolacha salgada). Fato ainda parecido se deu com a resposta para a nomeação da imagem do artefato 'faca' (português), em que, tomando por base o 'terçado/facão', em ka'apor 'kise', alguns interlocutores responderam 'kise ra'yr' (*kise*, faca; *ra'yr*, pequena).

Campo semântico: OBJETOS ELETRÔNICOS E, OU, DE USO PESSOAL

17

CELULAR (1)

je'ěha monoha [dʒɛʔě'ha mōdɔ'ha] /jeʔě'ha mono'ha/

je'ě *-ha* *mondo* *-ha*

fala/ voz Nom. manda Nom.

Trad.: 1. Que fala. 2. Que manda/envia a fala. 3. Transfere o som da voz (Ingawi ka'apor). 4. Mandador da fala. 5. Entregador da fala (kanĩ ka'apor).

C. dados: L. A.

CELULAR (2)

ta paje [tʃa pa'dʒɛ] /ta pa'je/

(i)ta *paje*

Pedra/ferro feiticeiro



Trad.: 1.Pedra pajé. 2.Pedra que sabe das coisas.

Inf. Ad.: “que é de fazer ligação” (Ingawi ka’apor)

“[aqui] fala até três nome. Aqui é conhecido como **celulá** mas pode escrever **celular, ta paje, Je’êha monoha.**”

Não tem linha. Vai até na outra cidade, aí, por isso chama **ita pajé... paje** vem de ‘pajé’ mesmo. **Paje**, também, mesma coisa. Ele sente, sabe, descobre. Por isso que chama **ita paje**. (Maria Rosa ka’apor).

C. dados: L. A.

18

RELÓGIO

warahy mangaha [wara’hi mãṅa’ha] /wara’hi maṅa’ha/

warahy *manga* *-ha*

sol/tempo mede Nom.

Trad.: o medidor do tempo

Inf. Ad.: “tem um aqui, warahy mangaha, ó [mostrando um relógio de parede]!”
(Maria Rosa ka’apor)

C. dados: L. A.



19

SANDÁLIA (1)**ipy reheha** [i'pi rɛhɛ'ha] /i'pi rehe'ha/*lpy* *rehe* *-ha*

pé a respeito de/ em relação a Nom.

Trad.: “o que está a respeito dos pés”

C. dados: Caldas (2009, p. 276)



Caldas (2009, p. 181) registra esta inovação lexical para nomear sandália, assinalando-a como **py rehehar** (py rehehar = sandália) para o que se pode perceber a supressão de ‘i’ em **ipy** (pé), bem como a presença da alveolar [r], travando a sílaba final, traço este que, como já dito, parece vir acontecendo com menos frequência na língua, isto é, a manutenção de palavras cujas sílabas terminam em fonemas consonantais (posição de coda) vem acontecendo em menor número. Fato parecido acontece com a palavra neologismo para cinturão, (so’o pire [so’ʔo piɾɛ]) em ka’apor, em que ‘pire’ possuía pronúncia em **pirer** [so’ʔo piɾɛɾ], tem apresentado realização sem pronúncia da consoante alveolar final. Outros casos no mesmo sentido, deixam-se a perceber na atualidade da língua, como: **ok/o**, casa; **arar/ara**, arara; **jawar/jawa**, cachorro; **kujer⁵³/kuje**, colher. Apesar deste fato, a língua ka’apor, quando incorpora empréstimos linguísticos do português fazendo pequenos ajustes fonológicos, em muitos casos faz que as sílabas finais e tônicas apareçam travadas pelas consoantes [r] e [k], como demonstrarão casos a seguir, quando estiver se discutindo empréstimos com ajustes fonético-fonológicos.

⁵³ (CALDAS, 2009, p. 238)

20

CINTURÃO (1)**so'o pīrer** [so'ʔo pi'reɾ] /so'ʔo pi'reɾ/so'o *pire*

caça pele/casca

Trad.: pele de animal

C. dados: L. A.

**CINTURÃO (2)****xu'a pukwarha** [ʃu'ʔa pu'kwaɾha] /ʃu'ʔa pu'kwaɾha/*Xu'a* *pukwar* *-ha*

cintura amarra Nom.

Trad.: "pode ser amarrador de cintura" (Ingawi ka'apor)

Inf. Ad.: "(...) de amarrar na cintura. Nossos avó fala **xu'a pukwarha**. Nós fala agora **so'o pīrer**." (kañi ka'apor)

C. dados: L. A.

21

DOCUMENTOS (1)

'u'ar reherar ta ke [ʔuʔar rɛhɛhar ta kɛ] /ʔuʔar rɛhɛhar ta ke/

'U'ar reherar ta ke

Nasce sobre/a respeito plural Aft.

Trad.: a respeito do meu nascimento

C. dados: L. A.

**DOCUMENTOS (2)**

Jã ta [jã ta] /jã ta/

jã ta

retrato/fotos plural

trad.: fotos

C. dados: L. A.

22

BONECA

ta'yn ra'yr ngãpa [ta'ɣ̃ ra'ɣ̃r ɲã'pa] /ta'ɣ̃ ra'ɣ̃r ɲã'pa/

ta'yn ra'yr ngã -pa,

criança Aten. alma acabar

Trad.: criancinha que não possui mais alma

C. dados: Caldas (2009, p.179)



23

GUARDA-CHUVA**anyra pypo** [ãni'ra' pi'pɔ] /ani'ra' pi'po/*anyra pypo*

morcego asa

Trad.: asa de morcego

C. dados: Caldas (2009, p. 198)



24

VIOLÃO**ararape py'a soro** [arara'pe pi'ʔa so'ɾɔ] /arara'pe pi'ʔa so'ro/*arar pe py'a soro*

arara da entranhas para fora

Trad.: o som sai das entranhas da arara

C. dados: Caldas (2013, p.225)



25

MEIA (1)**ipy pukeka** [ipɨ puke'ka] /ipɨ puke'ka/*ipy* *pukek* *-(h)a*

pé cobre/embrulha Nom.

Trad.: embrulhador/cobertor do pé

C. dados: Kakumasu & Kakumasu (2007, p. 178)

Sist.: L. A.

**MEIA (2)****sapat namõ mundeha*** [sa'pat namõ mũde'ha] /sa'pat namõ mune'ha/*sapat* *namõ* *munde* *ha*

sapato com veste/mete/coloca Nom.

Trad.: (de) vestir com o sapato

C. dados: Kakumasu & Kakumasu (2007, p. 178)

Sist.: L. A.

*Os autores (Kakumasu & Kakumasu. 2007) grafam com 'nd'. Para Caldas (2009) este som trata-se apenas de uma variante de [n], não alcança, assim, a grafia da língua.

26

CHAPÉU**iankã rehehar*** [iãkãŋ rehehar]*i-* *ankã* *rehe* *har*

dele cabeça para/em Nom.

Trad.: para a cabeça

C. dados: Kakumasu & Kakumasu (2007, p. 178)

Sist. dados: L. A.



Campo semântico: MEIOS DE TRANSPORTE

27

AVIÃO

jarusu pypo [jaru'su pi'pɔ] /jaru'su pi'po/*jarusu* *i-* *-pypo*

canoa dele (do pássaro) asa

Trad.: canoa com asa

C. dados: Kakumasu & Kakumasu (2007, p. 95)

Desenho de Pina'yran ka'apor
(CALDAS, 2009, p. 193)

28

BICICLETA

Tapekōi [tapɛ'kōj] /tapɛ'kōj/*(i)ta* *-pekōi*

pedra/ferro instrumentos usado nos pés para galgar em árvores

Trad.: o ferro que faz transpor-se para a frente.

C. dados: L. A.



Em sua proposta de dicionário para a língua, Caldas (2009, p. 179) menciona haver, para alguns casos de neologias como essas, concorrência lexical com uso mais próximo das palavras-empréstimos do português, como para os casos de

‘televisão’ e ‘avião’ em que há também o uso das palavras *terevesã*, *ahi’ã*, resultado de ajustes apenas fonético-fonológicos.

Os exemplos vistos acima mostram que a composição de novas palavras em ka’apor, por vias da tradução cultural, se dá significativamente com uso da partícula *ha/har*, na marcação dos nomes (substantivos). Dos 37 casos assinalados, o nominalizador ka’apor esteve presente em 22. A motivação que faz uma construção vir a compor-se com o nominalizador demonstrou-se variável, designando artefatos para os quais se desencadeiem ações, como escrever, em “escrevedor de papel (com líquido)”, para ‘caneta’; enviar, em “enviador da voz”, para ‘celular’; medir, em “medidor do tempo”, para ‘relógio’, ou simplesmente compondo nomes que se encerram em funcionalidade prática, não precisando ser objetos que exprimam ações, necessariamente, como em *ipy rehehar* para ‘sandália’, no sentido de “o que está para os pés”, “acerca dos pés”, ou como no caso de ‘chapéu’ em *iankã reherar* “o que está acerca da a cabeça”.

A busca, muitas vezes, por nominalizar empréstimos culturais leva como referência, além da utilidade do artefato, como já dito, referenciais já existentes na cultura, tanto em aspectos linguísticos – isto é, quando já há palavras que denominem tais funções ou palavras que relacionem as unidades internamente – como é bastante produtivo, também, a referência a caracteres de animais que dispõem, na visão ka’apor, inicialmente da experiência com determinada característica, como em ‘guarda-chuva’, o qual demonstrou apresentar aparência de ‘asa de morcego’, a ‘vela’ que é feita de um material que lembra ‘a banha de veado’, ou, ainda, o som produzido no interior de um instrumento se assemelhando aos “sons que saem das entranhas da arara”, cujo lexia nomeia o violão. Esses referenciais somaram um número de 10 traduções por circunlóquio.

Como a base para a nomeação, nesses casos, é naturalmente as experiências culturais da língua e do grupo, e em ka’apor um dos modos de medir o tempo é por meio do sol, assim como a experiência ka’apor com relação a perspectivas/notícias é vista na figura do *paje*, as nomeações para ‘relógio’ e ‘celular’ ancoraram-se nas experiências dispostas, traduzindo a reflexão sobre os objetos como podendo se nomear de *warahy mangaha* e *ita paje*, respectivamente, em português ‘o medidor do sol’ (sol como metonímia de tempo) e ‘a pedra que sabe’ [das coisas]. Outros casos encontram-se na mesma esteira.

Das 37 traduções de empréstimos por circunlóquio apontadas, 22 seguiram nomeações motivadas pelas funções que desempenham os artefatos, dentro da perspectiva ka'apor. Outra referência que se demonstrou relevante no ato de nomear esses tipos de situações em ka'apor, foi a referência à palavra 'pedra' *ita*, que esteve presente em 5 dos casos, alguns deles já tão associada a uma composição que não se vislumbra com clareza a sua presença ou influência na construção. Um estudo mais aprofundado acerca dessa referência vista em *ita* como designando artefatos sólidos/resistentes poderia nos fazer percebê-la para além de um lexema ka'apor, possivelmente, um morfema atribuidor dessa noção. Em algumas palavras a existência de *ita* só é passível de ser percebida após cuidado com a reconstrução da morfofonologia da palavra.

Os próximos casos de empréstimos linguísticos em ka'apor tratarão mais especificamente de situações em que o uso e a composição de palavras-empréstimos se dá pelo viés das acomodações em níveis linguísticos da língua acolhedora.

5.2 Acomodações linguísticas em empréstimos do português para o ka'apor.

Além das traduções por circunlóquios, o ka'apor dispõe de outros exemplares de empréstimos adaptados, acomodados, mais especificamente em níveis fonológicos e morfológicos. Seguem os exemplos.

<p>01 BELÉM</p>	<p>MERÊI [mɛ'rɛj] /me'rɛj/ (CALDAS, 2013, p. 228) Ajustes: consoante oclusiva bilabial sonora [b], ajusta-se em nasal bilabial sonora [m] (nasalização); consoante lateral alveolar sonora [l] passa a consoante tepe alveolar sonora [r]; a consoante nasal bilabial sonora [m] semivocaliza-se na aproximante [j].</p>
<p>02 LANTERNA</p>	<p>RÃTE [rã'tɛ] /rã'tɛ/ Ajustes: consoante lateral alveolar sonora [l] ajusta-se em consoante tepe alveolar sonora [r]; síncope de fricativa glotal surda [h] em posição de coda; supressão da sílaba final postônica '-na'.</p>

<p>03 MARTELO</p>	<p>MATER [ma'tɛr] /m'ate/ Ajustes: síncope da fricativa glotal surda [h] em posição de coda; consoante lateral alveolar sonora [l] ajusta-se em consoante tepe alveolar sonora [r]; supressão da vogal da sílaba final postônica.</p>
-------------------------------------	--

Nos casos 02 e 03 a motivação para a síncope do fonema [h], se deu por conta de a língua não permitir que este som aconteça nesse contexto, de coda, apenas em contexto de início de sílaba;

<p>04 BOLACHA</p>	<p>MURAJ [mu'raj] /mu'raj/ Ajustes: consoante oclusiva bilabial sonora [b] ajusta-se em consoante nasal bilabial sonora [m] (nasalização); consoante alveolar sonora [l] ajusta-se em tepe alveolar sonora [r]; a sílaba final postônica '-cha' enfraquece-se, ajustando-se na aproximante [j].</p>
-------------------------------------	--

'Muraj' é um empréstimo ajustado que tem sido usado por alguns ka'apor em concorrência com outra nomeação para 'bolacha', que é a tradução cultural do empréstimos para a forma 'mejurayr' [mejura'ʔir], que em tradução para o português seria uma 'bolacha pequena'.

<p>05 COPO</p>	<p>KORA'YR [kɔra'ʔyr] /kora'ʔyr/ (CALDAS, 2013, p. 222) Ajustes: supressão da sílaba final postônica '-po' (port.) e inserção de sufixo designador de tamanho pequeno '-rayr' (Kp.).</p>
----------------------------------	--

<p>06 PRATO</p>	<p>1-PARATUPE [paratu'pɛ] /paratu'pɛ/ Ajuste: inserção de fonema vocálico 'a' na primeira sílaba, a fim de desfazer o encontro consonantal, não comum na língua; inserção do sufixo '-pe', designador de 'instrumento'. 2-PARA [pa'ra] Ajuste: inserção de fonema vocálico 'a' na primeira sílaba, a fim de desfazer o encontro consonantal; supressão de sílaba postônica final.</p>
-----------------------------------	---

Nos exemplos 05 e 06 há demonstrações de ajustes linguísticos acontecendo em dois níveis, o fonológico e o morfológico, tendo em vista as supressões por que passaram as paroxítonas do português no contexto de uma língua de preferência oxítona, bem como a alteração em caso de sílabas cuja formação CCV, não possível no ka'apor, passa a CV. Além desses casos, as palavras foram ajustadas no nível morfológico, posto que passaram a ser compostas de morfemas mistos. Os morfemas lexicais do português foram revistos e a eles foram anexados afixos ka'apor, atribuindo traços da língua e da cultura à percepção sobre os objetos, por meio de suas nomeações;

<p>07 SAPATO</p>	<p>SAPA [sa'pa] /sa'pa/ Ajuste: supressão da sílaba postônica final.</p>
<p>08 BURRO</p>	<p>MU [mu] /mu/ (KAKUMASU; KAKUMASU, 2017, p. 30) Ajustes: nasalização da consoante oclusiva bilabial sonora [b] pela consoante nasal oclusiva bilabial sonora [m]; supressão da sílaba postônica final.</p>
<p>09 LATA</p>	<p>RA [ra] /ra/ Ajustes: consoante lateral alveolar sonora [l] passa a consoante tepe alveolar sonora [r]; supressão da sílaba postônica final.</p>
<p>10 LARANJA</p>	<p>NARÃI [na'rãj] /na'rãj/ (CALDAS, 2013, p. 224) Ajuste: consoante lateral alveolar sonora [l] ajusta-se em consoante nasal alveolar sonora [n] (nasalização); enfraquecimento da sílaba postônica final, ajustando-se na aproximante [j].</p>
<p>11 BALADEIRA</p>	<p>MARANE [marã'ne] /marã'ne/ (CALDAS, 2013, p. 225) Ajustes: consoante oclusiva bilabial sonora [b] ajusta-se em consoante nasal bilabial sonora [m] (nasalização); lateral alveolar sonora [l] ajusta-se em consoante tepe alveolar sonora [r]; consoante oclusiva dental-alveolar sonora [d] ajustou-se em consoante nasal alveolar sonora [n]; monotongação de 'ei' e supressão da sílaba final postônica.</p>

12 LAMPARINA	ARÃPARI [arãpa'ri] /arãpa'ri/ (KAKUMASU; KAKUMASU, 2017, p. 15) Ajustes: incorporação (prótese/aglutinação) do artigo 'a' (port.) à palavra; consoante lateral alveolar sonora [l] ajusta-se em consoante tepe alveolar sonora [r]; supressão da sílaba postônica final.
13 PANELA	PÃNER [pã'ner] /pa'ner/ Ajustes: consoante lateral alveolar sonora [l] ajusta-se em consoante tepe alveolar sonora [r]; supressão da vogal 'a' em sílaba final postônica.

Os exemplos de 07 a 13, bem como outros que fazem parte desta análise, marcam sobremaneira as alterações por que passam as palavras portuguesas por motivo da posição do acento de intensidade divergir da do Ka'apor, respectivamente, paroxítonas e oxítonas; e, ainda, as acomodações pelas quais passam os sons que não se caracterizam como fonemas na língua ka'apor, ocasionando correspondências entre fonemas que, em sua grande maioria, apresentem traços comuns, como são os casos de: [l] > [r]; [l] > [n]; [b] > [m]; [d] > [n]; [z] > [s]. A língua ka'apor apresenta sistema de fonemas consonantais desvozeados em número considerável, ao passo que o português dispõe de um sistema relativamente harmônico em pares de desvozeados e vozeados, de modo que na passagem dos empréstimos do português para o ka'apor, é, por assim dizer, comum que grande parte dos ajustes se deem sobremaneira em duas direções: a) em trocas de fonemas que em português são sonoros e para os quais o ka'apor dispõe apenas do sua realização surda; ou, como alguns dos casos analisados acima, em que as acomodações se dão apenas entre fonemas vozeados que partilham, quase sempre, mais de um traço em comum, como é o caso de fonemas cuja único traço diferenciador é oralidade/nasalidade;

14 MÁQUINA <small>(DE COSTURA)</small>	MAK [mak] /mak/ (KAKUMASU; KAKUMASU, 2017, p. 99) Ajustes: supressão das sílabas postônicas átonas final e pré-final, com manutenção do fonema [k], contíguo à sílaba tônica.
--	--

Neste exemplo, 14, a manutenção do fonema [k], que se encontra em início de sílaba postônica, e que, por esse motivo, regularmente deveria ter sido sincopado nos ajustes, possivelmente se deu por ser bastante produtivo na língua ka'apor sílabas com esta formação, isto é, com o fonema [k] em posição de coda, em sílabas tônicas;

<p>15 CAMISA</p>	<p>KAMIXÃ [kami'fã] /kami'fã/ Ajustes: nasalização da vogal 'a' da sílaba final; hiperbibismo do tipo diástole (deslocamento, com avanço, da sílaba tônica)</p>
------------------------------------	--

Ao que se percebeu, pela pesquisa feita, a diástole (mudança da posição da sílaba tônica para a sílaba seguinte) mostra-se como um caso incomum nos ajustes de empréstimos linguísticos. O mais natural é que a língua, após as a emissão das sílabas tônicas de cada palavra faça silêncio, apocopando tudo o que for postônico, pois não alcança sons átonos postônicos;

<p>16 TELEVISÃO</p>	<p>TEREFISÃ [terefi'sã] /terefi'sã/ Ajustes: consoante lateral alveolar sonora [l] ajusta-se em consoante tepe alveolar sonora [r]; consoante fricativa labiodental sonora [v] passa a consoante fricativa labiodental surda [f]; consoante fricativa alveolar sonora [z] passa a consoante fricativa alveolar surda [s]; monotongação da sílaba 'são' em 'sã'.</p>
---------------------------------------	--

Os trabalhos de Caldas (2009) e kakumasu & kakumasu (2007) não registram a presença de consoantes labiodentais no ka'apor. Caldas (2009), que se deteve mais a questões descritivas da língua, não marca as suas presenças nem como sons variantes. A realização de labiodentais é sempre ajustada por fonemas de outras naturezas quando a língua ka'apor se defronta com a situação. Por exemplo, na palavra do português 'café', [ka'fe] a fricativa labiodental surda ajusta-se em fricativa alveolar surda, gerando a forma 'kase' [ka'sɛ]. Contudo, ao que se pôde

descrever, apenas o caso de ‘terefisã’ dá suporte ao uso de uma consoante labiodental no ka’apor.

Os ka’apor, em alguns casos, por já disporem de nomeações para determinadas situações ou nomes de artefatos, ainda que tenham incorporados em sua cultura objetos de mesma natureza, só que agora estrangeiros, mantiveram os nomes já registrados na língua. Este, foi o caso, possivelmente dos exemplos que se seguem.

5.3 Empréstimos de artefatos, nomeações já existentes

Outra situação encontrada para o caso de empréstimos linguísticos e culturais se deu quando, buscando justificar possíveis traduções para renomeações de artefatos da cultura *karai* na língua ka’apor, percebeu-se que as renomeações se davam pela nomeação objetiva de realidades já existentes na aldeia, ou para o caso de realidades correspondentes, por exemplo:

CARTEIRA

myrape tymã [myra'pe tɻmã] [myra'pe tɻmã]

myra *pe* *tymã*

madeira para perna

Trad.: (lit.) madeira achatada, com pé;

(KAKUMASE & KAKUMASU. 2007, P. 97)

Esta nomeação possivelmente já era existente na língua antes do ingresso do artefato cadeira/carteira, e recobre, ainda, outros objetos que compartilham certos traços, como o ‘banco’, a mesa e a cama. Nas realizações ocorridas durante as entrevistas a nomeação dada à carteira foi “Wapykha” que é outra nomeação dada a objetos para assento. Outros exemplos são as nomeações para:

BERMUDA = xiru pita [ʃi'ru 'pita] /ʃi'ru 'pita/;

FAÇA = kise [ki'se] /ki'se/. Esta forma nomeia tanto ‘faca’ como a ‘terçado’;

SAIA = ihaj [i'haj] /i'haj/;

ESPELHO = warywa [wary'wa] /wary'wa/;

GARRAFA = karoj (~garoy) [ka'roj] /ka'roj/.

Há, ainda, o uso de empréstimos linguísticos que têm sido usados na língua ka'apor sem modificações consideráveis em suas estruturas, presentes na língua com sua forma preservada da forma na língua portuguesa, pelo menos em seus aspectos estruturais.

5.4 Empréstimos linguísticos diretos

“o branco chama isqueiro, aí tem gente
[aqui] que chama isqueiro”
Maria Rosa Ka'apor⁵⁴

Há pequeno número de empréstimos no ka'apor que resultam de incorporações diretas e objetivas das palavras em português, sem nenhum tipo de adaptação, pelo menos no que se refere aos empréstimos referentes à empréstimos nominais. Desses, são exemplos coletados, apenas as seguintes palavras:

Pai , mãe , parente, batizado, capitão/capitoa.

Durante as entrevistas foram possíveis registrar, entretanto, usos, ao mesmo tempo, tanto de empréstimos por circunlóquio ou empréstimos com alterações fonético-fonológicos, o uso também de empréstimos para estas mesmas realidades concorrendo com formas diretas do português, assim, há falantes (entrevistados) que reconhecem na aldeia existência do uso das formas: 'celular', 'isqueiro', 'computador', 'rádio', por exemplo.

Não são registrados, pelos estudiosos (CALDAS 2009; KAKUMASU 2007; LOPES, 2009) que apresentam pesquisas com a língua ka'apor, e mesmo em uso

⁵⁴ Citação retirada de texto da transcrição das entrevistas.

na língua na atualidade, referência a empréstimos linguísticos de outra categoria que não seja a dos nomes, no máximo o que se conseguiu registrar, e apenas em situação de discursos em reuniões que marcam diálogos entre questões das duas línguas e culturas, foi o uso de expressões (*codeswitching*) relacionadas, quase sempre, à educação, à proteção das florestas ou à saúde, os temas que mais fazem as militâncias ka'apor transitarem entre o mundo dos não indígenas, assim, por exemplo, registrou-se: 'educação', 'metodologia', 'projeto', 'guarda florestal' e 'proteção territorial'. Uma possibilidade para a incorporação destes empréstimos de modo direto pode dar-se por conta de tratarem-se de empréstimos que, não só dizem de realidades novas para os ka'apor, dentro de seus respectivos campos, como também, resultam de construções significativamente abstratas que reúnem em uma só palavra noções complexas.

DISCUSSÕES FINAIS

“Os costumes duma nação tem repercussão na língua, e, por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a nação” (Saussure, 1999, p. 29).

“Precisamos aprender a lutar com papel” (Itahu Ka'apor, em encontro sobre a educação ka'apor. MA, 2016)

Língua ka'apor, mundo ka'apor. Formas de viver em ka'apor, maneiras de pensar (em) ka'apor.

Todas as línguas apresentam exatamente o número suficiente de recursos de que precisam para materializar, por meio da linguagem, o que pertence à sua cultura, tudo o que de algum modo mostra-se necessário ser nomeado, renomeado, traduzido ou incorporada uma nova partícula, um calço. A necessidade cultural de atribuir nome às coisas, às ações, aos seres, dentro de um grupo de indivíduos, dá às línguas e culturas a complexidade e dinâmica que lhes é inerente. Toda língua articula-se tendo como base o ponto de equilíbrio entre o que é preciso nomear, o que se pode nomear, o que não se mostra necessário ganhar nomes. A etnolinguística percebe as línguas por meio de lentes como estas, interpretando as línguas como resultados de visões particulares de seus falantes, de necessidades dos grupos que as usam. Porque, como dito em outros momentos no transcurso

desta pesquisa, estudar uma manifestação como a língua é embarcar por uma nova interpretação da história das coisas e da relação com elas. É, pois, visitar um outro mundo.

Todas as línguas naturais resultam de mecanismos da natureza humana para se firmarem; todas as sociedades de que se tem registro apresentam alguma forma de linguagem, de comunicação. Elas, as línguas, em consonância com a cultura, são resultados de experiências particulares de cada grupo, o que fomenta a tipologia das línguas, as concepções diferenciadas para um mesmo evento (com relação a outro grupo) ou animal, por exemplo, tornando, a um só tempo, além da língua, a cultura, ou vice-versa, mecanismos que particularizam os modos de vida e percepção de mundo de um grupo. Nesse sentido, estudar uma língua, é, também, ao mesmo tempo, engendrar-se por muitos caminhos.

O estudo dos contatos linguísticos e dos empréstimos do português, em ka'apor, além de colaborar para a compreensão de aspectos do funcionamento da língua, a qual apresenta, ainda, poucos estudos, aponta para corroboração de aspectos linguísticos já consagrados nessa relação de contatos interlíngues, bem como diz acerca do estatuto peculiar ka'apor da tradução (linguística e cultural) e dos aspectos que se mostram preponderantes nesse momento por que passa a língua, em relação ao português, circundante ((quase) sufocante).

Parte dos ka'apor tem buscado a aprendizagem da língua portuguesa por motivos de melhor transitarem entre os dois mundos, sobretudo por necessidades verdadeiramente pontuais, como: compreender as leis que lhes amparam, redigir seus documentos em língua portuguesa (a fim de poderem ser atendidos e compreenderem um sistema externo que os rege); para terem profissionais ka'apor que atuem nas aldeias e fora delas, pelos ka'apor, sobretudo em áreas como educação, saúde e questões de gerenciamento de suas terras (desejam, alguns, profissionalizarem-se em cursos universitários, para este fim). O português, para eles, é válido, enfaticamente, por esses motivos, "porque precisamos aprender a lutar com [a letra e] o papel".

Com relação a outras percepções mais pontuais de resultados desta pesquisa, pôde-se perceber que (1) há número relevante de empréstimos do português no ka'apor, e que em sua maioria recobrem nomeações em campos específicos, em que a cultura não indígena tem sido mais forte ou mais necessária

para os indígenas nessa relação de contato, como os campos semânticos selecionados para esta pesquisa, motivados, justamente, pela percepção de proeminência destes nos modos atuais de vida dos ka'apor. Como se demonstrou, (2) os empréstimos culturais, muitas vezes não são usados em ka'apor com as nomeações que trazem da cultura estrangeira, mas são renomeados na língua com base nas experiências linguísticas e culturais de que a etnia dispõe, a fim de percebê-los, de compreendê-los. Assim, a experiência linguística e cultural se dá como um forte filtro no que se refere a conceber o que é estrangeiro. Quanto a esses ajustes, (3) pôde-se depreendê-los como sendo resultados de questões tanto voluntárias como condição para manejá-los, uma vez que esses empréstimos passam pelas dimensões do sentir próprio do grupo, bem como, algumas vezes, resultam de acordos estabelecidos entre eles, em conversas objetivas sobre a língua ka'apor e o português. (4) Estas renomeações constroem, muitas vezes, lexias por meio de traduções por circunlóquio. Em outros casos, pôde-se perceber que certas renomeações se dão por substituições de palavras já existentes na língua, que, em certa medida, correspondem às mesmas realidades não indígenas, como no caso de nomeações para 'espelho', 'saia', etc. Estes casos reuniram um número não muito expressivo de situações. De igual modo (5) não houve número expressivo de dados que se fizesse perceber os empréstimos substituindo nomeações para realidades ou artefatos já existentes em ka'apor, como 'pai' e 'mãe', e outros poucos. Para o caso dos empréstimos por circunlóquio, (6) percebeu-se, ainda, a relativa produtividade do nominalizador *-ha* [ha] na constituição de renomeações de nomes resultados de traduções por circunlóquio, bem como (7) a referência à forma *ita-* [i'ta], pedra, na língua, constituindo semântico e morfológicamente novas palavras.

Quanto às (8) modificações de ordem fonético-fonológicas que acontecem nas acomodações de empréstimos, percebeu-se que os ajustes se dão fortemente na direção de trocas de fonemas que na língua portuguesa são vozeados orais, para outros com os quais partilham traços homorgânicos no Ka'apor, contudo, em alguns casos, nasais, como os casos de [l] > [n]; [l] > [r]; [b] > [m]; [d] > [n]; [z] > [s]. A nasalidade pareceu um mecanismo muito comum da língua. E como a sílaba proeminente em ka'apor é a oxítônica, (9) raros foram os casos em que as paroxítonas resistiram, sendo, normalmente, opocopadas. Outros eventos

linguísticos, como (10) a inserção de fonemas para desfazer encontros consonantais, bem como enfraquecimento de sílabas finais ajustando-se em aproximante 'j' precisariam de número maior de realizações para que se considerasse sua produtividade como ajuste representativo nessa relação de acomodações linguísticas dos empréstimos.

De um modo mais geral, pôde-se perceber, ainda, que (1) os empréstimos linguísticos da língua portuguesa presentes no Ka'apor não parecem apontar para um início de obsolescência de língua, isto é, não demonstram estabelecer situação de ameaça ao Ka'apor, pelo menos neste dado momento. Esta percepção pode ser assim considerada pelo fato de (2) os ka'apor apresentarem como língua usada para as situações rotineiras de comunicação a língua ka'apor (ainda que uma parcela da etnia seja bilíngue), sendo o espaço da língua portuguesa reservado apenas para situações de conversa com falantes do português, e, sobretudo, usada pelos homens, na cidade; (3) se deve ao fato de os empréstimos, percebidos por esta pesquisa, apresentarem, em sua maioria, adequações significativas à língua acolhedora; (4) não se apresentam, consideravelmente, como substitutivos de palavras pré-existentes na língua, ou como concorrentes, em número representativo; (5) ainda que se apresentem, alguns, como variantes com relação a formas ka'apor, são variantes que concorrem com o empréstimo em sua forma portuguesa bem ajustadas a estruturas linguísticas do ka'apor (dando a perceber que a língua exerce forte pressão sobre o que é estrangeiro; os empréstimos são presentes apenas em alguns dos campos onde há maior incidência da influência da cultura não indígena falante do português, (6) o que deixa claro que estes empréstimos, ainda que sejam intercambiados de uma língua majoritária para uma minoritária, têm ingressado no ka'apor para dar conta das ausências lexicais de que a língua dispõe em relação a artefatos e conceitos mais próprios da cultura do não índio. (7) E, como já suscitado, poucos foram percebidos os casos em que houve uso de empréstimos linguísticos marcando substituições em ka'apor para palavras ou noções de que a língua já contemplava. Isso localiza o empréstimo linguístico dentro da percepção de empréstimos linguísticos enriquecendo o vocabulário da língua acolhedora.

E, embora, não tenha sido o propósito desta pesquisa, não se percebeu nenhum uso de empréstimos nas aldeias, nem nos materiais bibliográficos

estudados, que fizessem referências a empréstimos que não fossem de base nominal, mas sim, apenas nas classes abertas, como substantivos, adjetivos e verbos, sobretudo os substantivos. Esta questão situa o empréstimo e a língua acolhedora num lugar relativamente confortáveis, pois quando há empréstimos linguísticos intercambiando em classes mais rígidas das línguas, a situação passa a se mostrar mais preocupante para todo o sistema linguístico e cultural da língua que está incorporando esses elementos estrangeiros.

No que respeita ao papel deste trabalho em devolutiva aos ka'apor, além de construir-se como mais um material que discute aspectos vários sobre a etnia, com maior inclinação para fatos linguísticos e culturais, com a conclusão deste estudo, deseja-se que esta pesquisa auxilie, em reflexões e levantamento de dados, a educação básica ka'apor, sobretudo as mais relacionadas à língua, tendo em vista discussões aqui levantadas acerca do ka'apor e suas renovações de vocabulário, por influência do português, bem como breves elucidações respeitantes ao contato linguístico e cultural por que vem passando a etnia; as questões acerca do bilinguismo ka'apor-português. Assim, levando em consideração estes pontos, mais especificamente, almeja-se promover oficinas/aulas de noções elementares da língua, noções culturais ka'apor e reflexões sobre tradução interlíngua e cultural, tanto para professores não indígenas como professores indígenas envolvidos no ensino nas aldeias. Bem como, deseja que parte desta participação com o grupo que atua na educação escolar ka'apor encaminhe-se, ainda, pelo comprometimento em participação na produção de materiais didáticos para o ensino bilíngue e intercultural e para reflexões respeitantes à políticas pedagógicas voltadas a um ensino que atenda às necessidades e desejos específicos dos ka'apor (uma luta latente no ensino formal ka'apor).

No que concerne aos dados deste trabalho, a pesquisa, por alguns momentos, deixou clara a necessidade de que houvesse maior tempo 'em campo' a fim de maiores referências, materiais para alcançar reflexões mais gerais e, possivelmente, mais profundas, concernentes a alguns dos dados. Contudo, como se deixou claro na metodologia, por vários motivos, estas vivências não foram possíveis, condicionando e reconduzindo este trabalho. Assim, esta pesquisa aponta para novas questões que devem ser desenvolvidas em estudos futuros, com volume maior de dados coletados, bem como com experiências em campo mais

expressivas. Assim, pode-se dizer, esta pesquisa finda uma de suas etapas aqui, por hora, mas deixa espaços abertos para a continuação de outros enfoques desencadeados por ela.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do Signo ao Discurso: Introdução à Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Parábola Editora. 2004. p. 9-56.

ALKMIM, Tânia Maria. **Sóciolinguística**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 21-47.

ANDRADE, José Maria Mendes. **Ipy'a pe ukwa katu te'e - ele sabe por si mesmo: uma etnografia do saber-fazer cotidiano e ritual na formação da pessoa Ka'apor**. Dissertação de Mestrado-Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2010.

BALÉE, William **Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil - Instituto Socioambiental. Ka'apor**. s.d. s.a. Fonte: Instituto Socioambiental | Povos Indígenas no Brasil. Tulane University. Traduzido do inglês por Ana Valéria Araújo (advogada, membro do Conselho Diretor do ISA). Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaapor/print>. Acessado em: 06/02/2017.

BARRETO, Evanice Ramos Lima. **Etnolinguística: pressupostos e tarefas**. Revista Virtual Partes. Publicado em 02.07. 2010.

BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra, ou, o Albergue do Longínquo**. Tradução: Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. 2ª ed. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

BEVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Trad. Eduardo Guimarães *et al.* Campinas, SP: Pontes, 1989.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 25-40.

BURKE, Peter; HSIA, R. Po-Chia (orgs). **A Tradução Cultural nos Primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. P. 13-73.

CABRAL, A. S. A. C.; MAGALHÃES, M. M. S. **Contribuição aos Estudos Comparativos da Família Tupí-guaraní: as Línguas do Subconjunto VIII**. In.: Atas do II encontro nacional do grupo de estudos de linguagem do Centro-Oeste: integração linguística, étnica e social. Denize Elena Garcia da Silva. (organizadora). — Brasília : Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004. 3v.

CALDAS, Raimunda Benedita. **Uma Proposta de Dicionário para a Língua Ka'apór**. 2009. 334f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF.

_____. Nomeação em *Ka'apor*: reflexões sobre a tradução em face dos empréstimos do português. **TradTerm**. São Paulo, v. 22, p. 217-237, 2013.

_____. **Guia de sobrevivência para viagens interculturais ka'apor Português**. sd. sa.

CAMARA JÚNIOR, J. Matoso. **Dicionário de Linguística e Gramática: referente à Língua Portuguesa**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes. 2000.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos Linguísticos na Língua Portuguesa**. São Paulo: Cortez. 2009.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: Uma Introdução Crítica**. Trad. Marcos Marconilo. São Paulo: Parábola, 2002. p. 35-63.

CANCLINI, Néstor Garcia. *As Culturas Populares no Capitalismo*. São Paulo. Editora Brasiliense. 1983. p. 16-60.

COUTO, Hildo Hoório do. **Linguística, Ecologia e Ecolinguística: Contato de Línguas**. São Paulo: Contexto. 2009.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Aspectos de Etnolinguística – a toponímia Carioca e Paulista – Contrastes e Confrontos**. Revista USP. São Paulo, n. 56, p. 180-191, dezembro/fevereiro 2002-2003.

DINAH, Callou; YONNE, Leite. **Iniciação à Fonética e a Fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2005. 10. ed. p. 76-104.

ELIA, Sílvio. **Sociolinguística. Uma Introdução**. Rio de Janeiro: Padrão. Niterói: Universidade Federal Fluminense (EDUFF/PROED). 1987. p. 17-91.

FABRE, Alain **Diccionario etnolingüístico y guía bibliográfica de los pueblos indígenas sudamericanos**. TUPI. 2005. Disponível em: <http://www.ling.fi/Entradas%20diccionario/Dic=Tupi.pdf> . Acesso em: 05.02.2017

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 4.ed. rev. e ampliado. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIORIN, Luiz José. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. **Línguas Indígenas e Português: Contato ou Conflito de Línguas?**. In. SILVA, Sidney de Souza. **Línguas em Contato:**

Cenários de Bilinguismos no Brasil. Coleção: Linguagens e Sociedade. V.2. Campinas. São Paulo: Pontes Editores, 2011. p. 41-72.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** 1ª ed. 13ª reimpre. Rio de Janeiro. 2008. p. 3-21.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** 4.ed. rev. E aumentada. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

HOJIER, Harry. **A Origem da Linguagem.** In: HIL, Archibald Anderson (Org.). **Aspectos da Linguística Moderna.** Tradução de Adair Pimentel Palácio, Maira do Amparo B. de Azevedo e Maria Antonieta. São Paulo: Cultrix; EdUSP, 1974. p. 53-61.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação.** Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. ed.: 22. São Paulo: Cultrix, 2010.

KAKUMASU, James; KAKUMASU, Kiyoko. **Dicionário por Tópicos Urubu-Ka'apor-Português.** Brasília: Summer Institute of Linguistics/Fundação Nacional do Índio, 2007.

KROEBER. A.L. **A Natureza da Cultura.** Edições 70. Lisboa. 1993. p. 39-79
KRISTEVA, Julia. **A História da Linguagem.** Trad. De Marina Margarida Barahona. Lisboa-Portugal. 1969. p. 67-81.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar. 2011. 24ª reimpr.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem.** Trad. Tânia Pelegrine. Campinas, São Paulo: Papirus, 1989.

LOPES, Mário Alexandre Garcia. **Aspectos Gramaticais da Língua Ka'apor.** 2009. 287f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, MG.

LOUIS-JEAN, Calvet. **Sociolinguística: uma Introdução Crítica.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Pa'rabola. 2002. p. 35-63.

_____ **A ordem no Sintagma Nominal em Ka'apor.** In: Revista Guavira-Letras: “*Estudos de línguas indígenas faladas no Brasil: uma perspectiva dos estudos da pós-graduação*”, Mestrado em Letras, Campus de Três Lagoas,

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Vol. 01, n. 08 (2005- Três Lagoas). FERREIRA, R. V. (Org.). p. 53-63)

LIMA BARRETO, Evanice Ramos. **Etnolinguística: Pressupostos e Tarefas.** Partes. São Paulo. Junho de 2010. ISSN 1678-8419. Disponível em <www.partes.com.br/cultura/etnolinguistica.asp>. Acesso em: 23. 02. 2017.

MAHER, Tereza Machado. **Sendo índio em Português...** In: Inês Signorini (org.). *Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado.* Campinas, São Paulo: Mercado de Letras. 2ª reimpressão. 2001. p. 115-138.

MARTINET, André. **Elementos de Linguística Geral.** Brasil: Martins Fontes editora. 8ª ed. 1978.

MATEUS, Maria Helena Mira. **Se a língua é um factor de identificação cultural, como se compreenda que uma língua viva em diferentes culturas?** Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Rio de Janeiro, Outubro de 2001. Disponível em: http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2001-mhmateus-quando_uma_lingua_vive.pdf. Acessado em: 16. 10.2016.

MESQUITA, Rodrigo. **Empréstimos linguísticos do português em Xerente Akwé.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras. 2009. 144 folhas.

NGUNGA, Armindo. **Empréstimos Nominais de Português.** In: Charlotte Galves; Helder Games; Fernando Rosa Ribeiro. (orgs.). Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2009.

NUNES, Patrícia Vieira. **Empréstimos Linguísticos do Português do Brasil na Língua Munduruku (Tupi).** Anais do 5º Encontro do Celsul, Curitiba-PR, 2003. p. 1186-1190. (Faculdade Michelangelo – DF).

PETER, Margarida. **Linguagem, Língua, Linguística.** In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística: I. Objetos Teóricos.** São Paulo: Contexto. 2015, p. 11-24.

PINKER, Steven. **O instinto da Linguagem: como a gente cria a linguagem.** Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 5-19.

RIBEIRO, Darcy. **Diários Índios: Os Urubus-Kaapor.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas.** São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Breve Histórico da Língua dos Índios Vistos por Cabral.** *Universa*, Brasília. V.8, nº 3, p. 541-552, setembro. 2000.

_____. Tupi, Tupinambá, Línguas Gerais e português do Brasil. In.: DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker (orgs.) **O Português e o Tupi no Brasil.** São Paulo: Contexto. 2010.p. 26-47.

SANTOS, José Luís dos. **O que é cultura?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
SANTOS, Midian Araujo; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **Contato de Línguas: Empréstimos Linguísticos do Português em Krahô.** Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

SAPIR, Edward. **El Lenguaje: Introducción al Estudio del Habla.** Tradução de Margit y Antonio Alatorre. México-Buenos Aires: Breviários (del fondode cultura económica). 2 ed. 1962.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral.** Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1999.

SEARA, Izabel Christine. **Fonética e fonologia do português brasileiro : 2º período /** Izabel Christine Seara, Vanessa Gonzaga Nunes, Cristiane Lazzarotto-Volcão . Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011. 119 p.

SEKI, Lucy. **Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI.** Revista Impulso 12 Edição sobre os 500 anos do Brasil. Universidade Metodista de Piracicaba. 2000. p. 233-256. n. 27.

SILVA, Beatriz Carreta Corrêa da. **Considerações sobre classes de palavras em ka'apor.** *Revista Universa*. Brasília. V.8, nº 3, p. 597-608, Setembro. 2000.

TEIXEIRA, Raquel F.A. **As Línguas Indígenas no Brasil.** In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Dionisete Benzi (orgs.). **A Temática Indígena na Escola: Novos Subsídios para Professores de 1º e 2ª graus.** Brasília, MEC/MA- RI/UNESCO, 1995. p.290-310.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: Uma Introdução à Ciência do Significado.** Trad. J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1964. 167-190.

Apêndices

CARTA DE AUTORIZAÇÃO E INTENÇÕES DE PESQUISA EM ALDEIAS KA'APOR

Bragança, ____ de _____ de 2016.

Eu, Lorrarn Tyson dos Santos Araújo, aluno do programa de Pos-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, com entrada em Fevereiro de 2015 e saída em Fevereiro de 2017, venho por meio deste documento, pedir, junto ao Conselho de Gestão Ka'apor, autorização para fazer pesquisa de dissertação de mestrado em algumas aldeias da etnia e dizer de como se organiza minha pesquisa.

As aldeias a que me refiro, para pesquisa, serão as aldeias em que acontecerem as aulas da Educação Escolar Ka'apor, uma vez que a pesquisa apresenta vínculo com as aulas de Língua Portuguesa, por meio de auxílio linguístico e reflexões acerca do ka'apor e, também, do ka'apor em contato com a Língua Portuguesa. A pesquisa é intitulada "Língua e Cultura no processo de tradução Ka'apor: Ajustes Linguísticos em Empréstimos do Português" e visa, assim, analisar palavras-nomes pertencentes à língua portuguesa que vem fazendo parte do vocabulário da língua ka'apor.

De modo efetivo a metodologia da pesquisa vai se dar da seguinte forma: deseja-se, com a ajuda de um caderno de imagens feito com imagens de objetos da cultura não indígena mas presentes nas aldeias, se fazer pequenas entrevistas com os ka'apor falantes (da língua portuguesa) que possam dizer, de modo breve, como nomeiam/conhecem tais objetos na língua ka'apor, a fim de que se perceba, por meio das realizações de pronúncias, se as palavras-nomes que usam são as mesmas formas em português, ou se apresentam modificações, sejam modificações no nível da fonética e fonologia ka'apor, com mudanças de sons, por exemplo, ou mudanças de formas de nomear diferente, em que se nomeiam os objetos conforme palavras próprias da língua ka'apor, com base na tradução ka'apor de palavras do português.

Estas palavras que nomeiam objetos que não são originariamente da língua e cultura ka'apor, também poderão ser percebidas, em conversas espontâneas, entre os ka'apor e entre os ka'apor e falantes da língua portuguesa, sempre que elas forem percebidas pelo pesquisador. A pesquisa, por estar vinculada à educação, poderá estar condicionada aos momentos de alternância das aulas nas aldeias.

E, no que se refere à colaboração desta pesquisa, para com a os ka'apor, ressalto, ela se vincula à Educação Escolar ka'apor e reflete acerca da língua ka'apor e suas renovações lexicais, por influência do português; reflete acerca do contato linguístico e cultural por que vêm passando a etnia; reflete breves questões acerca do bilinguismo ka'apor-português; dá continuidade aos trabalhos referentes ao registro da língua ka'apor e ao português ka'apor iniciados pela professora Raimunda Benedita Cristina Caldas. E, além destes pontos, por meio desta pesquisa, intenciona-se colaborar com os professores da educação escolar ka'apor no sentido de produção de matérias didáticos e auxílio linguístico no projeto, tendo em vista língua ka'apor e a relação do ensino bilíngue proposto para educação escolar ka'apor.

Certo de suas autorizações, agradeço.

Lorrarn Tyson dos Santos Araújo
PPLSA- UFPA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUAGENS E SABERES NA
AMAZÔNIA

Catálogo de imagens

ORIENTADORA: RAIMUNDA BENEDITA CRISTINA
CALDAS

ORIENTANDO: LORRAM TYSON DOS SANTOS ARAÚJO

COISAS QUE PODEM TER EM UMA CASA

IMAGEM - 01



IMAGEM - 02



IMAGEM - 03



IMAGEM - 04



IMAGEM-05



IMAGEM
06



IMAGEM
07



IMAGEM-08



IMAGEM - 09



IMAGEM -10



IMAGEM- 11

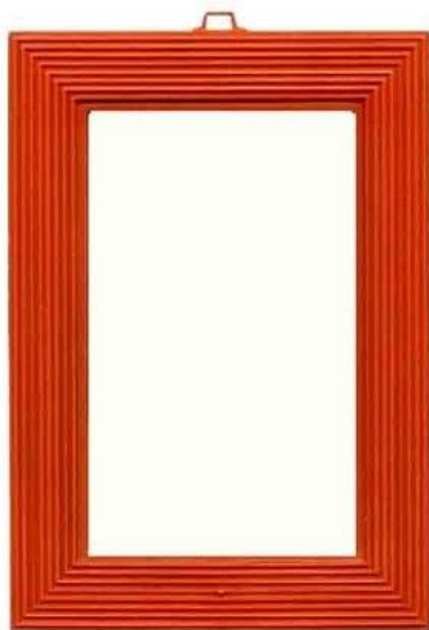
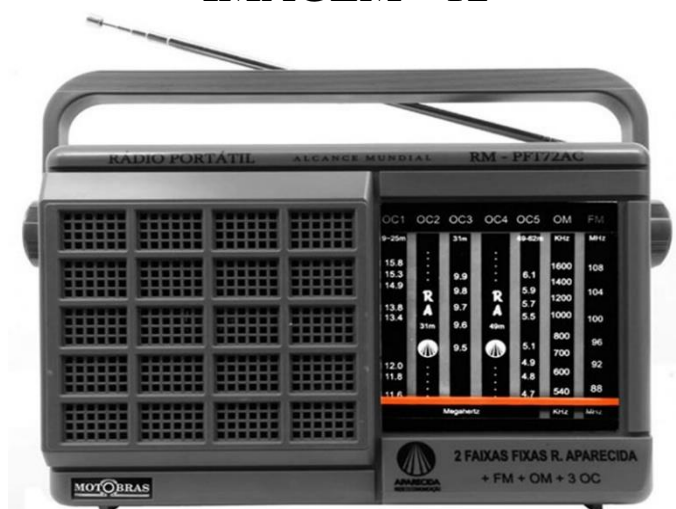


IMAGEM - 12



OBJETOS QUE TEM NA ESCOLA

IMAGEM - 13

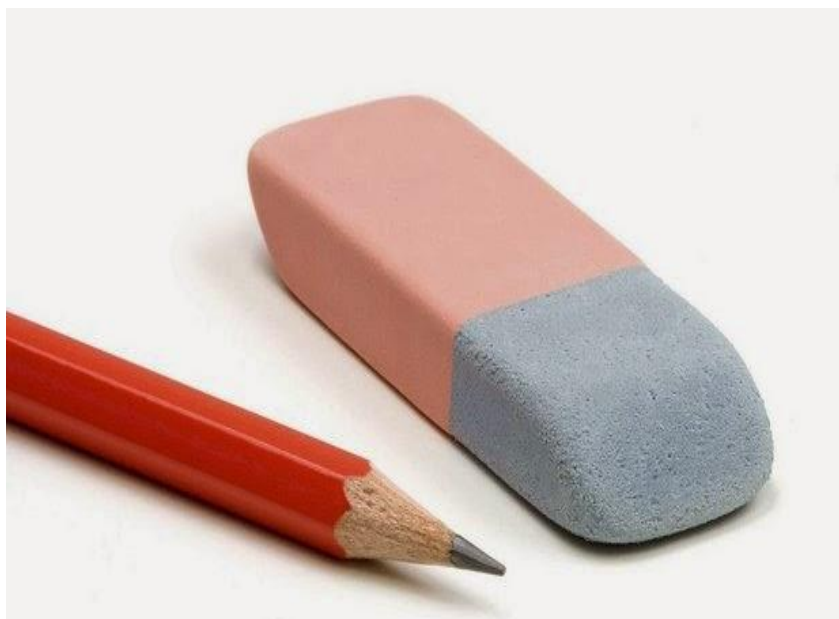


IMAGEM -14



IMAGEM -15



IMAGEM -16



IMAGEM – 17

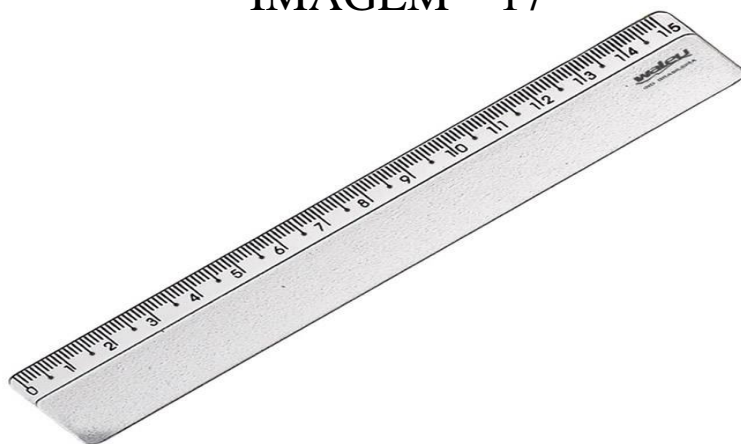


IMAGEM - 18



IMAGEM - 19



IMAGEM – 20



OBJETOS ELETRÔNICOS E/OU DE USO PESSOAL

IMAGEM - 21



IMAGEM -22



IMAGEM – 23



MAGEM -24



IMAGEM – 25



IMAGEM - 26



IMAGEM – 27



IMAGEM – 28



IMAGEM - 29



IMAGEM - 30

